T	т	•		1	T 1	11	D 1	
ı	11	1117	arcid.	വില	Federa	ı da	Ral	hia

Instituto	de	Psico	logia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rodrigo de Sena e Silva Vieira

Idadismo: a influência de subtipos nas atitudes sobre os idosos

Salvador, Bahia 2018 Universidade Federal da Bahia

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rodrigo de Sena e Silva Vieira

Idadismo: a influência de subtipos nas atitudes sobre os idosos

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de

Pós-graduação do Departamento de Psicologia da

Universidade Federal da Bahia, como requisito

para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e do

Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Emanoel Pereira.

Salvador, Bahia

2018

2

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

```
Vieira, Rodrigo de Sena e Silva
Idadismo: A influência de subtipos nas atitudes
sobre os idosos / Rodrigo de Sena e Silva Vieira. --
Salvador, 2018.
173 f.
```

Orientador: Marcos Emanoel Pereira. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia) -- Universidade Federal da Bahia, Departamento de Psicologia, 2018.

1. Idadismo. 2. Subtipos. 3. Preconceito. 4. Discriminação. 5. Psicologia Social. I. Pereira, Marcos Emanoel. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA

Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

"IDADISMO: A INFLUÊNCIA DE SUBTIPOS NAS ATITUDES SOBRE OS IDOSOS"

Rodrigo de Sena e Silva Vieira

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcos Emanoel Pereira (Orientador)
Universidade Federal da Bahia / UFBA

Prof. Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima Universidade Federal de Sergipe - UFS

> Prof. Dr. Altair dos Santos Paim Instituto Federal da Bahia - IFBA

Prof. Dr. Raimundo Cândido de Gouveia Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.ª Dr.ª Elza Maria Techio
Universidade Federal da Bahia - UFBA

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Afrânio e Evângela, por tudo.

A Marina, por tudo.

A Marcos Emanoel, pela paciência, pela amizade, por expandir minha visão sobre pesquisa e por algumas das melhores aulas de Psicologia que já tive.

A Marcus Eugênio, pelo apoio em momento crucial.

A Cláudia, Leonardo e Marluce, pela ajuda inestimável na aplicação dos estudos.

Aos colegas de Mestrado e Doutorado, em especial Aline e Gilcimar, pelo ótimo convívio e pelas experiências compartilhadas.

Com grande sinceridade, muito obrigado a todos vocês.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise de componentes principais da escala de ansiedade sobre envelhecer, em
que foram encontrados 3 fatores (N=160)
Tabela 2: Médias e desvios padrão das respostas aos itens de idadismo para os grupos
"maternal", "senhor idoso", "estadista" e "idoso geral"
Tabela 3: Matriz de ANOVAs fatoriais para as dimensões "demissão", "sucessão",
"preconceito benevolente", "preconceito hostil" e "estereótipos negativos", em que se
encontraram interações entre os fatores "tipo de idoso" e "sexo do idoso"
Tabela 4: ANCOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, nas dimensões demissão e
sucessão, antes e depois de controlados para ansiedade sobre envelhecer
Tabela 5: Médias e desvios padrão das respostas às dimensões de ansiedade sobre envelhecer
para os grupos "maternal", "senhor idoso", "estadista" e "idoso geral"
Tabela 6: Matriz de correlações (Pearson) entre as dimensões de idadismo e ansiedade sobre
envelhecer (n = 160)
Tabela 7: Análise de componentes principais da escala de idadismo ambivalente, em que
foram encontrados 3 fatores
Tabela 8: Análise de componentes principais da escala de sucessão, identidade e controle,
em que foram encontrados 2 fatores (N=165)
Tabela 9: Médias e desvios padrão das respostas às dimensões de competência e
sociabilidade para os grupos "proximidade" e "afastamento"
Tabela 10: Médias e desvios padrão das atribuições de competência e sociabilidade para os
grupos "competição" e "não competição"
5. 4 p c c c c c c c c c c c c c c c c c c
Tabela 11: Matriz de correlações (Pearson) entre competência e as dimensões de idadismo

intergeracional, controladas para sociabilidade (n = 165)
Tabela 13: Matriz de correlações (Pearson) entre competência e as dimensões de idadismo,
quando não controlados os escores de sociabilidade (n = 165)
Tabela 14: Matriz de correlações entre sociabilidade e as dimensões de idadismo, antes e
depois de controlados os escores de competência (n = 165)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão					
"demissão"					
Figura 2: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão					
"sucessão"					
Figura 3: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão					
"preconceito benevolente"					
Figura 4: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão					
"preconceito hostil"					
Figura 5: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão					
"estereótipos negativos"					
Figura 6: Gráfico indicando o impacto da manipulação de proximidade vs afastamento nas					
atribuições sobre competência e sociabilidade dos idosos, segundo ANOVA para medidas					
repetidas					
Figura 7: Gráficos indicando o impacto, em homens e mulheres, dos contextos de					
competição vs não competição nas atribuições sobre competência e sociabilidade dos idosos,					
segundo ANOVA para medidas repetidas					
Figura 8: Gráficos indicando o impacto da proximidade e do afastamento nos escores de					
idadismo ambivalente manifestados por homens e mulheres, segundo ANOVA para medidas					
repetidas					
Figura 9: Gráficos indicando o impacto da proximidade e do afastamento nas médias das					
respostas de homens e mulheres às dimensões de conflito intergeracional					
Figura 10: Gráfico indicando o impacto dos contextos de competição vs não competição na					
manifestação de idadismo ambivalente, segundo ANOVA para medidas repetidas 115					

Figura 11: Gráficos indicando o impacto, em homens e mulheres,	dos contextos de
competição vs não competição nas medidas de conflito intergeracional,	segundo ANOVA
para medidas repetidas	116

RESUMO

Idadismo diz respeito a processos sistemáticos de preconceito e discriminação contra idosos. Trata-se de um tema ainda pouco estudado, tanto no Brasil quanto no exterior, embora suas consequências possam ser claramente verificadas em instâncias como a individual, a institucional e a societal. Explicações de diferentes níveis são atribuídas ao fenômeno, como perspectivas individuais que associam os idosos à mortalidade do ser humano ou transformações socioculturais que lhes resultaram em baixo status. Ressalta-se que a maior parte dos atuais estudos sobre idadismo tem considerado uma figura genérica do idoso em detrimento da heterogeneidade deste grupo. Este trabalho parte de perspectivas sobre a categorização social para propor que idosos são mais bem representados através de subtipos, categorias subordinadas que carregam maior quantidade de informação, sejam elas consonantes ou dissonantes do estereótipo geral. Com base no modelo do conteúdo dos estereótipos, defende-se a tese de que os tipos de idoso considerados menos competentes estão mais próximos do estereótipo geral e sofrem mais preconceito; de maneira compatível, aqueles considerados mais competentes funcionam como exceções à regra e sofrem menos preconceito. Propõe-se também que contextos de aproximação fazem com que idosos sejam avaliados como mais sociáveis, sem impactos específicos na atribuição de competência, o que não aumenta seus status sociais; e que contextos de competição fazem com que o grupo seja visto como menos competente, sem variações significativas na sociabilidade, o que forma bases para avaliações negativas. Dois estudos empíricos realizados com estudantes universitários vão ao encontro dessas hipóteses, relevando também a influência da variável gênero, seja dos idosos ou dos respondentes.

Palavras-chave: preconceito, discriminação, idosos, idadismo, ageísmo, subtipos.

ABSTRACT

Ageism refers to systematic processes of prejudice and discrimination against the elderly. It is a subject that has not yet been widely studied, both in Brazil and abroad, although its consequences can be clearly verified in instances such as the individual, the institutional and the societal. Explanations of different levels are attributed to the phenomenon, such as individual perspectives that associate the elderly with the mortality of the human being or socio-cultural transformations that have resulted in low social status for that group. It is noteworthy that most of the current studies on ageism have considered a generic figure of the elderly, ignoring the heterogeneity of this group. This paper starts from perspectives on social categorization to propose that older people are better represented through subtypes, subordinate categories that carry more information, whether consonant or dissonant of the general stereotype. Based on the stereotype content model, this thesis defends that the types of elderly which are considered less competent are closer to the general stereotype and suffer more prejudice; in a compatible way, those considered more competent function as exceptions to the rule and suffer less prejudice. It is also proposed that contexts of approximation cause the elderly to be evaluated as more sociable, with no specific impacts on the attribution of competence, which does not increase their social status; and that contexts of competition makes the group be seen as less competent, without significant variations in sociability, which forms the basis for negative evaluations. Two empirical studies carried out with undergraduate students meet these hypotheses, also highlighting the influence of the gender as a variable, either in reference to the elderly or to the respondents.

Key words: prejudice, discrimination, elderly, ageism, subtypes.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. VISÕES SOBRE OS IDOSOS	17
3. IDADISMO	21
3.1 Da categorização aos subtipos	39
3.2 Tipos de idoso e de idadismo	59
3.3 Medindo o idadismo	70
3.4 Direções de investigação	73
4. ESTUDO 1: SUBTIPOS E PRECONCEITO	77
4.1 Método	77
4.2 Resultados e discussão	83
4.3 Conclusões	93
5. ESTUDO 2: CONTEXTOS E CARACTERIZAÇÃO DE IDOSOS	96
5.1 Método	97
5.2 Resultados e discussão	105
5.3 Conclusões	116
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	127
ANEXO 1	153
ANEXO 2	165

1. APRESENTAÇÃO

Nas sociedades ocidentais, a valorização de atributos como juventude, beleza estética e produtividade é evidente e gera efeitos marcantes. Por um lado, a exaltação de padrões de aparência invade o campo dos cuidados clínicos, promovendo o que se pode chamar de estetização da saúde (Mariuzzo, 2012). Por outro, observa-se que jornadas de trabalho estressantes e com altas exigências podem resultar em doenças para quem trabalha e prejuízos às próprias atividades laborais (Macedo et. al, 2007). Esta é uma dinâmica que, além de implicações danosas e indesejáveis sobre toda a população, atinge, de forma particular, um grupo específico de indivíduos que é comumente caracterizado como a antítese dos padrões idealizados: os idosos.

Desde sempre, mas especialmente nas últimas décadas, o envelhecimento de um indivíduo é um processo que vai além de transformações físicas em curso. Além do cunho privado, existe um caráter público que extrapola experiências pessoais e é, por vezes, moldado pelos contextos sócio-histórico, político e das relações que se estabelecem (Hagestad & Settersten, 2017). Como será abordado adiante, a velhice contemporânea é um estágio da vida a que se imputam grandes incompatibilidades com atributos valorizados. O desprestígio de características físicas dos idosos e a associação destes a perfis socialmente desvalorizados, como os de incompetência e improdutividade, são um fenômeno evidente, que implica menosprezo ao grupo e diminuição de seu status social. Esses elementos formam a base do chamado idadismo, que se refere a formas sistemáticas de preconceito e discriminação contra indivíduos de idade avançada.

Vindo do inglês *ageism*, o termo idadismo ainda não é consensual em estudos nacionais sobre o tema, que também utilizam terminologias como ageísmo ou ancianismo. Em relação a outras formas de preconceito, nota-se que, no idadismo, pesa o fato de que

jovens tornar-se-ão idosos no futuro, ou seja, o exogrupo tornar-se-á endogrupo, algo que não acontece naturalmente em dimensões como cor da pele ou sexo. Dada a desvalorização da velhice e a notória busca pelo seu adiamento em nossa sociedade, a ideia de que jovens serão velhos tem implicações particulares nas atitudes contra os idosos, visto que, mesmo de forma não consciente, existem processos de rejeição e evitação resultantes desse quadro (Bergman & Bodner, 2016).

Um dos aspectos mais traiçoeiros do idadismo é o fato de ele poder operar sem a consciência, o controle ou a intenção de prejudicar o alvo (Levy & Banaji, 2002), e isso pode ser observado em duas frentes: a primeira delas, como já sugerido, é o fato de que as pessoas querem se manter jovens, e o enaltecimento da juventude torna a rejeição ao envelhecimento algo socialmente aceito. Na segunda frente, percebe-se que, ao contrário do que ocorre em questões religiosas ou raciais, não existem grupos de ódio ou oposição direcionados a idosos. Apesar disso, Levy e Banaji observam que a discriminação existe e é invisibilizada como um problema, já que não parece haver sanções sociais marcantes à expressão de crenças ou atitudes negativas contra os mais velhos. Como resultado, manifestações aviltantes em relação à velhice e a tornar-se idoso são comuns, seja de forma caricata, como em piadas, seja através de atribuições quaisquer que concluem: jovem é bom, velho não é bom (Nelson, 2015).

A aceitação do idadismo também decorre de suas maneiras mais sutis de manifestação, a saber, nos casos em que ele pode ser classificado como positivo ou "pseudopositivo". Isso se reflete em tratamentos excessivamente ajustados em relação aos idosos, como a utilização de linguagem simplificada para lidar com eles ou privações a atividades cotidianas para resguardá-los em demasia - fenômenos que podem, indiretamente, associá-los a figuras infantilizadas e impotentes (Cherry & Palmore, 2008). Partindo de cenários como estes, conclui-se que o idadismo é um fenômeno complexo, seja porque a sociedade não está acostumada a lidar com idosos como alvos de preconceito e discriminação, seja porque certos

tratamentos em relação a eles são normatizados como boa educação em nossa cultura, e não parece simples avaliar quais são os níveis aceitáveis para esse tipo de conduta.

É fato, entretanto, que os idosos são um contingente com o qual se terá que aprender a lidar num futuro próximo, pois serão um grupo cada vez mais significativo. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) revelam que, no ano de 2012, a parcela da população com 60 anos ou mais em nosso país era de 25,4 milhões, ou 12,6% do total. Em 5 anos, esse número subiu em 4,8 milhões, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. Projeta-se que, em 20 anos, o número de idosos deve superar o de crianças e adolescentes de até 15 anos; e que, no ano de 2060, um quarto da população brasileira seja constituído por esse grupo etário. A grande representatividade dos indivíduos nesta fatia demográfica, que não serão uma minoria numérica entre as categorias etárias, deve fomentar o debate sobre as relações intergeracionais nos próximos anos.

Este trabalho originou-se de estudos anteriores que avaliaram o idadismo através de estereótipos, dissociação de crenças e preconceito em suas vertentes implícita e explícita (Vieira, 2013). Entre os resultados encontrados, destacam-se uma ambivalência nas crenças sobre os idosos, em que elementos positivos são atribuídos às opiniões dos respondentes e elementos negativos são imputados à visão da sociedade. Além disso, ao contrário do que se observou em declarações explícitas, na via implícita, encontraram-se atitudes significativamente negativas. Mas esses achados, assim como resultados de outros estudos da área, deixam aberta a pergunta: quem são os idosos enunciados pelos participantes em suas crenças e como essa referência pode influenciar suas atitudes sobre o grupo?

Deve-se considerar, inicialmente, que os idosos formam uma categoria bastante heterogênea. O que dizer, por exemplo, da diferença entre indivíduos com 60 e 90 anos? Novos padrões de expectativa de vida fizeram com que essa disparidade tenha se tornado comum. E, embora pessoas de ambas as faixas etárias possam ser consideradas idosas, elas possuem idades suficientemente distintas para integrarem uma mesma família como pai e

filho, mãe e filha etc; logo, pode-se supor que, no cotidiano, sejam concebidas a partir de perfis diferenciados e que enfrentem questões dessemelhantes no convívio social. Além do referencial estritamente etário, tal qual será melhor abordado adiante, também se podem utilizar critérios como posição social ou estado psicológico para a categorização de idosos (Schneider & Irigaray, 2008). As diferenças surgem até mesmo a partir de parâmetros particulares utilizados por quem evoca o grupo, uma vez que figuras maternais, próximas do que se associa a uma avó, devem resultar em crenças significativamente distintas do que se vincula a figuras menos amáveis, sejam elas caracterizadas como rígidas ou decadentes.

Além disso, considerando o crescimento da população idosa e de sua expectativa de vida, o idadismo também pode se desdobrar a partir de contextos sociais. Com efeito, o maior contato entre indivíduos de diferentes gerações pode implicar quadros de conflito em circunstâncias diversas, sejam decorrentes de supostas discrepâncias de hábitos, ou mesmo em virtude de disputas por posições sociais e recursos materiais. Em resumo, o idadismo pode surgir de possíveis competições, percebidas sobretudo pelos mais jovens, no que tange ao acesso e ao consumo de recursos reais e simbólicos (North & Fiske, 2012).

Neste trabalho, propõe-se que o idadismo pode ser entendido a partir de subtipos, não só por haver diferenças no modo como se concebem os idosos, como também porque diferentes contextos podem influenciar tais concepções, repercutindo, consequentemente, nas atitudes sobre o grupo-alvo. Visa-se, portanto, a investigar o impacto de tais especificidades no entendimento do fenômeno.

Nas páginas que seguem, será feita uma revisão de literatura sobre os principais conceitos do idadismo, sobre os processos de categorização e suas implicações na formação de subtipos, sobre os subtipos de idosos e de idadismo. Em seguida, serão apresentados dois estudos realizados com estudantes universitários que tiveram como principais objetivos investigar a influência de subtipos nas atitudes sobre os idosos, e a influência de diferentes contextos na caracterização feita por não idosos sobre esse grupo.

2. VISÕES SOBRE OS IDOSOS

A idade, juntamente com a raça e o sexo, está entre as três principais categorias utilizadas na percepção de um ser humano (Fiske, 1999). Assim, as concepções que se formam sobre diferentes faixas etárias tornam-se um tópico de grande importância para que se compreenda como crianças, jovens, adultos e idosos são idealizados. No caso dos idosos, existe, em senso comum, uma tendência ambivalente no modo como são retratados: por um lado, com carinho e a valorização de suas experiências; por outro, sob todo o desprestígio associado ao envelhecimento e a suas possíveis implicações.

Este é um pensamento que se reflete em estudos sobre o tema. Os próprios idosos associam o termo "pessoa velha" às ideias de experiência e de doenças (Santos, Tura & Arruda, 2013). Ou, ainda, vêm a velhice como uma ameaça a suas autonomias, no caso dos homens, e como uma possibilidade de desfrutar da vida, no caso das mulheres, embora estas também deem destaque às limitações e à aparência física feia (Fernandes & Garcia, 2010). Familiares de idosos, que, a princípio, seriam fonte de visões positivas, também podem associar o envelhecimento a aspectos negativos, como perdas e doenças (Cruz & Ferreira, 2011). Um trabalho envolvendo diferentes grupos etários encontrou um núcleo central das representações sobre o envelhecimento baseado em três noções principais: as de sabedoria, experiência e aposentadoria (Torres, Camargo, Bousfield & Silva, 2015). Também foi marcante, nestes resultados, a desvinculação do envelhecimento com os elementos ligados pelos participantes ao trabalho, como "atividade", "capacidade", "sexo", "saúde", "amigos" e "utilidade".

Em geral, percebe-se que, em pesquisas que se baseiam em manifestações abertas, há uma tendência de se retratar o envelhecimento sob um referencial dividido, que destaca aspectos positivos e negativos. Com efeito, num extenso trabalho que envolveu participantes de 26 diferentes culturas, atribuiu-se ao envelhecimento os aspectos negativos de declínio na

aparência física, na habilidade de se realizar tarefas diárias e de se aprender coisas novas; em contrapartida, realçaram-se possíveis ganhos em sabedoria, conhecimento e respeito, além de autoridade familiar e satisfação com a vida (Löckenhoff et. al, 2009).

Apesar de a associação com doenças e declínio físico parecer natural, autores ponderam que a decadência aferida à velhice também pode ser creditada a hábitos e comportamentos, destacando a importância de se buscar o chamado envelhecimento bemsucedido. Nessa perspectiva, o estilo de vida, combinado com fatores genéticos e ambientais, tem poder de influência sobre aspectos negativos associados ao envelhecimento (Cruz & Ferreira, 2011; Ferreira, Maciel, Costa, Silva & Moreira, 2012).

Deve-se destacar que existem importantes contrapontos à ótica do envelhecimento bem-sucedido. Pondera-se que, em algum nível, ela pode ser fonte de tensão para os idosos que a percebem como algo fora de seus controles, sobretudo quando os padrões de sucesso estão vinculados a práticas de consumo e a ideais inalcançáveis de desempenho (Calasanti, 2016; Nizamova, 2016). É um retrato da complexidade do tema, em que a linha que separa o almejado do excessivo pode ser tênue. De todo modo, baseando-se no julgamento geral que se faz sobre as consequências do envelhecimento, comumente relacionado aos piores casos, é possível afirmar que a relação obrigatória entre idade avançada e doenças, altamente disseminada, pode constituir um exagero (Ruppel, Jenkins, Griffin & Kizer, 2010). Nesse sentido, considera-se a existência de um envelhecimento primário, que seria o processo gradual e inevitável de deterioração física, e o envelhecimento secundário, aquele que resulta de doenças, abusos e maus hábitos, podendo ser controlado (Papalia & Feldman, 2013).

Mudando o foco do envelhecimento para a figura do idoso, estudos sobre estereótipos confirmam uma tendência à visão dividida. Numa pesquisa em que perguntaram a estudantes universitários sobre como a sociedade descreveria os idosos e sobre como eles mesmos o fariam, Vieira e Lima (2015) encontraram uma dissociação de crenças em que concepções negativas – "inúteis", "incapazes", "estorvo" - eram atribuídas à sociedade, enquanto

expressões positivas — "experientes", "podem contribuir", "merecem respeito" - eram creditadas às visões pessoais dos participantes. Neste caso, parece haver influência de uma norma de desejabilidade social organizando as respostas que, de todo modo, informam sobre a composição geral do imaginário popular. O tipo de conteúdo se mantém quando não são solicitadas separações entre visões particulares e coletivas: outro estudo nacional envolvendo diferentes grupos etários apontou para a existência de heterogeneidade nas atribuições ao grupo, qualificado através de categorias como "culto", "depressivo", "ranzinza", "positivo" e "negativo" (Torres, Camargo & Bousfield, 2016).

No contexto norte-americano, Palmore (1999) apontou a existência de ao menos nove tipos de associação negativa ao idoso: doença, impotência ou desinteresse sexual, feiura, declínio mental, doença mental, inutilidade, isolamento, pobreza e depressão. Além delas, oito crenças positivas, que dizem respeito a gentileza, sabedoria, confiabilidade, afluência, poder político, liberdade, juventude prolongada e felicidade. Kornadt e Rothermund (2011) propuseram um modelo de estudo em que os estereótipos sobre os idosos foram analisados em diferentes domínios da vida, como o da saúde física e mental, o de atividades de lazer e religiosas, entre outros. Nestas circunstâncias, idosos foram mais negativamente classificados nos domínios da amizade, de questões financeiras e da saúde física e mental, ao passo que foram bem classificados no âmbito da espiritualidade.

No que tange a manifestações mais espontâneas, entretanto, uma apreciação do que é habitualmente retratado na mídia ou na cultura popular permite que se avalie como características negativas podem se sobressair na formação das imagens sobre o idoso. Walker (2010) propõe cinco pontos que serviriam para perpetuar um baixo status social dos mais velhos: 1) costuma-se retratá-los como vulneráveis e indefesos; 2) aqueles que desafiam estereótipos negativos acabam sendo apresentados de forma cômica; 3) são comuns os retratos de idosos como decadentes e pouco atrativos; 4) apesar de, individualmente, idosos poderem surgir como figuras doces, como grupo, são vistos como estorvos que consomem

recursos sociais; 5) existe pouca representatividade de idosos na mídia, e suas aparições costumam não ser algo natural, mas marcado por estereótipos e pelo fato de serem idosos.

Alinham-se com essas proposições estudos que exploraram mídias digitais e impressas. Numa análise de conteúdo realizada em 84 grupos de Facebook sobre idosos criados por americanos, com um total de mais de 25000 membros com menos de 60 anos, encontraram-se atribuições majoritariamente negativas sobre os mais velhos (Levy, Chung, Bedford & Navrazhina, 2014). Segundo os autores, entre os conteúdos mais frequentes estavam críticas, infantilização de idosos e avaliações sobre serem incapazes de realizar atividades públicas, como compras.

Na mídia impressa, um trabalho de grande abrangência realizado por Ng, Allore, Trentalange, Monin e Levy (2015) utilizou técnicas de linguística computacional para analisar as visões sobre idosos em um banco de dados com mais de 400 milhões de palavras publicadas entre 1810 e 2009 nos EUA. Descobriu-se que, de forma linear, os estereótipos sobre o grupo mudaram de positivos para negativos ao longo dos últimos 200 anos, resultados atribuídos a fatores como a medicalização do envelhecimento e a proporção crescente de indivíduos com mais de 65 anos na população. Em outros termos, a maior representatividade dos idosos, juntamente com uma cultura que foca em suas limitações, contribuíram para uma clara deterioração da imagem dos mais velhos ao longo de dois séculos.

Observa-se, portanto, que efetivamente existe um imaginário ambivalente sobre o envelhecimento ou os idosos. Entretanto, é um conteúdo que se organiza de maneira específica, apresentando-se de modo majoritariamente negativo quando atribuído à sociedade ou quando exteriorizado de maneira espontânea. Esse tipo de entendimento serve como base para uma área de estudo ainda pouco explorada, sobretudo no Brasil: a do preconceito. Nessa perspectiva, visões positivas e negativas podem se organizar de modo que, por vezes, apenas as últimas sejam decisivas no estabelecimento de um status social para o grupo.

3. IDADISMO

O preconceito é uma noção fundamental para que se entendam relações entre alguns grupos sociais, principalmente os que estabelecem ligações marcadas por claras hierarquias. Sua concepção tradicional o descreve como uma atitude negativa caracterizada pela antipatia em relação a indivíduos ou grupos sociais. Como complemento, ele também pode ser entendido como um organizador psíquico, uma vez que estrutura o círculo psicológico dos indivíduos, orientando-os em relação àqueles que os cercam (Dovidio, Hewstone, Glick & Esses, 2010).

O preconceito serve como ponto de partida para a compreensão do se convencionou a chamar de idadismo, que é definido de algumas maneiras. Idadismo pode ser entendido como um processo sistemático de estereotipia e discriminação contra idosos porque eles são velhos (Butler, 2009). Há, entretanto, uma definição mais simples em que ele é referido como preconceito baseado na idade dos indivíduos, com enfoque principal sobre os mais velhos (Nelson, 2015).

Considera-se que ele integra um dos "ismos", junto com o sexismo ou o racismo, porque pode ser observado como algo sistemático, uma série de processos de estereotipia, de atitudes negativas e discriminação que afetam os idosos em diferentes instâncias. Na instância individual, através da evitação de idosos, da negação da velhice, e de atitudes e estereótipos negativos. Na instância institucional, envolve maus tratos em asilos ou hospitais, discriminação no campo profissional, vieses em políticas públicas etc. Na instância societal, é observado através de linguagem, de normas sociais e da segregação baseadas na idade (Palmore, Branch & Harris, 2005; Butler, 2009).

A chamada institucionalização do idadismo é entendida em duas frentes: na primeira, considera-se que concepções arraigadas sobre os mais velhos impactam relações institucionais estabelecidas com eles. Por exemplo, percebe-se, no sistema de saúde, a

realização de tratamentos menos agressivos para doenças comuns, por serem entendidas como parte da idade avançada (Bowling, 2007), ou até mesmo negligência a sintomas de doenças como o Alzheimer, uma vez que suas manifestações, como esquecimentos e apatia, são compatíveis com o que é esperado para o envelhecimento (Luders & Storani, 2002). Entretanto, como ressalta Nelson (2015), também se pode afirmar que o idadismo é institucionalizado no sentido de que é uma forma de preconceito amplamente aceita no cotidiano, sem que pareça haver condescendência com um preconceito: é comum, na cultura ocidental, que se busque a juventude e o rejuvenescimento a qualquer custo, assim como que se façam piadas e asserções negativas diversas sobre idosos ou o envelhecimento, sem que exista qualquer tipo de retaliação ou reprovação.

No que se refere à terminologia, destaca-se que, vindo do inglês *ageism*, o termo "idadismo" ainda não é hegemônico em estudos nacionais sobre o assunto, que também se referem ao fenômeno como ageísmo, ancianismo ou até mesmo preconceito etário. A falta de um padrão é um dos reflexos da escassez de trabalhos sobre o tema. Com efeito, uma pesquisa por títulos de artigos, realizada no SciELO em julho de 2018, com todos os vocábulos mencionados, retornou apenas 4 publicações, ao passo que o termo racismo retornou 99 e o termo sexismo, 14.

Apesar da carência de pesquisas na área, a manifestação do fenômeno é algo percebido em nosso país. Dados do Instituto Datafolha (2017) coletados entre 2732 brasileiros indicam que 90% acreditam na existência de preconceito contra idosos, e 60% julgam que o fenômeno é severo. Eles vão ao encontro do que mostra a pesquisa "Idosos no Brasil", realizada 11 anos antes, que abrangeu mais de 3700 participantes de diversos municípios, entre idosos e não idosos. Entre os principais resultados, destaca-se que a maioria dos respondentes (84%), tanto idosos (80%) quanto não idosos (85%), afirmou acreditar que este tipo de preconceito existe no país, embora 95% deles tenham afirmado não serem preconceituosos (Neri, 2009). É uma conclusão similar à que se obteve junto a universitários

na Paraíba (Luna, 2010), que detectam a existência de preconceito, mas não o atribuem a si mesmos, numa aparente uma fuga de expressões abertas de atitudes negativas. Com efeito, respostas à escala Fraboni de idadismo (Fraboni, Saltstone & Hughes, 1990) em Sergipe resultaram em baixa adesão aos itens das 3 dimensões – antilocução, evitação, discriminação. Entretanto, no mesmo estudo, quando o idadismo foi avaliado de maneira implícita, foi encontrado em escores significativos (Vieira, 2013).

Ao investigar situações de discriminação vividas por participantes do Rio Grande do Sul com idades entre 56 e 85 anos, Couto, Koller, Novo e Soares (2009) apontam o reconhecimento de situações como piadas sobre idosos ou paternalismo, embora tenha-se evidenciado um nível relativamente baixo de discriminação percebida. De modo geral, observou-se uma prevalência de ocorrências de discriminação em contextos sociais e de saúde, havendo mais idadismo percebido entre aqueles que relataram menor satisfação com seus status socioeconômicos. Já na pesquisa apresentada por Neri (2009), 36% dos idosos de diversos municípios do país relataram ter sofrido violência através de ofensas, tratamento com ironia ou gozação, humilhação e desprezo.

No âmbito institucional, estatísticas sobre a disseminação do HIV no país apontam para um viés do sistema de prevenção: apesar de ser crescente o número de idosos soropositivos, os programas de combate à Aids geralmente voltam-se a pessoas jovens ou de meia idade, ignorando os mais velhos, que permanecem sendo vistos como sexualmente inativos (Valente, 2008). Também se propõe que nosso Estatuto do Idoso, que entrou em vigência em 2004, apesar de representar medidas positivas em relação à população idosa, pode exceder a condição dos mais velhos como cidadãos de direitos, retratando-os também como seres frágeis, impotentes e incapazes de gerir suas próprias vidas (Justo & Rozendo, 2010).

Em abordagem sobre idadismo no ambiente de trabalho em grandes empresas brasileiras, Vasconcelos (2012) observa que, apesar de os idosos serem um grupo crescente,

nossas maiores cidades ainda não parecem totalmente adaptadas para acomodá-los, o que envolve as políticas de contratação daquelas companhias. O autor realizou uma análise histórica do perfil de empresas classificadas como as 100 melhores para se trabalhar entre os anos de 1998 e 2008, utilizando dados de periódicos de grande circulação responsáveis por essa lista, complementados por relatórios do governo e de organizações sem fins lucrativos sobre o tema. A partir disso, concluiu que, frequentemente, empresas que, no exterior, costumam contratar funcionários mais velhos para cargos simples, não o fazem no Brasil por voltarem seus quadros de admissão para perfis mais jovens. Na maior parte dos casos, o autor conclui que existe uma carência de idosos nos quadros de organizações nacionais, o que se pode atribuir a hábitos locais que resultam em segregação e possíveis problemas para o sistema de previdência.

Frequentemente, o debate sobre idadismo no Brasil parece esbarrar no desconhecimento. Apesar de se acreditar na existência do fenômeno, não se sabe exatamente onde encontrá-lo, ao menos em suas formas indiretas ou menos hostis. Para além das respostas em função de desejabilidade social, uma cultura de separação etária, aliada à ausência de referências sobre o que seria idadismo, aparentam criar um vácuo em que o fenômeno existe, opera, mas não é identificado ou avaliado de forma efetiva.

Diante dessa conjuntura, Goldani (2010) propõe que, em nosso país, o idadismo deve ser refletido sob a perspectiva das múltiplas discriminações, valorizando a intersecção dos diferentes grupos a que os indivíduos pertencem, responsável por opressão ou privilégios, a depender dos contextos. A avaliação de discriminações múltiplas, em que a idade é considerada junto com outras variáveis, apresenta-se como um caminho viável para uma análise atual da temática, sobre a qual ainda não há holofotes.

Entre essas variáveis, o sexo do idoso apresenta-se como um aspecto importante a ser observado. Devido à desigualdade entre mulheres e homens no que tange à expectativa de vida, em que as primeiras se mostram mais longevas, a maior proporção de mulheres com

idade avançada viabiliza o que veio a ser chamado de feminização da velhice em nosso país. Esse termo refletiria uma realidade em que os problemas dos idosos, muitas vezes, diriam respeito aos problemas das mulheres, discriminadas por preconceitos gerofóbicos e sexistas (Salgado, 2002; Almeida, Mafra, Silva & Kanso, 2015). É uma vertente detectada também em alguns estudos estrangeiros, que já observaram que mulheres podem sofrer efeitos acentuados do idadismo, não só por se autoavaliarem como velhas antes dos homens, como também por serem consideradas ainda mais frágeis que um idoso médio, ou mesmo por causas não especificadas, embora se tenha verificado efeito significativo do sexo feminino como covariável (Ayalon & Tesch-Romer, 2017; Chrisler, Barney & Palatino, 2016; McGann, Ong, Bowman, Duncan, Kimberley & Biggs, 2016; Stypinsks & Turek, 2017).

No exterior, a literatura sobre idadismo mostra que atitudes negativas em relação aos idosos são predominantes sobre as positivas (Hess, 2006; Kite & Wagner, 2004; Kite, Stockdale, Whitley & Johnson, 2005). Além disso, observa-se que, em comparação com jovens, idosos podem mostrar menos favoritismo pelo endogrupo e menos rejeição ao exogrupo, ou até mesmo repudiar o próprio grupo (Cherry, Brigman, Lyon, Blanchard, Walker & Smitherman, 2016; Bodner, Bergman & Cohen-Fridel, 2012; Chasteen, Bhattacharyya, Horhota, Tam & Hasher, 2005). Em análise que considera a introdução do conceito por Butler em 1969 até os dias atuais, Achenbaum (2015) conclui que, apesar da chamada revolução da longevidade nas últimas décadas, com maior expectativa de vida e novas visões sobre os mais velhos, o idadismo permanece sendo um fenômeno virulento, que se mantém e se transforma.

Uma parte dos esforços para a compreensão do idadismo se dedicou aos processos que o originam, e eles remetem a diferentes níveis de análise, transitando do individual ao sociocultural. No nível individual, uma perspectiva de grande relevância é a Teoria da Gestão do Terror (Greenberg, Solomon & Pyszczynski, 1997). Ela postula que, para afastar-se da ansiedade por conta de sua finitude, os seres humanos desenvolvem mecanismos de defesa

que envolvem ideais de estabilidade e ordem. Os grupos sociais têm papel importante nesse processo de ordenação, o que leva os indivíduos a comportamentos pró-sociais para com seus semelhantes, assim como a uma possível rejeição a membros de outros grupos (Solomon, Greenberg & Pyszczynski, 2004). Nessa composição, pondera-se que os idosos são um grupo que remete justamente à ideia de mortalidade, sobretudo por conta de traços físicos (Bodner, 2009). Além disso, o envelhecimento, diferentemente de outras eventualidades da vida, é algo sobre o que as pessoas não sentem ter qualquer tipo de controle, o que as leva a um processo de rejeição dos mais velhos, sobretudo quando se percebe que eles carregam uma série de traços genéticos e de personalidade que são familiares, reforçando a dedução de que se está vulnerável ao mesmo destino (Greenberg, Schimel & Martens, 2002; Schimel, Pyszczynski, Greenberg, O'Mahan & Arndt, 2000).

A partir da aparente ameaça representada pela figura dos idosos, podem-se adotar defesas em níveis como o proximal e o distal, que incluem distanciamento físico ou psicológico. Por exemplo, concebê-los a partir de referenciais de depreciação, ou como pessoas totalmente diferentes; ou ainda, adotarem-se táticas de fortalecimento da autoestima, como cuidados demasiados com a própria beleza física e força corporal (Greenberg et al., 2002).

O trabalho realizado por Martens, Goldenberg e Greenberg (2005) consolidou a perspectiva da TGT na compreensão do idadismo. Eles executaram 3 estudos visando a testar as ligações entre os idosos, a ideia de mortalidade e o consequente distanciamento em relação ao grupo-alvo. No primeiro deles, a exposição de um grupo experimental de estudantes universitários a fotos de idosos, seguida de perguntas sobre essas imagens, fez com que, num terceiro momento, eles completassem fragmentos de palavras com mais termos associados à morte do que um grupo controle, que havia visto fotos de não idosos. Por exemplo, quando solicitados a completar palavras como "GRA", foram comuns respostas como "GRAVE"

(túmulo), embora também houvesse possibilidades como "GRAPE" (uva) ou "GRAIN" (grão).

Partindo do pressuposto de que idosos são associados à morte, o segundo estudo averiguou se a ideia de mortalidade causaria distanciamento em relação a eles. Para isso, alguns dos participantes eram indagados sobre as emoções despertadas ao pensarem na própria morte, enquanto outros respondiam a um estímulo neutro. Em seguida, um segundo instrumento pedia que declarassem seus níveis de concordância com frases como "eu sou uma pessoa sociável", "eu gosto de estar em grupos onde as pessoas brincam umas com as outras", entre outras. Por fim, um sorteio definia um outro grupo (idosos ou jovens) que eles também deveriam caracterizar de maneira parecida. Ao serem sorteados os grupos dos jovens e idosos, eram mostradas fotos de indivíduos num acampamento de férias ou num asilo. Os resultados mostraram que, tanto na situação neutra quanto na situação que destacou a mortalidade (emoções despertadas pela morte), os idosos foram percebidos como diferentes dos jovens, mas a distância foi claramente maior quando destacada a mortalidade. Em ambas as condições, os idosos foram avaliados menos positivamente que os jovens, tendo sido mais mal avaliados quando destacada a mortalidade.

O terceiro estudo, similar ao segundo, visou a demonstrar que a avaliação negativa dos idosos não se deu simplesmente por serem um exogrupo qualquer com características distintas, mas sim por os indivíduos enxergarem nos idosos algo que serão no futuro. Para isso, houve procedimentos similares à etapa anterior, mas, desta vez, a avaliação de similaridade em relação aos idosos foi feita semanas antes do experimento, através da seguinte pergunta, respondida em escala de 1 a 9: "quão similar é a sua personalidade à de um idoso comum?". Os resultados mostraram que os participantes que se julgaram mais parecidos com idosos no pré-experimento os avaliaram de forma menos favorável na condição de destaque à mortalidade em comparação com a situação neutra. Aqueles que se julgaram menos parecidos não apresentaram menor favorabilidade nas mesmas condições.

Os 3 estudos demonstraram que os idosos foram responsáveis por associações à morte, que esta associação causava distanciamento dos participantes em relação ao grupo, avaliado mais negativamente, e que a aversão ocorreu porque os indivíduos se viam nos idosos, enxergando-os como semelhantes. Em contraste, um trabalho envolvendo a TGT e avaliação de objetos, em vez de pessoas, demonstrou tendência diferente: grupos expostos a estímulos ligados à morte avaliaram objetos velhos mais positivamente do que objetos novos (McCabe, Spina & Arndr, 2016). A exaltação dos estímulos mais velhos também seria um movimento em prol da transcendência à mortalidade, uma vez que eles denotam robustez em suas existências. Entretanto, ao contrário do que ocorre na avaliação de seres humanos, não existe um nível significativo de identificação com objetos.

Estudos posteriores ratificaram a ligação entre TGT e idadismo. Em exercícios envolvendo simulações visuais de indivíduos no futuro, percebeu-se que participantes expostos à projeção de terceiros como velhos apresentaram afetos mais negativos sobre os idosos, enquanto aqueles que visualizaram projeções de si mesmos demonstraram maior ansiedade sobre envelhecer. Além disso, o grupo que passou por simulações de si também percebeu idosos como menos competentes e expressaram mais pena e menos inveja de pessoas mais velhas (Rittenour & Cohen, 2016). Esse tipo de resultado foi percebido de forma consistente em outras pesquisas, que realçam associações entre atitudes idadistas e o medo da morte, do envelhecimento, ou mesmo uma interação entre ambos (Allan, Johnson & Emerson, 2014; Bodner & Cohen-Fridel, 2014; Boswell, 2012; Bodner, Shrira, Bergman, Cohen-Fridel & Grossman, 2015).

A relação entre a TGT e o preconceito contra idosos, que se encontra num nível individual de explicação para o idadismo, recebe atenção especial porque diz respeito a uma das principais especificidades do fenômeno. No idadismo, jovens que formam o exogrupo integrarão, um dia, o endogrupo dos idosos. Essa iminência da transição de categorias traz consigo efeitos como a ansiedade sobre envelhecer, a necessidade de afastamento em relação

aos mais velhos e atitudes negativas contra eles. Não são nuances que integram manifestações de sexismo ou racismo, em que há demarcações mais claras e menos violáveis entre os grupos.

Efetivamente, apesar de haver explicações em outros níveis, o idadismo não surge apenas de um histórico das posições sociais ocupadas por diferentes grupos ou do modo como se estabeleceram relações hierárquicas. A noção de se envelhecer e se encarar um suposto declínio, limitações e finitude parece operar papel fundamental. É possível imaginar relações entre esse entendimento e uma abordagem a ser feita adiante neste trabalho, que realça a importância da competência como um atributo para se avaliar idosos positivamente ou negativamente, visto que ela constitui uma antítese para ideias de limitações ou finitude.

Além disso, nos estudos em Psicologia, um conceito que se aproxima dos princípios apresentados sobre a TGT é o de ansiedade sobre envelhecer. O termo diz respeito à preocupação de não idosos com a chegada da velhice, que se reflete em áreas como as mudanças físicas, a preocupação com a própria autonomia e a perda de entes próximos (Lasher & Faulkender, 1993). Com efeito, da maneira esperada, observa-se que indivíduos que apresentam maior ansiedade sobre envelhecer expressam também mais atitudes idadistas (Allan, Johnson & Scott, 2014). Por isso, em um dos estudos a serem apresentados neste trabalho, a ansiedade sobre envelhecer será utilizada visando a abarcar essa especificidade do fenômeno.

Ainda é possível, neste contexto, traçar uma interface com teorias importantes na Psicologia, como a da Identidade Social (Tajfel, 1981), que trata de como indivíduos favorecem seus próprios grupos em detrimento de outros, uma vez que formam visões pessoais intimamente relacionadas com suas pertenças. Assim sendo, jovens podem excluir ou discriminar idosos como forma de proteção de suas autoestimas. De forma análoga, idosos também podem fugir da identificação com o endogrupo numa tentativa de beneficiar suas imagens pessoais. É algo que pode ser observado quando idosos reconhecem outros idosos como integrantes de um grupo à parte, o que pode vir acompanhado por medidas como a

busca de uma aparência jovial (Kite & Wagner, 2004). Estudos com idosos destacam que, de fato, eles podem não se reconhecer como tais, podem julgar que, em função disso, não sofrem preconceito, ou indicar que a idade necessária para alguém ser considerado velho é algo acima do que possuem (Hurd Clarke & Korotchenko, 2016; Faller, Teston & Marcon, 2015; Torres, 2010).

Apesar da notoriedade das análises em plano individual, perspectivas em outros níveis também compõem bases relevantes para compreensão do idadismo como um fenômeno social, uma vez que funcionam como antecedentes ou complementares. Em nível interpessoal, atribui-se um papel central à aparência do idoso para o desenvolvimento de atitudes negativas. Aspectos físicos culturalmente associados a características negativas motivam o desenvolvimento de generalizações excessivas que causam repulsa. Por exemplo, de uma aparência avaliada como pouco atraente, podem-se inferir atributos negativos de personalidade; de olheiras ou postura não ereta, podem-se inferir solidão ou tristeza, enquanto possuir rugas ou caminhar uma marcha lenta induziriam à percepção de alguém como introvertido ou pouco entusiasmado (Langlois, et. al, 2000; Montepare & Zebrowitz, 2004; Palmore, 2003). Em geral, propõe-se que o simples e, por vezes, incontrolável fato de se possuirem determinados traços físicos implica reações negativas, próximas àquelas que se relacionam com os chamados estigmas (Bugental & Hehman, 2007).

No nível sociocultural, sugere-se que transformações históricas foram responsáveis pela diminuição do status social dos idosos, que passaram de grandes referenciais a integrantes periféricos nos arranjos familiares. Entre essas transformações, destacam-se o advento da mídia impressa, que restringiu o papel de idosos como disseminadores da história e de informações diversas, e a revolução industrial, que dispersou o antigo núcleo familiar e limitou o contato com seus membros mais velhos (Nelson, 2015).

Também se destaca a aposentadoria como um marco importante no modo como idosos são vistos, ou mesmo para que indivíduos sejam vistos como idosos: a saída do

mercado de trabalho comumente implica a percepção dos aposentados como pessoas improdutivas ou passivas, algo que os desvaloriza socialmente (Kite & Wagner, 2004; Levy & Banaji, 2004; Peixoto, 2007; Vieira & Lima, 2015). A esse respeito, é oportuno notar que, em investigação que envolveu mais de 45000 pessoas em 25 países europeus, o status social de idosos foi percebido como mais alto nos locais com maiores níveis de modernização e em que havia maior proporção de idosos empregados (Vauclair, Marques, Lima, Bratt, Swift & Abrams, 2015). Genericamente, parece ser válida a ideia de que um envelhecimento produtivo tem impacto positivo nas atitudes sobre o grupo (Kim, Lee & Sims, 2017); como destaca Silva (2008), a aposentadoria, de certo modo, faz com que a velhice passe até mesmo a se confundir com outras formas de invalidez que atingem os trabalhadores, constituindo um símbolo daqueles que, no fim de suas vidas, são incapazes de produzir.

Transformações sociais como essas, juntamente com dimensões mais particulares, trabalham para que as crenças sobre os mais velhos assumam um papel geral de desprestígio, de modo que seus estereótipos possam ser condensados em um modelo abrangente. O modelo do conteúdo dos estereótipos (Fiske et. al, 2002) observa que, na contemporaneidade, as dimensões de competência e sociabilidade têm papel importante no modo como os grupos são vistos, acarretando determinadas reações emocionais e comportamentais sobre eles. Ao passo que os endogrupos são frequentemente vistos como competentes e sociáveis, causando orgulho, as visões sobre os exogrupos frequentemente revelam variações entre essas características, o que pode resultar em diferentes tipos de atitudes sobre eles (Cuddy & Fiske, 2004); por exemplo, aqueles concebidos como competentes e não sociáveis podem ser motivo de inveja. No caso dos idosos, percebe-se que eles comumente são vistos como incompetentes - ora sociáveis, ora não sociáveis -, um arranjo que resulta em baixo status social. Este quadro foi observado até mesmo em países orientais, aos quais normalmente se atribuem diferenças culturais marcantes (Cuddy & Fiske, 2004; Fiske et al., 2002; Cuddy, Norton & Fiske, 2005; Cuddy et. al, 2009).

O imaginário de que idosos não são competentes vai ao encontro de visões que os associam à fragilidade, à inaptidão ou à inutilidade, que se alinham com óticas socioevolucionárias sobre as origens do idadismo. Nesse tipo de interpretação, os seres humanos evoluíram para viver em grupos interdependentes visando a maximizar a efetividade e o sucesso individuais ou coletivos. Por isso, quando certos membros se apresentam como incapazes de fornecer retornos ao grupo, tendem a serem vistos como dispensáveis ou ameaçadores, causando comportamentos paternalistas de cuidado, mas também reações de raiva (Cottrell, Neuberg & Li, 2007; Cottrell & Neuberg, 2005).

Impactos do idadismo

A representação dos idosos a partir de referenciais depreciativos gera efeitos significativos, entre os quais se destacam aqueles que afetam a cognição, a saúde física e a longevidade dos indivíduos (Nelson, 2016). São efeitos que, em algum nível, atingem até mesmo aqueles idosos que não se veem como alvo ou que não estão pensando ativamente em estereótipos negativos (Lamont, Swift & Abrams, 2015), o que se pode interpretar a partir da existência de segregação etária e de tratamentos discriminatórios sistemáticos

Uma pesquisa que envolveu participantes idosos e não idosos mostrou que a exposição implícita e explícita destes a estereótipos etários desfavoráveis resultou em baixo desempenho de ambos os grupos em testes de memória (Hess, Hinson & Statham, 2004), uma evidência de que a concepção geral sobre o idoso ou o envelhecimento serve como um *priming* que afeta até mesmo as capacidades dos que ainda não se enquadram entre os mais velhos (Meisner, 2012).

Considerando os idosos, entretanto, as consequências vão além da performance imediata. Há indícios de que, por conta do preconceito, a perda de memória observada no grupo possa ser acentuada em comparação com as implicações comuns do envelhecimento. Com efeito, um trabalho clássico de Levy e Langer (1994) atribui uma diferença de

desempenho entre chineses e americanos em testes de memória a uma disparidade sociocultural entre os sujeitos. O desempenho sistematicamente superior dos chineses foi atribuído a uma diferença cultural no tratamento dispensado aos idosos (Levy, 2009), em que visões mais positivas dos asiáticos colaboraram para o melhor desempenho daqueles, ao passo que americanos estão mais propensos a sofrerem com a chamada profecia autorealizadora de uma cultura que os subjuga. Apesar disso, trabalhos posteriores mostram que, em países com diferentes tradições culturais, incluindo as orientais, há uma convergência de concepções negativas sobre os idosos (Cuddy, Norton & Fiske, 2005; Cuddy et. al, 2009).

Quando são constatadas as visões depreciativas, entretanto, as implicações cognitivas são relevantes, e podem ser observadas em longo prazo. Um estudo longitudinal realizado pelo percurso de 38 anos revelou que indivíduos que endossaram representações mais negativas sobre o envelheciento demonstraram perda de memória 30,2% maior que outros com representação mais positiva, o que aponta para uma influência psicológica neste desempenho ao longo dos anos (Levy, Zonderman, Slade & Ferrucci, 2012).

Além de efeitos cognitivos mais estritos, podem-se considerar consequências na saúde e a na longevidade como um todo. Um estudo longitudinal com dados de 1968 a 2007 acompanhou indivíduos que, inicialmente, tinham 49 anos de idade ou menos e nunca haviam sofrido com problemas cardiovasculares. Os resultados indicaram que aqueles que possuíam estereótipos mais negativos sobre a velhice apresentaram maior probabilidade de sofrer problemas cardiovasculares em qualquer momento do que aqueles que possuíam crenças mais positivas (Levy, Zonderman, Slade & Ferrucci, 2009). De modo compatível, também se observou que, em pacientes internados por infarto agudo do miocárdio, aqueles que revelavam estereótipos etários mais positivos apresentavam melhor recuperação que aqueles com visões negativas (Levy, Slade, May & Caracciolo, 2006).

Dados como esses parecem apontar para processos compatíveis com o que se costuma chamar de profecia auto-realizadora, em que a crença em um resultado desmobiliza os

sujeitos envolvidos a investirem em diferentes desfechos. Neste aspecto, verificou-se que endossar conteúdos aviltantes sobre o próprio grupo pode afetar a convicção do idoso sobre o controle da própria saúde, o que implica não só menos cuidados preventivos ou busca por tratamentos (Nelson, 2016; Sargent-Cox & Anstey, 2015), como também menor vontade de viver (Marques, Lima, Abrams & Swift, 2014).

É um quadro que afeta a consciência sobre a importância de atividades básicas do cotidiano, como alimentação, higiene e exercícios, ou ainda atividades instrumentais, tais quais usar o telefone, cozinhar ou gerenciar o próprio dinheiro (Moser, Spagnoli & Santos-Eggiman, 2011). Logo, o impacto do idadismo expande-se para consequências como declínios fisiológicos, tal qual uma diminuição acentuada na audição (Levy, Slade & Gill, 2006), ou mesmo implicar menor expectativa de vida, segundo dados que apontam para o dobro da taxa de mortalidade entre aqueles que cultivam baixas perspectivas sobre a velhice (Stewart, Chipperfield, Perry & Weiner, 2012).

Percebe-se que uma parte das consequências negativas do idadismo em idosos diz respeito a mudanças comportamentais a que tais crenças os levam. A este respeito, Meisner (2012) realizou uma metanálise de estudos que analisavam a conexão entre concepções negativas e comportamentos. Alguns deles avaliaram o efeito de exposição a crenças positivas, enquanto outros consideraram o efeito de crenças negativas, com variáveis dependentes tais quais testes físicos ou de memória. Os resultados mostram que tanto os estereótipos positivos quanto os negativos foram responsáveis pelas chamadas profecias auto-realizadoras, embora o impacto dos efeitos negativos tenha sido significativamente mais alto. Os dados sugerem, portanto, que conteúdos negativos têm um papel mais determinante na orientação de comportamentos.

A teoria da concretização dos estereótipos (Levy, 2009) propõe que crenças negativas compartilhadas podem alterar o funcionamento saudável de idosos, num processo que envolve a internalização de estereótipos culturais desde períodos iniciais da vida, que leva a

comportamentos congruentes com tais crenças, tornando-as cada vez mais influentes no curso vital. Colabora com este processo o fato de que, ao contrário de outras minorias, que podem desenvolver estratégias de enfrentamento ao longo de suas existências, idosos tornamse idosos através de demarcações da sociedade (60-65 anos ou a aposentadoria); a mudança para um novo grupo faz com que os indivíduos ainda não estejam totalmente prontos para evitar ou lidar com convicções negativas, muitas delas absorvidas de forma consistente no decorrer de suas socializações, quando ainda não eram velhos. E a esse respeito, não é difícil perceber que, na cultura ocidental, a formação de concepções sobre a velhice se baseia constantemente em contrastes com a juventude ou com a saúde, numa comparação enviesada que quase sempre desmerece características de um período da vida em detrimento de outro (Cruz & Ferreira, 2011).

É importante notar que os efeitos observados não se dão, unicamente, sobre aspectos fisiológicos dos indivíduos. Além destes, concepções sobre as incapacidades trazidas pela velhice podem afetá-los psicologicamente, prejudicando seu desempenho ou suas visões sobre si. Isso pôde ser observado com clareza num experimento em que idosos deveriam ler um texto de difícil visualização, e em que apenas parte deles era avisada de que havia um problema na impressão das folhas, que, de fato, eram cópias de difícil leitura. Neste cenário, o grupo que não recebeu o aviso declarou sentir-se significativamente mais velho que o grupo avisado sobre o empecilho (Eibach, Mock & Courtney, 2010). Neste mesmo trabalho, observou-se que o simples fato de idosos serem submetidos a um teste de memória, um atributo que se costuma correlacionar negativamente à idade, também fez com que se percebessem como mais velhos.

A autoavaliação negativa de si mesmo, um produto da socialização dentro de culturas idadistas, também cria as bases para que idosos ajam de forma preconceituosa contra indivivíduos de sua mesma faixa etária. Atitudes negativas contra o endogrupo, neste caso, são identificadas como autoidadismo, um fenômeno que é visto sob duas perspectivas. Uma

delas, talvez menos evidente, aponta para desfechos favoráveis: idosos podem elevar suas autoestimas ao se desvencilharem da identidade de velhos e fazerem comparações de si com invidíduos de suas faixas etárias que possuem debilidades, atribuindo-lhes status inferior. Por outro lado, aponta-se que, em longo prazo, o autoidadismo potencializa o acúmulo de concepções negativas sobre o endogrupo, afetando desfavoravelmente a autopercepção e os julgamentos individuais sobre o envelhecimento, que é uma condição inevitável da vida (Bodner, Shrira, Bergman, Cohen-Fridel & Grossman, 2015).

Do ponto de vista do exogrupo, ou seja, dos mais jovens, quando o foco da percepção sobre os idosos é dado a alguns atributos negativos em detrimento de outros mais positivos, é comum que ocorram processos subsequentes de imprecisão perceptiva. A esse respeito, observa-se que tomar aspectos negativos como base pode fazer com que um observador se sensibilize em demasia para com o grupo-alvo ou, ao contrário, que experimente algum tipo de dessensibilização.

Quando há sensibilidade em demasia, um observador pode adotar práticas discriminatórias contra idosos, mesmo que não haja uma atitude negativa. É o que se verifica quando profissionais de saúde evitam tratamentos invasivos em pacientes mais velhos por alegarem compaixão, e não por desejarem realizar tratamentos incompletos (Ben-Harush et al., 2016). Ou ainda, quando aqueles profissionais se sentem desconfortáveis para discutir com idosos sobre doenças como o HIV, apontando barreiras como a diferença de idade como causa (Davis, Teaster, Thornton, Watkins, Alexander & Zanjani, 2016). Percebe-se, nesses casos, que ideais sobre fragilidade ou até mesmo a segmentação social acabam contribuindo para fins nocivos, mesmo que de maneira não deliberada.

Por outro lado, esses conteúdos podem causar dessensibilização. É o que se observa nos fenômenos da objetificação e da desumanização. A objetificação, em definição inicial, seria o ato de conceber e abordar como objeto algo que não é um objeto; de modo mais prático, tratar seres humanos como objetos ou coisas (Nussbaum, 1999). Apesar de ser um

conceito tipicamente empregado em estudos sobre a figura da mulher, em que partes de seus corpos seriam peças centrais em suas representações, a objetificação também pode ser entendida sob outras perspectivas, como quando empregadores reduzem seus empregados a suas forças de trabalho ou quando médicos reduzem seus pacientes a seus sintomas (Barnard, 2001; Gervais, Bernard, Klein & Allen, 2013).

A objetificação provoca consequências em frentes distintas. Por um lado, pode fazer com que, por conta do foco dado apenas a certos atributos, aspectos não observáveis do grupo-alvo, como pensamentos, sentimentos e desejos, sejam ignorados ou colocados em segundo plano (Vaes, Paladino & Puvia, 2011). Apesar de este ser um resultado proposto para a objetificação sexual de mulheres, não é difícil conceber contextos em que idosos tenham suas singularidades desprezadas por serem vistos apenas como pessoas velhas. Por outro lado, propõe-se que, por conta do aprendizado no convívio social, o próprio grupo-alvo pode se auto-objetificar, associando exageradamente sua imagem a características que lhes são atribuídas como fundamentais, o que pode ser a base para o surgimento de desordens psicológicas (Calogero, Tantleff-Dunn & Thompson, 2011). Nesse sentido, como destacam Gervais, Holland e Dodd (2013), pacientes com problemas médicos, por exemplo, podem focar apenas em seus sintomas, enxergando-se através dos olhos dos profissionais de saúde com quem lidam. Como complemento, é possível propor que idosos se enxerguem através das limitações que lhes são atribuídas com frequência.

Já a desumanização ocorre quando humanos são tratados como não humanos, ou como não inteiramente humanos (Leyens et al., 2003). O primeiro caso se dá quando indivíduos ou grupos são equiparados a animais ou objetos; o segundo, quando as características mais sofisticadas que definem a singularidade humana, tais quais civilidade, moral, racionalidade ou emoções secundárias, como o constrangimento, são desassociadas de certos indivíduos ou grupos (Haslam, 2006). Em linhas gerais, enquanto a objetificação

funciona como uma redução de um todo a partes, a desumanização é a rejeição da singularidade e da sofisticação humanas.

A desumanização pode ser considerada à luz do modelo do conteúdo dos estereótipos de Fiske et al. (2002). Nessa perspectiva, ela é observável através do desgosto em relação aos grupos de menor status, como mendigos e usuários de drogas; da torcida pelo fracasso de grupos invejados, como empresários; e da pena eventualmente dirigida aos fracos, vistos como sociáveis mas incompetentes, tal como os mais velhos ou figuras femininas (Fiske, 2013). Como será abordado mais adiante, uma divisão que propõe diferentes tipos de idoso pode implicar sentimentos diversos em relação ao grupo.

As consequências de crenças e atitudes negativas em relação aos idosos são claras, de modo que o idadismo, apesar de constituir um conceito historicamente novo, pode ser tratado como uma realidade consolidada. Como concluíram Kite et al. (2005) há mais de dez anos, é hora de de deixar de lado a pergunta sobre haver ou não preconceito contra idosos e passar para um segundo momento, o de se avaliar como e quando seus efeitos são mais marcantes. Nesse sentido, cabe destacar que grande parte dos estudos sobre este tópico tem considerado uma figura genérica do idoso, desprezando uma enorme variação entre os membros do grupo, assim como uma diversidade de contextos que podem fomentar conflitos e preconceito. Destaca-se, assim, a relevância de se pensar em meios para tipificar o idoso ou circunstâncias que potencializam atitudes negativas sobre ele.

Essa necessidade será contemplada nas seções que seguem. Inicialmente, serão abordados os processos de categorização, através de estudos clássicos que estabelecem importantes referências sobre como classificamos o mundo em nossa volta, e como isso pode contribuir para que se compreendam diferentes tipos de idoso. Em seguida, serão abordadas as classificações possíveis para os mais velhos, e o que será utilizado como subsídio para o presente trabalho.

3.1 Da categorização aos subtipos

Quando se fala em idadismo, a que idoso está sendo feita a referência? Esta parece ser uma pergunta importante. Apesar de muitos estudos considerarem o grupo-alvo como uma unidade, sua heterogeneidade é marcante. Para que se discutam classificações sobre o objeto de estudo deste trabalho, entretanto, é elementar que se aborde como fazemos classificações sobre quaisquer coisas. Ou melhor, como as categorizamos.

Além de ser um processo básico para a existência dos estereótipos sobre grupos sociais, a categorização está por trás de grande parte da organização de nosso universo psíquico, e constitui uma prática comum em humanos (Pereira, 2008). Com efeito, comumente dividimos o mundo em conjuntos de coisas – pessoas, situações, objetos, lugares etc. Existem duas explicações básicas para isso: categoriza-se para que se transformem muitas informações em um compilado mais simples (Taylor, 1981) ou para que se extraiam conhecimentos amplos de uma noção primária (Oakes & Turner, 1990). Ou seja: ao categorizar um indivíduo como idoso, por exemplo, um observador deixa de lado as singularidades daquele e o decodifica sem muito esforço mental, numa lógica de simplificação de uma realidade complexa. Em quase oposição a isso, pode-se entender que, ao evocar a classe "idoso", o observador está combatendo um problema diferente: o de haver poucas informações disponíveis e, partindo daquela categoria, obtém-se acesso a uma série de inferências e noções adicionais sobre o alvo – idosos agiriam de determinada forma, possuiriam determinados gostos etc.

A compreensão do conceito de categoria passa por diferentes perspectivas que, segundo apresenta Schneider (2004), podem ser antagônicas ou complementares. Na visão clássica, categorias são coleções de exemplares que compartilham determinados atributoschave. Logo, objetos que têm esses atributos estão dentro de um grupo e nenhum não-

membro apresentará todos eles. Nesta visão, não se concebe uma gradação no pertencimento à categoria: ou se está dentro ou se está fora.

A visão clássica pode funcionar bem para rotular certas figuras (ex.: quadrado versus círculo), para diferenciar itens muito díspares (navios versus jet skis), ou ainda, ao menos em primeira análise, alguns objetos sociais complexos (profissionais de diferentes áreas). Entretanto, apresenta evidentes falhas em diversos cenários, como quando entes são perfeitamente enquadráveis em categorias erradas (um tambor pode se misturar com banquinhos de cozinha), quando alguns exemplares parecem simplesmente mais representativos que outros (um tipo de distinção não prevista nessa perspectiva), ou mesmo porque, cotidianamente, podem-se priorizar características superficiais e enganosas em detrimento de outras realmente relevantes (a separação entre sexos, por exemplo, ignora os arranjos de cromossomos e prioriza traços de aparência, passíveis de erro).

Em análise um pouco mais aprofundada, o ponto de vista clássico carrega o problema fundamental de que, por vezes, não há um conjunto de características suficientemente boas para estabelecer barreiras entre categorias. Em muitos casos, é difícil definir quando um objeto deixa de fazer parte de uma classe para integrar outra e, além disso, como já mencionado, alguns objetos podem simplesmente se constituir como melhores representantes de uma categoria que outros – em outros termos, são bons protótipos para a categoria.

Diferentemente da perspectiva clássica, o ponto de vista prototípico julga que, numa categorização, utilizam-se não todas, mas algumas características particulares de um objeto. O que se chama de protótipo serve como referência, e surge a partir de um núcleo de traços relevantes, constituindo-se como um representante médio ou típico. Como sugere Pereira (2013), protótipos são formados a partir de experiências com objetos da categoria, e constituiriam uma representação central, que não permite a inclusão de detalhes ou outros elementos dispensáveis para a categorização. Em outros termos, ao ocupar a região central de uma categoria, essa é uma concepção que se escora em aspectos que seguramente a

simbolizam, afastando-se de intersecções com outros grupos possíveis.

Baseando-se na proposta de Rosch (1978), é possível conceber protótipos como apenas abstrações ou como representantes singulares. Enquanto abstrações, eles funcionam tal qual ideias gerais sobre um conceito: como seriam pessoas idosas, como seriam lutadores de boxe, como seriam aviões. São pensamentos que usualmente vêm à mente quando somos convidados a pensar sobre esses temas, e as características relevantes certamente estariam entre as mais mencionadas por grupos de pessoas, sem a necessidade de se concretizarem em algo ou alguém.

Quando o protótipo se materializa em um representante, sugere-se que ele se destaca entre os outros, e pode, inclusive, influenciar o modo como idealizamos os demais membros de uma mesma denominação (Komatsu, 1992). Pode-se pensar, de maneira ilustrativa, em cantores de rock: é habitual que venham à cabeça alguns ícones que traduzem bem essa categoria, que servem de parâmetro e que têm grande impacto sobre o imaginário a respeito de todo e qualquer músico desse tipo.

Entretanto, levando adiante o exemplo, há de se considerar a existência de um problema de referencial: numa mesma família, o modelo de vocalista escolhido por um avô poderia ser alguém mais ou menos como Elvis Presley, com seus típicos macacões e costeletas generosas; o pai, quem sabe, elegeria alguém parecido com Axl Rose, com seus cabelos longos e shorts curtos, enquanto o filho apontaria para algum tipo de sujeito com calças coloridas e óculos com armações grossas, cujo nome o autor ficará a dever. Em resumo: o efeito geracional teve impacto nos protótipos. Estes podem variar de situação para situação (Roth & Shoben, 1983), o que também inclui diferenças culturais, etárias, entre outras.

É visando a resolver esses problemas que se apresenta a perspectiva dos exemplares. Ela considera, primeiramente, que nossas representações cognitivas são mais concretas do que abstratas (Smith & Zátare, 1992). Em disparidade com a noção de protótipos impalpáveis, portanto, existe um foco em objetos reais - ao se pensar num idoso, pensar-se-ia diretamente

em algum indivíduo específico. Contudo, nesse sentido, ela ainda difere do modelo prototípico por considerar que um bom exemplar não precisa ser aquele que mais bem representa uma categoria, tratando-se apenas de algum representante acessível e saliente em determinado momento – é o que se pode chamar de utilização do conhecimento declarativo, que trata apenas do que são as coisas, em detrimento do conhecimento processual, que investiga como elas são ou funcionam (Smith, 2014).

Portanto, retornando aos cantores de rock, quando se pensa neles, não é necessário elencar uma lista completa de características que os definem, tal como propõe a visão clássica, ou mesmo construir uma imagem mental de um sujeito médio, representativo: apenas se faz uso de recursos disponíveis num dado momento para evocar alguém. Esses recursos podem se basear em aspectos como músicas ouvidas durante um dia, exibições vistas em programas de TV, conversas recentes sobre o assunto, entre outros. Dessa forma, o representante eleito pode ir de Jimmi Hendrix a um roqueiro local desconhecido que distribuía seus CDs de divulgação num sinal vermelho ao meio-dia.

Ao se trazer essa questão para o contexto de pessoas idosas, percebe-se que uma variedade de exemplares pode ser notabilizada em um só dia: os da fila do banco, os pais e avós, os motoristas de trânsito, vizinhos etc. Idosos amados e execrados, que dão subsídios para categorizações positivas e negativas ao se apresentarem no cotidiano. É possível conceber, inclusive, que um mesmo idoso, encontrado em situações distintas, seja referencial para categorizações de valência oposta, simplesmente por os contextos tornarem salientes características diferenciadas (Hintzman, 1986).

Existe uma implicação conhecida desse processo mental: a de que a aparência física de um indivíduo pode fazer com que ele seja decodificado de formas errôneas, unicamente porque foi colocado na mesma categoria que um outro componente relevante (Read, 1987). Em situação prática, um idoso parecido com Donald Trump pode ser visto, antecipadamente, como chato e arrogante. Logo, pondera-se que atitudes direcionadas a categorias poderiam

ser manipuladas pelos exemplares associados a elas (Sia et al., 1997), um processo que ocorreria unicamente por superficialidades como aparência física e proeminência em determinada situação.

A ótica dos exemplares apresenta outras inconveniências. Se, por um lado, tem a vantagem de classificações mais fluidas e contextuais, por outro, a categorização feita através dela, não raro, implica dificuldades, já que acontece a partir de julgamentos de semelhança entre um exemplar disponível e outros existentes. Ou seja, um objeto é comparado com representantes de outras categorias e destinado àquela que contém peças com a maior similaridade a ele possível. Entretanto, sabe-se que uma avaliação como essa é bastante subjetiva, e comumente enviesada por experiências passadas, objetivos e interesses do percebedor (Smith & Zárate, 1992).

Além disso, o entendimento de que, para que se efetue a classificação de um indivíduo ou objeto, é necessária uma comparação com vários outros indivíduos e objetos, vai de encontro à ideia de que buscamos poupar energia mental ao classificarmos o mundo em nossa volta. A despeito de não termos as mesmas limitações de memória que um computador (Schneider, 1991), há de se ponderar que, após identificar objetos similares por dezenas, centenas ou milhares de vezes, nosso sistema psíquico encontra meios para simplificar a tarefa, de modo que grandes operações não precisem se repetir desnecessariamente.

Por esses motivos, propõe-se que utilizamos ambos os tipos de categorias, baseados em exemplares e em protótipos, de forma paralela (Smith, 1990). Dessa maneira, não nos sujeitamos unicamente a abstrações pré-concebidas ou a vivências individuais, tornando-nos, por um lado, mais maleáveis para a apreciação de casos únicos ou especiais e, por outro, independentes de cada nova experiência que surge no dia a dia. Em resumo, pode-se pensar que o modelo prototípico entra em ação ao pensarmos em categorias estabelecidas, quando concepções bem arraigadas são suficientes para decodificá-las; já a perspectiva dos exemplares seria priorizada quando focamos em indivíduos, ou mesmo em grupos novos,

sobre os quais não há um estereótipo firmado (Smith, 1990; Wattenmaker, 1991).

Um ponto negativo destacado sobre a perspectiva dos exemplares reside no fato de que esta funciona através de julgamentos de similaridade: o contato com um novo objeto desencadeia a listagem de vários outros objetos conhecidos para que aquele estímulo seja rotulado. Entretanto, há de se enfatizar que os modelos clássico e prototípico também podem utilizar procedimentos parecidos, uma vez que são feitas, em algum nível, comparações com conteúdos armazenamentos na memória. Por isso, é importante refletir sobre uma importante implicação desse tipo de processo. Em análise mais aprofundada, percebe-se que os julgamentos de similaridade apresentam um desafio característico, que vai além do levantamento de várias amostras para comparação. É necessário destacar que esse procedimento se baseia numa multiplicidade de características (Medin, Goldstone & Gentner, 1993), que tornam a tarefa mais complexa do que se pode considerar a priori.

Como exemplo, é possível pensar na categorização de personalidades como Neymar Jr., Cristiano Ronaldo e LeBron James. Para que eles sejam dirigidos a algum grupo, podem ser considerados aspectos como sexo, altura, aparência física, modo de se vestir, atividade profissional, entre uma infinidade de outros. Por algum motivo, entretanto, a atividade profissional parece se sobressair entre aqueles fatores, e fazer com que os futebolistas Neymar Jr. e Cristiano Ronaldo sejam considerados mais similares entre si, diferenciando-se do astro da NBA, LeBron James. Contudo, ao se substituir Cristiano Ronaldo por José Macário Jr., idoso e anônimo, jogador da divisão de *Masters* do XV de Piraçoroca, a diferença de idade e de prestígio aparenta operar uma reviravolta na classificação dos 3 personagens: apesar de terem a mesma nacionalidade, a mesma atividade profissional e o mesmo sobrenome, José Macário distancia-se de Neymar, que agora é associado a LeBron James por serem ambos atletas ricos, de projeção mundial. Por que isso acontece?

Ocorre que, em grande parte do tempo, o processo de categorização não se baseia unicamente em julgamentos de similaridade. Subjaz a essa atividade uma espécie de

raciocínio especulativo, uma utilização de teorias que organizam as listas de características e exemplares que são recuperados mentalmente (Wittenbrink, Hilton & Gist, 1998). Em outras palavras, o indivíduo que categoriza utiliza um tipo de pensamento teórico que privilegia algumas características sobre outras, estabelecendo critérios de hierarquização para os dados aplicados numa classificação. Por isso, no exemplo dado com os esportistas, entre uma infinidade de atributos utilizáveis, apenas alguns foram privilegiados para que eles fossem considerados mais próximos ou mais distantes.

Em resumo, a organização em curso no pensamento teórico funciona de modo que, ao se classificarem dois indivíduos ou grupos, elejam-se quais características são mais importantes e qual o peso dado a elas para que se tome uma decisão final. Consegue-se, desta forma, um veredito não só sobre quais similaridades se destacam, mas porque elas importam, num processo que estabelece certo senso de coerência para uma dada categoria (Murphy & Medin, 1985).

Ademais, o resultado acaba sendo útil para que se compreenda como diferentes categorias se relacionam entre si, ou mesmo como se encadeiam hierarquicamente – qual a relação de subordinação e superordenação entre elas. Julga-se, assim, que ser um atleta famoso tem maior peso para aproximar Neymar e LeBron James do que importaria praticar o mesmo esporte e compartilhar a nacionalidade, no caso de Neymar e José Macário, e isso se insere num contexto social em que existem barreiras etárias nas interações entre pessoas, e em que atletas famosos são superexpostos na mídia.

Até este ponto, a abordagem sobre categorias foi feita de forma indistinta, sem qualquer separação entre as que envolvem objetos ou componentes sociais. Apesar de não haver total consenso sobre se há problemas nesse tipo de equiparação, há de se reconhecer que categorias sociais possuem suas particularidades.

A princípio, ressalta-se, simplesmente, que elementos sociais são mais complexos que os não sociais (Dahlgreen, 1986). Para ilustrar isso, basta considerar que um objeto não

apresenta o mesmo nível de atividade ou mutabilidade que um ser humano. Logo, enquanto uma mesma cadeira é considerada de forma similar sob diferentes ângulos ou em situações distintas, uma pessoa pode provocar interpretações diferenciadas em um observador que a enxerga através de fotos, vídeos ou pessoalmente, quando se descobrem seus trejeitos e modo de agir. Ainda nessa perspectiva, um mesmo comportamento individual pode ser interpretado de diversas formas, sejam correlatas ou mesmo antagônicas — gentileza, dissimulação, agressividade, raiva etc.

Em segundo lugar, não é possível determinar uma nítida hierarquia entre categorias sociais. Enquanto é possível estabelecer com alguma clareza ordenações biológicas, o mesmo não pode ser dito sobre aquelas criadas para pessoas em seu convívio social (Trafimow & Radhakrishnan, 1995). No exemplo de um idoso atleta, qual das duas categorias é a mais importante? Por ser difícil relacionar esses dois aspectos hierarquicamente, é comum que se façam junções, considerando-os de forma combinada (Medin, Lynch & Solomon, 2000). Desse processo, surgem as chamadas categorias compostas, em que a união de dois ou mais componentes pode gerar propriedades peculiares dessa associação, e que requererem uma análise de contexto social para que se perceba qual dos componentes tem capacidade para se sobrepujar aos outros – categorias desviantes, altamente estereotipadas tendem a se destacar (Rozendal, 1995; Schneider, 2004).

Outro ponto fundamental na consideração de categorias sociais é o fato de que, em geral, guardam-se mais sentimentos sobre elas, em comparação com categorias não sociais (Tajfel & Forgas, 1981). Consequentemente, é habitual que nos importemos mais com esse tipo de categoria, tornando sua classificação um processo afetivo, ou mesmo que façamos distinções altamente enviesadas por alguns traços quando lidamos com grupos que, de alguma forma, envolvam nossos interesses pessoais. É fácil conceber, por exemplo, que grupos de idosos evoquem mais afeto que grupos de vassouras, ou que pessoas que se importam com aparência física sejam afetadas por esse aspecto ao apreciarem indivíduos da

terceira idade.

Categorias e grupos sociais

Destacadas essas diferenças, há de se notar que as categorias em análise não têm exatamente o mesmo significado que os chamados "grupos sociais", tratam-se de conceitos diferentes (Hamilton, Sherman & Lickel, 1998). É verdade que, em certos cenários, as expressões se equivalem: num hospital, médicos, enfermeiros e assistentes sociais, além de um grupo, podem ser considerados uma categoria, por apresentarem alguma coesão de atributos. Entretanto, o grupo de funcionários da administração, que envolve profissionais de diferentes áreas, não se enquadra como categoria. Em linhas gerais, pode-se afirmar que, frequentemente, grupos sociais relevantes servem como base para categorias sociais (Schneider, 2004).

No que tange a esses grupos, pode-se considerar que alguns deles funcionam quase como uma unidade. Nesses casos, existe um senso acentuado de aproximação e similaridade entre seus membros, que parecem se apresentar de forma homogênea e resistente à intrusão de elementos externos (Campbell, 1958). O juízo sobre a forte coesão de um grupo veio a ser chamado de "entitatividade", uma analogia que equipara aquele a uma entidade, e que foi estudada por Lickel e colaboradores (2000). Segundo esses autores, existem alguns fatores que levam um grupo a ser percebido como entitativo, entre os quais se destacam a interação entre seus membros, objetivos em comum e similaridade entre esses componentes.

Propõe-se que o processamento de informações sobre esse tipo de grupo ocorre de forma similar àquele que dirigimos a indivíduos relevantes para nós, o que pode implicar consequências como a explicação de comportamentos de modo semelhante à que é feita para indivíduos e a responsabilização de membros desses grupos por ações praticadas por seus coletivos (Hamilton, Sherman & Maddox, 1999; Lickel, Schmader & Hamilton, 2003; O'Laughlin & Malle, 2002). Como é de se esperar, também existe maior tendência para se

inferir traços de outros membros de um grupo entitativo a partir das características observadas em um só integrante (Crawford, Sherman & Hamilton, 2002).

É possível considerar que a ideia de grupos com traços marcantes e bem definidos pode se desenvolver e, em um ponto extremo, culminar no entendimento de que esses coletivos têm características essenciais, que compõem seus núcleos. Apesar de essências parecerem uma dimensão mais facilmente associável a coisas, existe um nível em que elas são atribuídas a grupos ou categorias sociais. Para introduzir essa perspectiva, é de grande utilidade uma distinção feita entre os chamados tipos naturais e as criações (Bloom, 1996). Os primeiros tratam de itens que existem por si na natureza, e se baseiam em leis físicas ou biológicas; já as chamadas criações são artefatos gerados com um propósito. Por exemplo, gatos são tipos naturais, enquanto gatos de estimação são criações; madeiras são tipos naturais, ao passo que mesas são criações. Enquanto é possível acessar a estrutura molecular de uma sorte de madeira, não faz sentido que se pense nesse mesmo arranjo para mesas, que têm existência vinculada, constituindo elaborações criadas com uma intenção.

Os grupos e categorias sociais, há de se concluir, estão distantes do que se poderia considerar como tipos naturais. Entretanto, as pessoas parecem suportar uma compreensão de que aqueles possuem características essenciais, tal como seria possível constatar numa análise de DNA em gatos, ou nos componentes da madeira. A isso, se dá o nome de essencialismo psicológico, a ideia de que as pessoas tratam categorias como se elas possuíssem uma essência (Medin & Ortony, 1989).

Observam-se fundamentos do pensamento essencialista já em crianças, que por volta dos 4 anos de idade podem supor que a mudança de partes internas em animais altera suas identidades de forma mais marcante que a modificação de suas aparências físicas (Gelman & Wellman, 1991). Em fase posterior do desenvolvimento, verifica-se que adultos podem fazer uso de fatores biológicos para explicar as particularidades de pessoas pertencentes a etnias diversas (Estrada, Yzerbyt & Seron, 2004). Apesar de haver pontos de vista contrários

à perspectiva essencialista, é possível afirmar que existem indícios sobre uma grande influência desse tipo de pensamento no raciocínio do senso comum (Haslam & Whelan, 2008).

No que se refere à dimensão social, Pereira (2013) nota que a naturalização e a percepção de grupos como entidades serviriam como base para a atribuição de essências aos humanos que compõem tais grupos. O autor aponta, entre as consequências do essencialismo, o estabelecimento de estruturas imanentes profundas para uma categoria, de modo que mudanças superficiais em seus membros não sejam suficientes para revogar seus pertencimentos àquela. Esta noção está por trás de diversas concepções populares, como a de que um criminoso será sempre um criminoso, ou a de que idosos serão sempre inaptos para lidar com tecnologias recentes.

Em resumo, segundo a perspectiva essencialista, o pertencimento de indivíduos a determinadas categorias é imutável, distintivo, de modo que impõe diferenças claras entre eles e membros de outras categorias, e informativo, já que serviria como pilar para a inferência de suas características pessoais (Haslam, Rothschild & Ernst, 2000). Esses são aspectos importantes no presente trabalho por serem observáveis nas atribuições feitas ao seu grupo-alvo, que é caraterizado a partir de comportamentos típicos e aparentemente imutáveis. Além disso, como se verá a seguir, a categoria "idoso" figura como uma das principais referências na percepção de seres humanos, tornando integrantes deste grupo um alvo muito frequente de tais propriedades.

Categorias e percepção de pessoas

Os estudos já abordados indicam que, quando algumas categorias se apresentam nominalmente e de forma combinada para um observador, a saliência de uma delas dependerá de elementos como o contexto e teorias pessoais a respeito do alvo em questão. Neste

momento, o debate toma outra ótica, e se volta não para a assimilação das categorias, mas para a percepção de pessoas no cotidiano. Em melhores termos, quando se entra em contato com um alvo qualquer, quais são as categorias imediatamente utilizadas para apreendê-lo e por quê?

Schneider (2004) observa que a categorização de pessoas pode decorrer de uma infinidade de fatores, e que, a partir disso, surgem questões sobre os motivos de elegermos alguns em detrimento de outros. Por que perceberíamos um indivíduo, prioritariamente, como um vovô e não como um motorista? Por que, em dada situação, destacamos alguém como mulher e não como profissional de determinada área? Segundo o autor, existem três grandes respostas para esse tipo de escolha: inicialmente, algumas categorias são consideradas primárias e fundamentais, destacando-se nesse tipo de atribuição; em segundo lugar, o uso de categorias é afetado pela saliência de cada uma delas, ou seja, pelo seus níveis de acessibilidade nas determinadas situações; por fim, algumas categorias são consideradas mais básicas, numa lógica que envolve um nível ótimo de informações por elas repassado. Esses conceitos serão discutidos a seguir.

Entende-se que algumas categorias são mais naturais que outras, constituindo algo primário em nossa percepção. São classificações feitas a partir de traços facilmente identificáveis e que envolvem aspectos biológicos, tanto no que tange a características aparentes e superficiais (cor de pele, rugas) quanto a outras mais profundas e essenciais (cromossomos, alterações fisiológicas). Proposições iniciais identificaram sexo e idade nesta esfera, mas estudos posteriores envolvendo métodos variados de recuperação de informações adicionaram à lista a dimensão raça (Brewer, 1988; Gardner, MacIntyre & Lalonde, 1995; Stroessner, 1996; Stangor, Lynch, Duan & Glass, 1992).

Podem-se apontar outras semelhanças entre os elementos sexo, idade e raça. Sem que haja qualquer direcionamento, eles constituem as primeiras categorias sociais identificadas por crianças desde seus primeiros anos de vida (Leinbach & Fagot, 1993; Pope Edwards,

1984; Hirschfeld, 1993). Por serem nativamente percebidas, essas categorias carregam grande importância em diferentes culturas e, para além do aspecto meramente perceptivo, destaca-se que elas compõem bases para relevantes diferenças hierárquicas, norteando questões como a dominância social de diferentes grupos (Sidanus & Pratto, 1999). Devido a tamanha solidez e impacto no cotidiano, conclui-se que as categorias primárias se impõem de forma automática, prioritária e difícil de inibir para um observador qualquer, que associará rapidamente seus alvos a algum desses traços.

Se algumas categorias são mais naturais e automáticas, outras despontam como muito acessíveis em determinadas situações, seja porque ficam em evidência, seja pelos hábitos do observador ou por seus objetivos em dado cenário. Um exemplo simples disso é quando um indivíduo demonstra algum comportamento ou traço pessoal que é altamente associado a uma categoria — o idoso que esquece alguma informação importante faz emergir a categoria "velho", habitualmente vinculada a baixa memória; ou ainda, fugindo dos rótulos primários, um indivíduo que grita e se move de maneira não usual em local público logo remete à categoria de pessoas com distúrbios mentais.

A acessibilidade é verificada até mesmo em esferas demasiadamente corriqueiras e automáticas, ao ponto de sequer refletirmos sobre elas. É o caso da familiaridade que se tem com determinados nomes próprios numa dada cultura (Macrae, Mitchell & Pendry, 2002). Alguns são tão fortemente ligados a gêneros específicos que involuntariamente provocam categorizações baseadas nesse aspecto — João seria, sem qualquer dúvida, um homem, e Maria, uma mulher; por esse ângulo, reações de surpresa e quebra da automaticidade certamente ocorrem quando algum nome contraria tal lógica, como na possibilidade de se descobrir que "Alisson" é vocativo para uma menina, um hábito primariamente estrangeiro, às vezes adotado no Brasil.

Em geral, pode-se considerar que características que nos ajudam a diferenciar um indivíduo dos demais servem como base relevante para categorizações. É uma ideia que vai

ao encontro do chamado princípio do metacontraste, que destaca a importância das dimensões que realçam as diferenças entre categorias distintas, ao passo que abrandam distinções dentro de uma mesma categoria (Turner, 1991). Colocando de outra forma, as categorizações são efetuadas com base nas características que dão maior retorno utilitário, e isso é, comumente, balizado pelos objetivos do observador (Stangor et al., 1992): um organizador de filas tende a classificar clientes num estabelecimento como idosos ou não idosos, pessoas grávidas e não grávidas, já que são perfis fundamentais na função que está desempenhando. Do mesmo modo, o segurança de um grande evento pode classificar o público como pessoas que aparentam ser delinquentes ou não – e, em nossa realidade, conhecemos o perfil de divisão que costuma resultar desse processo.

Esse é um tipo de fenômeno que afeta não só os observadores, mas também os indivíduos que possuem as chamadas características distintivas. Com efeito, há evidências de que, tanto adultos quanto crianças, em contextos que evidenciem diferenças numéricas de público com suas idades ou sexos, tendem a se descrever com bases em suas idades ou sexos (Dutton, Singer & Devlin, 1998). Ou ainda, constatou-se que estudantes negros em universidades com público predominantemente branco tendem a desenvolver um senso de dissemelhança que os torna especialmente focados em suas cores nas circunstâncias em que esse contraste se torna notório (Pollak & Niemann, 1998).

Categorias básicas, estereótipos e subtipos

O terceiro elemento que fundamenta a seleção de algumas categorias em detrimento de outras diz respeito aos seus graus de generalidade. Para que compreenda melhor esse princípio, é plausível pensar que, na classificação de um indivíduo, uma ampla escala de categorias pode ser utilizada, entre elas: um animal, um mamífero, um ser humano, um homem, um velhinho, José Rufino da padaria. Por que, num cenário como esse, muitos observadores se inclinariam a tratar o alvo como um velhinho, e não como um humano, ou

mesmo como um homem?

Uma explicação clássica dada para esse questionamento foi introduzida por Rosch (1978), segundo a qual algumas categorias são mais básicas do que outras. Isso significa que elas se posicionam em um nível intermediário de generalidade que acaba por maximizar similaridades dentro delas e diferenças em relação a outras categorias. É esse nível ideal de generalidade que nos faz tratar um objeto como um computador e não como um eletrônico, e um animal como um gato e não como um mamífero. As categorias básicas seriam, desse modo, as mais utilizadas em conversas e referências cotidianas, pelo simples fato de que são mais informativas e facilitam inferências sobre seus membros (Rosch, Mervis, Gray, Johnson & Boyes-Braem, 1976).

A partir dessa ideia, fica claro que tratar um gato como um mamífero, apesar de não ser inverdade, faria com que se perdesse muita informação e impossibilitaria deduções sobre outras peculiaridades daquele. Ao mesmo tempo, referi-lo como Frodo, o nome dado por seus donos, seria demasiado específico e dificultaria a inferência de outros elementos. Conclui-se, desta maneira, que as categorias básicas se encontram em um espaço intermediário, um ponto ótimo para que se raciocine sobre o assunto. É importante destacar, ainda segundo Rosch, que a concepção sobre o que seria um bom ponto médio varia de acordo com os contextos: numa loja de informática, a mensagem "o dono do computador veio buscá-lo" seria genérica e pouco informativa, enquanto outra como "o dono do Dell 7460 veio buscá-lo" parece muito mais apropriada.

Considerando que, em nível básico, as categorizações permitem um grau satisfatório de diferenciação, assim como melhores inferências sobre um elemento, também se estabelece um campo em que associações e atribuições sobre esse elemento são favorecidas (Rosch, 1978). Como resultado, supõe-se que processos como o de estereotipia se fortalecem no nível básico de categorização, uma vez que se beneficiam das informações fornecidas por ele.

Esse fenômeno foi observado por Andersen, Klatzky e Murray (1990). Os autores

propuseram que, no processamento de informações sociais, estereótipos operam com maior eficiência num nível mais rico (básico) de definições do que em níveis gerais. Por exemplo, referir-se a um estudante como "extrovertido" retorna menos conexões do que tratá-lo como "o palhaço da turma". Um estudo por eles realizado com universitários americanos mostrou que, de fato, aludir-se a indivíduos em nível básico ("o palhaço da turma") fez com que os participantes lhes atribuíssem mais comportamentos prováveis do que quando eram feitas alusões em nível mais geral ("extrovertido"). Além disso, observou-se que, quando convidados a recuperar informações em suas memórias, os participantes lembravam com maior facilidade das categorizações em nível básico que das mais gerais. Os resultados indicam que, efetivamente, os estereótipos se fixam com maior eficiência quando se associam a um ponto ótimo, intermediário, de definições.

O conceito de estereótipos é aqui compreendido de acordo com as abordagens hegemônicas da psicologia social: trata, a princípio, de imagens ou figuras que vêm à nossa mente quando pensamos sobre grupos sociais (Lippman, 1922), e tem como suporte fundamental o processo de categorização. Em análise mais aprofundada, os estereótipos também são entendidos como estruturas cognitivas que regem nossas crenças e expectativas sobre os grupos sociais (Cuddy & Fiske, 2002). Sugere-se que essa interpretação de mundo está intimamente ligada à cultura, que, de maneira pré-determinada, influencia internamente os indivíduos em suas observações e interpretações sobre o meio exterior, um processo que comumente serve para defender tradições culturais e hierarquias sociais (Pereira, 2002).

É preciso destacar que até mesmo estereótipos muito difundidos sobre determinados grupos podem ter problemas de alcance, no sentido de que não abrangem toda a diversidade encontrada dentro daqueles. Nessa circunstância, emerge um processo que dá maior nível de especificidade aos estereótipos: convencionou-se a chamar de subtipos uma espécie de ramificação das categorias gerais, que adicionam mais informações aos estereótipos e se estabelecem como variações possíveis para o conteúdo hegemônico (Taylor, 1981). Os

subtipos se fundam, portanto, quando surgem informações conflitantes com a ideia geral, funcionando como repositórios de exceções que sustentam o estereótipo existente, mantendo sua força (Fiske & Taylor, 1991).

Segundo Weber-Kollman (1985), para que os subtipos se desenvolvam, além da percepção de que existem desviantes de uma categoria hegemônica, deve haver um estereótipo bem estabelecido para essa categoria, que seja familiar e costumeiramente utilizado na sociedade, de modo que se possam perceber claramente as divergências comportamentais em alguns indivíduos. Estes, consequentemente, serão associados e direcionados à nova subcategoria, ou melhor, a um subtipo. Uma importante conclusão sobre esse processo é que, de forma implícita ou explícita, o surgimento e a utilização de subtipos frequentemente atende a uma motivação social para que se mantenham estereótipos sobre determinados grupos, mesmo frente a informações conflitantes (Kunda & Oleson, 1995).

A noção de subtipos foi relativizada por Richards e Hewstone (2001) num trabalho em que propuseram um conceito distinto, o de subgrupos. Trata-se de uma perspectiva que ora complementa, ora vai de encontro ao entendimento até aqui abordado. Segundo os autores, grande parte do que se apresenta como subtipos, que funcionam de modo a manter a homogeneidade de um estereótipo, pode, na verdade, ser compreendida numa lógica de diversificação.

Os subgrupos ocorreriam quando a organização das informações sobre uma categoria é feita em termos de agrupamentos de indivíduos em conjuntos que podem ser semelhantes ou diferentes entre si, e podem fortalecer ou contestar um estereótipo global. Este entendimento propõe que algumas subcategorias podem ter especificidades tão relevantes ao ponto de elas se organizarem como grupamentos posicionados ao lado da visão geral, e não subordinados a ela. Dessa forma, diferentes subgrupos podem, todos eles, representar um estereótipo, cada um de sua maneira (Park, Ryan & Judd, 1992). Aparentemente, este conceito se apoia no entendimento de que alguns grupos são tão peculiares e relevantes que

se tornam entitativos e, por isso, passam a merecer um status próprio. Apesar de essa definição não encontrar ressonância em muitos estudos da psicologia social, ela se apresenta como uma alternativa para a mudança de estereótipos, uma vez que trata de variações relevantes em seus conteúdos (Richards & Hewstone, 2001). Dado que nenhuma das definições parece encerrar as fronteiras conceituais, neste trabalho, optou-se pela utilização apenas do termo subtipos para todas as variações do estereótipo geral. É uma escolha feita com base no entendimento de que, como se verá adiante, os tipos com características mais próximas de um "idoso global" não contribuem para a variabilidade do grupo ao ponto de se posicionarem ao lado da visão geral, uma vez que carregam consigo justamente uma ideia homogênea de incompetência e desprestígio. Parece difícil, portanto, que trabalhem para uma mudança do estereótipo sem que alterem um ponto-chave para atingi-la. Por outro lado, o tipo dotado de alto status carrega características que o fazem ser a clássica exceção à regra.

Partindo de sua definição mais tradicional, os subtipos, diferentemente dos subgrupos, atendem à função de manutenção dos estereótipos, e funcionam como exceções à norma. Apesar disso, vislumbra-se a possibilidade de eles operarem como categorias básicas do estereótipo superordenado. Em outras palavras, subtipos poderiam se posicionar no ponto médio de uma hierarquia, aquele que fornece informações otimizadas para a apreensão popular (Schneider, 2004). Nesse sentido, referir-se a um indivíduo como um velhinho ou como um velho ranzinza traria um conhecimento mais completo e permitiria mais inferências a um observador do que denominá-lo apenas como idoso.

Efetivamente, um trabalho que é grande referência no assunto evidenciou que participantes apresentavam maior consenso na atribuição de características a idosos quando estes eram apresentados em forma de subtipos relevantes (Brewer, Dull & Lui, 1981). Schneider (2004), contudo, observa que não há evidências suficientes para se afirmar que, por indivíduos conseguirem distinguir claramente alguns subtipos, estes se constituem como um conteúdo mais básico, no sentido da presente abordagem. Apesar disso, o autor faz uma

importante asserção: segundo ele, mesmo que subtipos não sejam, de fato, mais básicos que categorias globais, é possível que os estereótipos que formamos sobre determinadas categorias sejam mais fortemente afetados pelos que guardamos sobre alguns subtipos em detrimento de outros. Colocado de outra forma, alguns subtipos podem ser mais importantes do que outros na formação das imagens que se tem sobre alguns grupos. Essa é uma ideia que merece maior atenção.

Uma pesquisa feita com mulheres envolvendo suas atividades profissionais mostrou que, quando essas não trabalhavam formalmente, eram vistas como mais coletivistas e menos proativas. Entretanto, aquelas inseridas no mercado poderiam ser vistas até como mais proativas que homens (Eagly & Steffen, 1984). Ou seja, os resultados indicam que estereótipos mais tradicionais sobre mulheres se direcionam apenas àquelas que ocupam papéis entendidos como mais tradicionais. O trabalho de Riedle (1991) corrobora com essa ideia, sugerindo que os estereótipos femininos são altamente influenciados pelas suposições feitas a respeito do papel que elas ocupam. Nessa linha de estudo, portanto, parece haver uma influência do contexto nos estereótipos formados.

O trabalho de Devine e Baker (1991), por sua vez, é menos influenciado pelo contexto, e vai diretamente ao encontro da concepção de que alguns subtipos se mostram mais relevantes que outros. Numa pesquisa envolvendo a categoria raça, participantes brancos foram solicitados a enunciar características que associavam aos negros em geral, assim como a diferentes subtipos, entre eles negros urbanos (*streetwise blacks*), negros do gueto, negros ajudados pelo governo (*welfare blacks*), atletas negros, empresários negros, militantes, entre outros. Descobriu-se grande similaridade entre os atributos associados aos negros em geral, aos *streetwise blacks*, aos negros do gueto e aos *welfare blacks*. Esses dados indicam que, de modo geral, os respondentes brancos não têm visões muito variadas sobre os subtipos de negros, e alguns deles podem servir como modelo para se pensar a própria categoria total.

Outros estudos corroboram com essa concepção. Percebeu-se, em simulação de

situações sociais, que quando indivíduos são solicitados a interagir com um membro de grupo estereotipado, as atitudes em relação ao alvo prediziam seus comportamentos projetados apenas quando esse alvo se encaixava no protótipo formado pelo respondente sobre o referido grupo (Ramsey, Lord, Wallace & Pugh, 1994). De forma prática, quando os respondentes que associavam ex-pacientes de serviços psiquiátricos ao protótipo de um esquizofrênico, tendiam a rejeitar interações com um ex-paciente quando ele era descrito como esquizofrênico mais do que quando era retratado a partir de outros sintomas de doença mental. Esse tipo de resultado também foi encontrado quando se envolveram as categorias homossexuais, assassinos com pena de morte decretada e viciados em drogas (Lord, Lepper & Mackie, 1984; Lord, Desforges, Fein, Pugh & Lepper, 1994).

Atualmente, não parece haver uma linha de estudo sobre estereótipos de grupos minoritários norteada pela existência ou organização de subtipos. Para além disso, nos últimos anos, as abordagens sobre estereótipos centram-se majoritariamente em seus processos de formação, mais estáveis e comumente inalterados em diferentes contextos (Cuddy & Fiske, 2002). Entretanto, os trabalhos acima mencionados servem como ponto de partida para que se pense sobre subtipos de idosos, sobre os quais há atribuições positivas e negativas, embora com uma organização peculiar. Em alguns cenários, enunciam-se características negativas a respeito do grupo-alvo, embora majoritariamente associadas à visão da sociedade, um aparente recurso de desejabilidade social dos respondentes (Vieira & Lima, 2015); em outras circunstâncias, idosos são posicionados entre grupos de baixo status, juntamente com deficientes ou portadores de retardo mental (Zemore & Cuddy, 2000; Fiske et al., 2002). Com isso em mente, e partindo do apontamento de que, apesar de haver ambivalências, as atitudes sobre os idosos são majoritariamente negativas (Hess, 2006; Kite, Stockdale, Whitley e Johnson, 2005), pode-se ponderar que subtipos negativos têm grande importância na formação da imagem global sobre o grupo.

Levando em consideração a ideia de que alguns subtipos são mais importantes que

outros no imaginário social, Schneider (2004) aponta para outra especificidade desse processo. Ocorre que, ao se pensar em uma categoria, suas exceções mais contrastantes tendem a ser deslocadas para um ou poucos subtipos, destacando as demais como mais próximas da visão geral. Por isso, é comum que alguns poucos subtipos pareçam as "reais exceções" à regra, enquanto outros apresentam maior compatibilidade com a concepção majoritária sobre um grupo. Este é um exemplo fácil de se conceber numa abordagem sobre idosos: apesar da existência de uma ou poucas "reais exceções", que retratam idosos como competentes, é comum que outros subtipos pareçam apresentar maior intersecção com a realidade — os que representam idosos como incapazes e atrasados, sejam eles ranzinzas ou amáveis. Sob tal ótica, quando um observador que compartilha da visão hegemônica pensa na questão, idosos que se apresentam claramente como produtivos e capazes não criam uma ideia de variabilidade do grupo; é como se "só aqueles" idosos carregassem tais características, enquanto todos os demais fazem jus à realidade.

Nas seções a seguir, serão abordadas as formas através das quais os mais velhos podem ser divididos, as subcategorias que podem adquirir maior relevância que outras na representação sobre o grupo, além de contextos que podem levar à utilização de diferentes subcategorias por observadores não idosos.

3.2 Tipos de idoso e de idadismo

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002), é considerado idoso quem tem 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, e 65 anos ou mais nos países desenvolvidos. Em vista disso, mesmo se partindo unicamente do critério cronológico, é possível que existam diferenças de 30 anos ou mais entre indivíduos desta mesma categoria.

Uma classificação possível entre pessoas de idade avançada é a que considera um idoso jovem, que tem entre 65 e 74 anos, um idoso mediano, com idade entre 75 e 84 anos, e um idoso mais velho, que tem 85 anos ou mais. Sobreposta a essa classificação, estaria a

que considera a idade funcional, que diz respeito às capacidades individuais de se interagir em um ambiente físico e social (Papalia & Feldman, 2013). Assim sendo, indivíduos com idade cronológica mais avançada podem apresentar melhor desempenho funcional que outros com menos tempo de vida, posicionando-se como mais jovens neste critério.

A psicologia social ocidental tradicionalmente tem focado seus estudos numa parcela mais velha dos idosos, aquela que é comumente associada a imagens negativas (North e Fiske, 2013a). Essas abordagens acabam por desconsiderar um grande contingente de pessoas com menos idade e/ou com melhor desempenho funcional que, atualmente, podem ocupar uma parcela da população similar à da meia idade de outrora, apresentando saúde e disposição para uso societal (Amorim, 2013; Vargas, 2015). Logo, percebe-se que estratos diversos desse grande grupo podem apresentar diferentes características e diferentes problemas a serem enfrentados, embora ainda possam ser vistos como uma porção homogênea, seja pelo meio científico, seja pelo Estado.

Esse arranjo pode ficar ainda mais abrangente quando se concebem outros fatores na heterogeneização do grupo. Schneider e Irigaray (2008) propõem que a idade cronológica, naturalmente utilizada para definição dos perfis etários, é apenas um dos fatores a serem considerados. Além dela, podem-se destacar a idade biológica, que se refere às transformações ou declínios corporais; a idade social, que diz respeito aos papeis atribuídos pela sociedade aos indivíduos e é influenciada por dimensões como gênero, classe social, entre outros; e a idade psicológica, que configura uma relação entre a idade cronológica e as capacidades mentais de adaptação ao meio.

O estudo dos estereótipos reflete essa diversidade. O conceito de subtipos, como já sugerido, se refere a uma diversificação das categorias estereotípicas gerais, aumentando seu poder preditivo, embora mantendo uma visão hegemônica. Por consequência, quando surgem dados que não podem ser agregados à classificação global, os subtipos incorporam essas informações e preservam a relevância dos estereótipos (Fiske & Taylor, 1991).

Alguns estudos estrangeiros servem como orientação para se conceber os subtipos de idosos. Uma das grandes referências é o trabalho de Brewer, Dull e Lui (1981), que solicitaram a sujeitos que organizassem fotos de idosos e suas características em blocos, produzindo diferentes perfis dentro do grupo. Surgiram, assim, três subtipos de idoso: o maternal, descrito como gentil, confiável, sereno e prestativo; o do estadista, relacionado a um idoso inteligente, competitivo, agressivo e intolerante; e o subtipo do senhor idoso, descrito como solitário, fraco, antiquado e preocupado.

Hummer, Garstka, Shaner e Strahm (1994) convidaram jovens, adultos e idosos a listar todas as características que eles associavam aos idosos. Em seguida, a um segundo grupo, foi solicitado que organizassem tais características em conjuntos, definindo diferentes rotulações. Este estudo resultou em quatro grandes estereótipos negativos e três positivos, que também podem ser entendidos como subtipos. Os negativos foram: a) os severamente prejudicados, caracterizados como senis, de pensamento vagaroso, incoerentes e inarticulados; b) os desanimados, retratados como tristes, deprimidos, negligenciados e solitários; c) os grosseiros/megeras, tidos como reclamões, preconceituosos, inflexíveis, intrometidos e invejosos; e d) os reclusos, descritos como quietos, tímidos e ingênuos. Já entre os tipos positivos estão: a) os da melhor idade, representados como sociáveis, ativos, independentes, bem informados e saudáveis; b) os avós perfeitos, interessantes, gentis, amáveis, generosos, sábios e confiáveis; e c) os conservadores ao estilo John Wayne, em referência ao ator americano, caracterizados como patriotas, religiosos, aposentados, conservadores, determinados e orgulhosos.

Na França, em análise posterior, a divisão entre subtipos positivos e negativos também pôde ser verificada. Chambon (2005) relata que os idosos puderam ser vistos como:
a) afetuosos, experientes e financeiramente estáveis; b) amantes da vida, voluntários, viajantes e espirituosos; c) amargos, teimosos, retrógrados e tristes; e d) lentos, doentes, senis, sozinhos e dependentes. Em suma, percebe-se, a partir dos diferentes arranjos de subtipos,

uma necessidade de se interpretar os estereótipos enunciados sobre idosos, levando em consideração fatores como o grupo etário do qual eles provêm e, principalmente, de modo que seja possível cogitar um perfil de idoso a que se referem.

A partir dos estudos citados, Hummert (2010) sugere que é possível se chegar a quatro conclusões: 1) a categoria "pessoa idosa" é geral e engloba estereótipos múltiplos para diferentes tipos de idoso; 2) há crenças negativas e positivas sobre os idosos mas, em geral, as negativas existem em maior número; 3) os estereótipos sobre idosos incluem crenças sobre características físicas, sobre traços de personalidade, sobre o status social e sobre tendências de comportamento; 4) apesar de as crenças sobre o grupo serem compartilhadas, a idade e as experiências individuais podem implicar variações de conteúdo.

O trabalho de Brewer et al. (1981) serve como referência na tipificação dos idosos porque, para além de características específicas atribuídas ao grupo, divide-o em categorias compatíveis com o modelo do conteúdo dos estereótipos (Fiske et. al, 2002). Combinando ambas as perspectivas, avaliações positivas ou negativas dos indivíduos nas dimensões de competência e sociabilidade apontam para os três subtipos propostos: o maternal (sociável mas incompetente), o do senhor idoso (não sociável e incompetente) e o do estadista (não sociável mas competente). Nessa classificação, um subtipo que reúne alta competência e sociabilidade corresponderia ao grupo do próprio percebedor e, por isso, não formaria um quarto modelo de idoso. Entre os três tipos mencionados, o do estadista, apesar da baixa sociabilidade, estaria mais próximo de um alto status social por conta da competência que lhe é atribuída, normalmente associada a traços de habilidade, confiança e inteligência. Em contrapartida, o senhor idoso teria baixo status por não apresentar qualidades evidentes, enquanto o tipo maternal, sociável, geraria simpatia, um sentimento positivo que não necessariamente implica prestígio (Cuddy, Fiske & Glick, 2008).

Uma importante constatação feita por Brewer e colaboradores foi o fato de que as associações de características comportamentais e de personalidade a idosos eram mais fortes

para aqueles que funcionavam como protótipos dos diferentes subtipos, e que a mistura de características de diferentes subcategorias gerava resultados menos lembrados do que junções homogêneas e consistentes com os respectivos subtipos. Os autores prosseguem para a conclusão de que os subtipos, de fato, são relevantes para que se pense a caracterização de idosos, que opera mais significativamente em níveis mais básicos do que nas categorias superordenadas. Em outras palavras, idosos são mais bem representados quando se pensa em referências mais específicas, que agregam mais informações do que uma representação genérica, embora ainda mantenham algum nível de generalidade. Na prática, este é o entendimento que se tem sobre os subtipos propostos pelo trabalho desses autores.

Considerando subtipos como o maternal, o senhor idoso e o estadista, observa-se que a codificação do conteúdo desses estereótipos em torno da competência e da sociabilidade está associada ao status e ao poder dos grupos (Techio, 2011). Este quadro prevê a existência de situações em que determinadas características positivas, principalmente as ligadas à sociabilidade, não necessariamente tornam seus detentores influentes ou admirados. Em tais casos, o preconceito contra idosos pode surgir em modos mais sofisticadas ou menos flagrantes, chamados de benevolentes.

O idadismo, segundo classificação de Butler (1980), pode surgir de duas formas: negativa (*malignant*) ou hostil, e benevolente ou positivo. A forma negativa diz respeito a atitudes claramente desfavoráveis e prejudiciais. Já a forma benevolente é indireta e pode passar despercebida por constituir práticas sociais aceitas e, por vezes, bastante difundidas. É o caso da infantilização do idoso através da linguagem ou do tratamento a ele dispensado, do ajustamento excessivo no volume da fala ao se interagir com ele ou no cuidado demasiado em relação a tarefas do dia a dia (Nelson, 2015).

A respeito do idadismo benevolente, observa-se que o preconceito, ao menos em nível de senso comum, é majoritariamente entendido a partir de atitudes negativas sobre o alvo, sobretudo porque são elas as responsáveis pelos conflitos sociais mais evidentes (Brown, 2010). O chamado preconceito positivo, pelo contrário, opera através de atitudes ou intenções positivas e, embora possa trazer resultados benéficos de boa convivência em alguns cenários, também pode contribuir para a justificação e manutenção de posições inferiores para grupos minoritários (Jones, 1997; Glick et al., 2000).

Observa-se, por exemplo, que concepções positivas associadas a esses grupos estão frequentemente numa esfera de atributos menos importantes no que se refere ao alto status social - quando se atribuem características como sensibilidade, simpatia e doçura a um idoso, por exemplo. Com efeito, na perspectiva do conteúdo dos estereótipos, observa-se uma tendência geral de se classificar os mais velhos como uma categoria sociável, mas incompetente, tal qual o subtipo maternal, embora eles também possam surgir simplesmente como incompetentes, tal qual o subtipo do senhor idoso (Brewer et al., 1981; Fiske, Cuddy, Glick e Xu, 2002; Cuddy, Norton e Fiske, 2005).

No cotidiano, as formas mais positivas de idadismo assumem grande relevância porque, para além do baixo status do grupo grupo-alvo, elas provêm de pessoas próximas, com que se tem convivência, unicamente por uma cultura que infantiliza os idosos e os posiciona como dependentes e limitados. Não é surpreendente constatar, por exemplo, que esse tipo de preconceito ocorre com frequência em contextos de grande aproximação, como o familiar (Ojala, Pietila & Nikander, 2016).

A partir do que foi exposto, portanto, é possível realçar a necessidade de se pensar os idosos através de categorias menores e mais informativas, além de se destacar o contexto em que ocorrem as interações com esses indivíduos, que geram variações nas formas de idadismo manifestadas. Cenários de aproximação são uma primeira variável a se considerar, embora não a única: numa época em que o crescimento da população idosa é notável, o maior convívio intergeracional pode causar novas interações não previstas há alguns anos, a saber, as de competição por recursos, sejam reais ou simbólicos.

Conflito intergeracional

O baixo status normalmente atribuído aos idosos reflete-se num quadro em que eles representam pouca ameaça aos exogrupos, no sentido de que não aparentam serem capazes de competir por recursos. Mas isto poderia transformar-se numa situação de conflito se, em algum momento, eles fossem vistos como ameaçadores (Fiske et. al, 2002). Esse aspecto serve como ponto de partida para outra explicação sociocultural do idadismo proposta por North e Fiske (2012): a do conflito intergeracional.

Segundo esses autores, as causas tradicionalmente atribuídas ao preconceito contra idosos acaba por torná-los desimportantes e excluí-los dos holofotes coletivos, seja por afastamento nas relações interpessoais (teoria da gestão do terror, teoria da identidade social), seja por reduzirem seu status no âmbito social (modelo do conteúdo dos estereótipos), o que causa certa invisibilização dessa categoria. Entretanto, nos últimos anos, é evidente o crescimento desta população no cenário mundial, tornando-a mais representativa. Isso faz com que idosos sejam mais presentes na sociedade e pode convertê-los em competidores por recursos, ou mesmo em um contingente que gera dispêndios – também se especula o aumento da expectativa de vida e a evolução médica como transformações que compõem o cenário do idadismo, uma vez que criaram uma parcela etária de proporções com as quais a sociedade tradicionalmente não precisava lidar no passado (Cuddy & Fiske, 2004). Em outros termos, o contexto de maior expectativa de vida tem aumentado o chamado efeito geracional na estrutura da população, que agora tem contato com variados tipos de idoso e precisa lidar com eles num cenário de crises econômicas e redução dos orçamentos (Meshcheryakov, Ilina & Kabanova, 2017).

Nesta conjuntura, observa-se que novos entendimentos sobre a população idosa, agora sob a alcunha de terceira idade, criaram novos serviços e demandas para esse grupo (Silva, 2008), o que é complementado por políticas públicas e pelo direcionamento de gastos governamentais. A esse respeito, verifica-se que o gasto do governo brasileiro com

previdência é o mais alto entre os países de população jovem, um cenário que já demanda grande atenção governamental, e que exigirá ainda mais nos próximos anos, dada a tendência de crescimento percentual dos idosos (Laporta, 2017). Além disso, observa-se que o chamado Benefício de Prestação Continuada (BPC), direcionado à população idosa e deficiente, atende um montante de mais de quatro milhões de indivíduos com benefícios em torno de um salário mínimo (Nery, 2014). São demonstrativos de que, efetivamente, os mais velhos são responsáveis por significativos dispêndios do orçamento público, o que pode ser motivo de preocupação e insatisfação entre os mais jovens.

Esse quadro já foi observado num trabalho que verificou a associação de grande antagonismo para com os mais velhos à aposentadoria e aos fundos públicos usados para suportá-los (Hurley, Breheny & Tuffin, 2017). Além disso, no ambiente de trabalho, também se constataram tensões etárias em que indivíduos mais jovens ou mais velhos se julgam discriminados por conta de suas idades, seja de forma manifesta ou indireta (Marchiondo, Gonzales & Ran, 2016).

Mas o conflito não se dá apenas em função de recursos materiais ou posições que lhes deem acesso. Também é possível observá-lo em instâncias simbólicas, sobretudo quando os mais velhos invadem uma zona de comportamentos que não lhes são concedidos socialmente. Um exemplo marcante são as questões que concernem à sexualidade, habitualmente negada aos mais velhos. Não é incomum, no cotidiano, que idosos sejam considerados seres "póssexuais" e, por isso, que sejam avaliados negativamente, ridicularizados ou que sofram sanções morais quando demonstram algum nível de atividade ou interesse sexual (Gatling, Mills & Lindsay, 2017; Thompson, O'Sullivan, Byers & Shaughnessy, 2014; Simpson, Home, Brown, Wilson, Dickinson & Torkington, 2017; Watson, Stelle & Bell, 2017).

A ideia de que recursos simbólicos ou reais podem incitar conflitos entre grupos não é recente na psicologia social, campo em que já se desenvolveram perspectivas como a da disputa por recursos limitados ou a da teoria clássica dos conflitos realistas (Allport, 1954;

Sherif, Harvey, White, Hood & Sherif, 1961). Para a interpretação do idadismo, podem-se ainda agregar óticas como a do preconceito benevolente e a do paternalismo. Sob esse ângulo, um grupo minoritário recebe bom tratamento desde que não ultrapasse os limites previstos para seu baixo status social; do contrário, a benevolência pode se transformar em ameaças e maus tratos (Rudman & Glick, 2001; Jackman, 1996). A teoria do racismo moderno também tem aproximação compatível, ao enxergar o surgimento do preconceito a partir de indignações sobre uma suposta escalada injusta do grupo minoritário, que goza de ganhos sociais e institucionais que não merece, além de violar valores típicos dos grupos dominantes (Lima & Vala, 2004).

Apesar da aparente similaridade entre as principais formas de preconceito, North e Fiske (2012) apontam para o fato de que a progressão etária torna o idadismo um caso especial: jovens precisam de recursos que os mais velhos dominam há mais tempo, e possuem prazo limitado para consegui-los. Por conta da progressão etária, os mais novos teriam motivação particular para formar estereótipos prescritivos sobre os mais velhos, ou seja, como eles deveriam ser, visando a controlar recursos daqueles. Desta maneira, o conflito intergeracional se daria a partir de 3 dimensões prescritivas: a da sucessão, a do consumo e a da identidade.

A sucessão se baseia na ideia de que a sociedade dispõe diferentes grupos etários em diferentes posições hierárquicas no que tange ao acesso a recursos. Os mais jovens têm poucos recursos e são barrados de permissões variadas, como dirigir ou votar (Garstka, Schmidt, Branscombe & Hummert, 2004); na meia idade, obtém-se o ápice do acesso a bens diversos, como prestígio, renda, emprego, entre outros (Szafran, 2002); já na idade avançada, é comum afastar-se de posições de destaque, cedendo-se recursos aos mais jovens de forma progressiva. Haja vista a existência de certas variações (como o destaque de idosos na política ou de pessoas muito jovens nos esportes), a sociedade ocidental apresenta uma certa tendência a funcionar deste modo.

Em vista disso, na dimensão de sucessão, o conflito intergeracional acontece pelo desejo dos mais jovens de limitar o controle de idosos sobre recursos almejados, como riquezas, emprego, influência política, entre outros (North & Fiske, 2012). É neste cenário que se localizam, por exemplo, discussões sobre demissão ou realocação de idosos e aposentadoria compulsória, ocorrências cada vez mais incidentes em ambientes de trabalho (Day, 2009; Elmer, 2009; Quindlen, 2009). No que tange às crenças, o acesso e a manutenção de bens em posse de idosos pode operar alterações no conteúdo dos estereótipos sobre eles. Por exemplo, reações de pena para com indivíduos sociáveis mas incompetentes podem transformar-se em raiva por eles agora serem vistos como não merecedores e um empecilho (North & Fiske, 2013a).

A segunda dimensão de potencial conflito entre gerações, a do consumo, diz respeito ao aproveitamento de recursos compartilhados ou já aplicados. Desse ponto de vista, o crescimento da população idosa pode implicar uma distribuição de recursos que provavelmente irá favorecê-la. Com efeito, observa-se que, tanto no Brasil quanto no exterior, o fato de haver tantas ou mais crianças que idosos não impede que haja uma distribuição desproporcional de recursos para os mais velhos (Nery, 2014; Howard, 2008; Minkler, 2006). O maior número de idosos também suscita o medo de que os sistemas de assistência e aposentadoria provoquem danos econômicos ao Estado (Wolf, 2011). Além disso, no cotidiano, esse aspecto certamente pode ser observado em situações como o benefício a idosos em estabelecimentos comerciais, com vagas próprias de estacionamento ou em atendimentos preferenciais, quando há limitações nesses serviços.

A terceira dimensão, identidade, concebe um campo mais simbólico de disputa intergeracional. Ela aborda os novos hábitos da terceira idade, que por vezes invade espaços simbólicos tipicamente destinados aos mais jovens. Por exemplo, idosos que tentam tornar suas aparências mais joviais podem fazer com que possíveis sentimentos de pena para com eles se transformem em resistência ou desaprovação (Schoemann & Branscombe, 2011).

Também se observa em aspectos culturais como a forma de se agir ou de se vestir, à medida que idosos tentam ser modernos ou "descolados" (North & Fiske, 2013a). Os conflitos baseados na identidade podem ser entendidos de maneira similar à de outros pressupostos socioculturais do idadismo, que versam sobre tentativas de distanciamento do grupo-alvo para que se afaste a ideia de mortalidade ou para manutenção do espaço e da autoestima pessoal e grupal (Bodner & Cohen-Fridel, 2014; Boswell, 2012; Bodner et. al, 2015, Martens et. al, 2015; Tajfel & Turner, 1979). Esse tipo de embate parece se refletir em uma assertiva comumente adotada em relação a grupos minoritários no Brasil, a saber: "não há nada contra eles, desde que não nos atrapalhem e/ou desde que se mantenham distantes".

As circunstâncias em que emergem conflitos intergeracionais não apresentam, necessariamente, desfechos ruins. Se, por um lado, elas podem implicar crenças e atitudes negativas, por outro, é possível supor efeitos mais favoráveis. A intensificação do contato entre diferentes grupos etários, em situações adequadas, pode operar uma redução da ansiedade pelo envelhecimento e, mais diretamente, do preconceito entre os mais jovens (Allan, Johnson & Emerson, 2014; Gaertner & Dovidio, 2000; Grefe, 2011; Sullivan, 2008), e cenários de cooperação podem servir para aumentar visões positivas de sociabilidade e competência, ou comportamentos pró-sociais (Cottrell, Neuberg & Li, 2007). Este é, portanto, um campo que se mostra aberto a investigações e medição em diferentes contextos, à medida que a população idosa cresce.

Retomando as 3 dimensões do conflito intergeracional, percebe-se que a ameaça representada pelos idosos pode vir de diferentes frentes. Se, por um lado, eles são vistos como competidores na dimensão de sucessão, em que os mais jovens buscam substituí-los numa hierarquia da utilização de recursos desejados, também podem ser considerados um estorvo na dimensão do consumo, que diz respeito ao dispêndio de bens sociais compartilhados. Assim, como notam North e Fiske (2013a), este é um cenário que prevê desafios diante de diferentes tipos de idoso: se conflitos de sucessão podem ser mais comuns entre indivíduos

com menos idade, os de consumo podem ser uma questão mais aplicável a idosos mais velhos. Percebe-se que, mais uma vez, a heterogeneização do grupo é uma questão relevante para o entendimento do fenômeno.

Apesar dos resultados relevantes nos primeiros estudos sobre contextos de conflito intergeracional e do estabelecimento de diferentes tipos de idoso, as análises sobre o idadismo ainda parecem focar, majoritariamente, em um modelo unificado de indivíduo, ou em circunstâncias não especificadas. A necessidade de se enfatizarem as classificações abordadas parece fundamental para o desenvolvimento teórico da área. Este trabalho busca considerar estas variáveis no estudo do idadismo. Antes do delineamento desta proposta, entretanto, será feita uma abordagem sobre instrumentos que podem colaborar com tais análises.

3.3 Medindo o idadismo

O preconceito contra idosos, como apresentado até aqui, é uma temática que pode ser entendida a partir de subtipos, sejam eles diferentes categorizações sobre idosos ou variações nos contextos em que ocorre o contato com eles. Em consonância com essa perspectiva, e considerando a dimensão explícita das atitudes sobre o grupo, nos últimos anos, desenvolveram-se os primeiros instrumentos que contemplam tais aspectos. Tópicos como o preconceito benevolente ou as relações de competição entre diferentes grupos etários surgem como interesse das pesquisas em Psicologia. Nas linhas a seguir, serão apresentadas escalas que tratam desses assuntos.

Tipos de idadismo e a escala de idadismo ambivalente

Uma especificidade do preconceito contra idosos é o fato de que ele pode ocorrer de forma claramente negativa e hostil, mas também de forma benevolente. É uma compreensão similar à que se observa nos estudos sobre sexismo, em que tratamentos aparentemente

positivos podem ser reflexo de uma realidade de preconceito latente que também prejudica o grupo-alvo. Este é o foco da *Ambivalent Ageism Scale* (AAS), ou escala de idadismo ambivalente, introduzida por Cary, Chasteen e Remedios (2017). O instrumento realça a existência de subtipos de idadismo, um benevolente e um hostil, tal qual observado no *Ambivalent Sexism Inventory* (ASI) de Glick e Fiske (1996). Ambos os instrumentos apresentam correlações similares entre as dimensões benevolente e hostil, com índices que variam de .37 a .71.

A escala de idadismo ambivalente apresenta 13 itens, 9 deles na dimensão benevolente, que se baseiam na literatura da área e dizem respeito a assistência cognitiva excessiva, proteção física e ajuda desnecessária, e 4 itens na dimensão hostil, baseados no inventário de Glick e Fiske (1996). Em sua criação, a AAS demonstrou confiabilidade em teste-reteste (r = .80) e boa consistência interna (alfa de Cronbach = .91). Além disso, baseando-se nas dimensões de competência e sociabilidade propostas por Fiske et al. (2002), serviu para predição de atitudes sobre os idosos: escores altos na dimensão hostil foram preditores de atribuições mais baixas de competência e sociabilidade aos idosos; escores mais altos na dimensão benevolente foram preditores de maiores atribuições de sociabilidade. Percebe-se, portanto, que a AAS é uma ferramenta de interesse em estudos que envolvam diferentes ramificações do idadismo, sobretudo quando se considera que o fenômeno tem sido observado em padrões similares através de diferentes culturas (Cuddy et al., 2009).

Contextos de conflito intergeracional e a escala SIC

A aproximação convencional dos estudos sobre idadismo se baseia em crenças negativas que associam idosos a características indesejadas. North e Fiske (2013b) propõem um foco diferente: baseados no crescimento da população idosa e em suas implicações intergeracionais no que tange à disputa de recursos, introduziram a *Succession, Identity, and Consumption Scale of Prescriptive Ageism* (SIC), uma escala de conflito intergercional. É

um instrumento que, em vez de focar em uma perspectiva descritiva ("como os idosos são"), apresenta três dimensões de base prescritiva ("como os idosos deveriam ser ou agir"): a sucessão, que trata da concessão de recursos desejáveis aos mais jovens (por exemplo, empregos ou prestígio); o consumo, que diz respeito à intenção de limitar o acesso de idosos a recursos compartilhados (gastos governamentais, ou mesmo, lugar preferencial em filas ou estacionamentos); e a identidade, que se refere a recursos simbólicos tradicionalmente monopolizados pelos mais jovens (moda ou aspectos culturais).

Em quatro estudos com universitários americanos e participantes do sistema mTurk, a SIC apresentou alfas de Cronbach satisfatórios, que variaram de .90 a .91, mantendo os bons coeficientes quando consideradas as três dimensões de forma independente: sucessão (.84 a .85), consumo (.75 a .86) e identidade (.83 a .87). E, apesar de ter apresentado forte correlação com a *Fraboni Scale of Ageism* - FSA (Fraboni, Saltstone & Hughes, 1990), demonstrou-se, através de um paradigma experimental em que se apresentavam idosos que contrariavam crenças prescritivas, que a SIC manteve seu poder de predição, mesmo quando controlados os efeitos da FSA. A situação reversa, entretanto, não retornou resultados significativos, o que sugere que uma aproximação prescritiva, em oposição à descritiva da FSA, é um viés relevante (North & Fiske, 2013b). Apesar de se observar que o idadismo é mais evidente por via implícita que pela explícita (Bugental & Hehman, 2007), os autores do instrumento consideram que jovens não devem esquivar-se de demonstrar sua indignação quando considerarem que idosos atrapalham sua busca por recursos.

Aspectos emocionais do idadismo e a escala Fraboni

A escala Fraboni de idadismo (Fraboni, Saltstone & Hughes, 1990), ou *Fraboni Scale* of Ageism (FSA), é um instrumento mais antigo que mantém sua relevância em estudos recentes sobre este tema. Sua principal premissa é a de avaliar o componente afetivo do preconceito através de três dimensões propostas por Allport (1954): antilocução, evitamento

e discriminação. A antilocução refere-se a depreciar o grupo alvo, evocando-o de forma negativa com base em informações errôneas ou generalizantes ("a maioria dos idosos não tem boa higiene pessoal"); a evitação é um dos fatores da segregação etária, e ocorre quando se limita o contato com o grupo-alvo ("sinto-me incomodado quando idosos tentam puxar conversa comigo"); já a discriminação se refere ao tratamento diferenciado e excludente ("idosos não devem ser incentivados a ter opinião política").

Na validação da FSA, participaram 231 canadenses, entre universitários e trabalhadores. Em geral, a escala, que possui 29 itens, evidenciou elevada consistência interna, com alfa de Cronbach de .89, levando seus autores a sugerirem seu uso na investigação intercultural. Aplicada por Neto (2004) em Portugal, a FSA obteve desempenho similar, ratificando sua validade de construto e consistência interna.

Os três instrumentos apresentados serão utilizados nos estudos propostos a seguir.

Antes de apresentá-los, entretanto, a próxima seção realiza um panorama do tema apresentado e o posicionamento deste trabalho para a realização de duas pesquisas.

3.4 Direções de investigação

Este trabalho tratou do idadismo, uma forma de preconceito e discriminação sistemáticos contra indivíduos de idade avançada, que são vistos sob referenciais que os desvalorizam em nossa sociedade. Destacou-se que o fenômeno pode ocorrer em diferentes instâncias, como a institucional ou a das relações pessoais próximas. Suas consequências acontecem em frentes variadas, que vão desde a dessensibilização para com a figura dos idosos, passando por discriminação em diversos níveis, atingindo também as próprias autoimagens dos alvos, o que resulta em pior qualidade de vida, apropriação dos papéis e características aviltantes que lhes são atribuídos e menor longevidade.

É fundamental destacar, entretanto, que os idosos são um grupo heterogêneo, cujas diferenciações implicam atitudes distintas sobre eles. E, ainda, assim como ocorre em outras

formas de preconceito, os contextos em que ocorre o contato com idosos podem criar tipos mais sofisticados de discriminação ou potencializar conflitos entre os grupos etários. Desta maneira, supõe-se, por exemplo, que situações em que há disputa por recursos entre grupos geracionais podem fazer com que idosos sejam concebidos de forma negativa, ou que certos perfis de idoso sofram mais discriminação que outros. A revisão de literatura apresentada mostrou até mesmo que o convívio e a proximidade com idosos podem criar bases para um tipo benevolente de preconceito, numa demonstração de que este é um fenômeno com muitas nuances a serem investigadas.

Além delas, destaca-se a heterogeneidade do grupo-alvo, que é o principal foco de interesse deste trabalho. Ela já foi reconhecida através de diferentes classificações, como as que são feitas por critério etário, de gênero, pelas ambivalências nos estereótipos formados sobre eles ou pelo estabelecimento de subtipos. A esse respeito, destaca-se que ainda não há uma linha de estudos que estabeleça relações entre o idadismo e os diferentes tipos de idoso.

O referencial teórico sobre subtipos indica que eles podem ser entendidos, em algum nível, como um modo de compreensão da variabilidade de um grupo. Com maior frequência, contudo, servem como uma forma de fortalecimento do estereótipo geral, ao funcionarem como um repositório de exceções. Ou seja, são classificados com subtipos aqueles indivíduos que fogem à regra, que permaneceria intacta por conta da existência daqueles (Schneider, 2004). Neste trabalho, considera-se que a visão sobre os idosos é, predominantemente, negativa, e os subtipos servem como uma forma de manutenção deste cenário. Isso significa que idosos vistos de forma negativa se aproximam de uma figura geral sobre o grupo, enquanto os que recebem atributos positivos atuam como exceções.

De maneira mais específica, defende-se a tese de que estereótipos sobre os idosos funcionam em nível básico, de modo que subtipos menos competentes se aproximam da categoria superordenada e são alvo de maior preconceito, enquanto um subtipo competente funciona como real exceção à regra, sofrendo menor preconceito. Como complemento,

propõe-se que, dada a relação entre idadismo e a repulsa ao processo de envelhecimento, haverá relações similares entre os subtipos e a ansiedade sobre envelhecer.

As investigações têm base em aportes teóricos já apresentados: os subtipos de idoso serão considerados através do modelo do conteúdo dos estereótipos (Fiske et al., 2002). É uma perspectiva que, a partir das dimensões da competência e da sociabilidade, engloba as informações que subjazem a quaisquer atributos associados aos indivíduos ou a divisões baseadas em faixa etária. Idosos mais velhos ou mais novos, vistos sob perspectivas positivas ou negativas, todos eles serão classificados segundo uma visão mais abrangente, que também sinaliza as possíveis consequências do modo como são vistos: indivíduos a que são atribuídas características de competência tendem a ter maior status social, enquanto os que são associados à sociabilidade podem sofrer o chamado idadismo benevolente (Cuddy & Fiske, 2004). Neste sentido, os três subtipos propostos por Brewer, Dull e Lui (1981) abrangem as possíveis variações da competência e da sociabilidade atribuídas ao grupo-alvo, e servirão como referência: o subtipo maternal é incompetente, mas sociável; o subtipo do senhor idoso é incompetente e não sociável; o subtipo do estadista é competente, mas não sociável.

Os contextos de idadismo, por sua vez, serão considerados a partir de duas vertentes, baseadas nos cenários apresentados pela literatura. Uma delas é a da aproximação (e do afastamento) em relação aos idosos, que comumente é responsável por atitudes positivas, embora não eliminem a existência de formas benevolentes de preconceito. A segunda diz respeito ao chamado conflito intergeracional: consideram-se cenários em que os idosos podem ser hostilizados por conta de uma disputa por recursos, sejam eles reais ou simbólicos - posições de destaque em empregos, consumo de verbas pessoais ou de utilização coletiva, apropriação de hábitos culturais tipicamente associados às gerações mais jovens (North & Fiske, 2012). Todas essas são conjunturas que fomentam atitudes negativas.

Partindo desta abordagem, realizaram-se 2 estudos empíricos que traçam relações entre os conceitos apresentados. O estudo 1 é do tipo survey experimental, com delineamento

4x2, e visa a analisar a influência de diferentes subtipos nas atitudes sobre os idosos. O estudo 2, outro survey experimental com um fator e 4 condições, visa a analisar a influência de contextos de aproximação, afastamento, competição e não competição na caracterização dos idosos, tomando como base as dimensões de competência e sociabilidade. Eles serão apresentados nos capítulos a seguir.

4. ESTUDO 1: SUBTIPOS E PRECONCEITO

Este estudo tem como objetivo geral avaliar a influência de diferentes subtipos de idosos nas atitudes sobre este grupo e, como objetivo específico, investigar a possível influência da ansiedade sobre envelhecer na manifestação do idadismo. As hipóteses, baseadas no referencial teórico apresentado, são: H1) partindo da concepção de que alguns subtipos se apresentam como mais próximos do estereótipo geral que outros, espera-se que o preconceito apresentado contra idosos em geral se aproxime daquele contra os subtipos menos competentes, sejam sociáveis ("maternal") ou não ("senhor idoso"); H2) sob a mesma premissa, o subtipo competente e não sociável ("estadista") constituirá a exceção à regra e será alvo de menor preconceito; H3) embasando-se na perspectiva das discriminações múltiplas, esperase que idosos do sexo feminino serão alvo de maior idadismo que idosos do sexo masculino; H4) partindo-se da ideia de que o idadismo pode surgir do realce de declínio trazido pelos idosos, propõe-se que a ansiedade sobre envelhecer deverá apresentar influência na manifestação das formas negativas de idadismo.

4.1 Método

Delineamento

Trata-se de um estudo experimental com desenho fatorial 4x2. O fator 1 é constituído por 4 tipos de idoso, caracterizados através de descrições sobre competência e sociabilidade; o fator 2 diz respeito ao sexo do idoso, identificado através de uma foto com um homem ou uma mulher. As variáveis dependentes são constituídas por avaliações de idadismo e de ansiedade sobre envelhecer. Os diferentes tipos de idoso(a) são apresentados em contextos idênticos, de maneira que se avaliem, através de suas manipulações, as mudanças nos escores médios de idadismo e ansiedade demonstrados.

Participantes

Participaram do estudo 160 estudantes universitários de uma faculdade privada em Aracaju-SE, escolhidos por conveniência. O número de sujeitos se baseou nas necessidades de análise do instrumento, observando o critério de 10 participantes por item de uma escala (Pasquali, 1999). Os critérios de inclusão foram a idade mínima de 18 anos e máxima de 59 anos, para que nenhum se enquadrasse no grupo dos idosos. Eles se dividem em 108 mulheres (67,5%) e 52 homens (32,5%), com idades que variam entre 18 e 55 anos (M=23,2; DP=5,8). A respeito das formações, 105 (65,6%) cursam Fisioterapia, 22 (13,8%) Educação Física, 21 (13,1%) Enfermagem, 6 (3,8%) Biomedicina, 4 (2,5%) Nutrição e 2 (1,3%) Biblioteconomia. Eles indicaram ter renda familiar média de 3,2 salários (DP=1.9) e conviver, em média, com 2 idosos (DP=2.3). Em suas opiniões, um indivíduo precisa ter, em média, 63.6 anos para ser considerado idoso (DP=6.97). As variáveis gênero, curso, idade e convívio com idosos foram controladas estatisticamente e não apresentaram nenhuma influência significativa nos resultados.

Instrumento

Utilizou-se um roteiro estruturado com perguntas fechadas, dividido em quatro partes (Anexo 1). A primeira constitui um estímulo neutro, não relacionado com o estudo, que tem estrutura similar à da parte dois e serve como treinamento. A segunda parte traz um texto sobre demissão de funcionários numa empresa, em que um idoso, identificado por foto, perde seu emprego. A variação deste cenário se dá em: a) caracterização do idoso, que surge como sociável e incompetente, não sociável e competente ou não caracterizado; b) foto do idoso, sendo um homem ou uma mulher. As fotos utilizadas foram adquiridas em banco de imagens com permissão para utilização, e passaram por avaliações

em estudo de Vieira (2013), tendo seus personagens sido caracterizados como idosos (60 anos ou mais), com aparência classificada como agradável.

Em seguida, apresentam-se 15 afirmações, com as quais os respondentes concordam ou discordam em escala Likert de 5 pontos. Entre os itens, quatro eram neutros, não relacionados com os objetivos presentes. Um deles, chamado de "demissão", foi criado especificamente para o estudo: "Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto".

Os outros itens foram retirados de escalas de idadismo e, assim como os demais instrumentos utilizados neste trabalho, traduzidos para o Português por um licenciado no curso de Letras Português-Inglês e julgados por 3 especialistas, Mestres em Psicologia, como compatíveis com o cenário apresentado. Três itens são oriundos da escala de conflito intergeracional (North & Fiske, 2013), fator "sucessão": "Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração"; "Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes"; "Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido". A análise de confiabilidade desses itens combinados retornou um alfa de Cronbach de .65, considerado aceitável para a quantidade de itens e de respondentes.

Quatro itens foram retirados da escala de idadismo ambivalente (Cary, Chasteen & Remedios, 2017): "Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade"; "Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade"; "Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecê-la a eles"; "Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país". Apesar de os autores indicarem alta correlação entre os itens benevolentes e hostis deste instrumento, o último item apresentado, o único hostil, reduziu o alfa desta combinação. Por isso, decidiu-

se por separá-lo dos demais, gerando, assim, um item hostil e três benevolentes, com alfa de Cronbach de .62.

Por fim, três itens foram retirados da escala Fraboni de Idadismo revisada por Rupp, Vodanovich e Credé (2005), fator "estereótipos": "Grande parte dos idosos está presa ao passado"; "Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária"; "Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes". A análise de confiabilidade desses itens combinados retornou um alfa de Cronbach de .65. Obtiveram-se, assim, as 4 dimensões de referência para avaliação de idadismo, a serem referenciados como "demissão" (1 item), "sucessão" (3 itens), "preconceito benevolente" (3 itens), "preconceito hostil" (1 item) e "estereótipos negativos" (3 itens). É importante destacar que o que se chama de "dimensão", neste estudo, não segue a definição clássica atribuída aos fatores na construção de escalas. Os itens utilizados foram selecionados de diferentes fontes por relacionarem-se com o tema e serem compatíveis com o contexto apresentado aos participantes na segunda parte do instrumento. Desta forma, os rótulos propostos servem para facilitar a identificação de tais itens, e dizem respeito a uma só frase ou a agrupamento de algumas delas – que apresentaram consistência interna adequada.

A terceira parte consiste na escala de ansiedade sobre envelhecer (Lasher & Faulkender, 1993), em versão traduzida por especialista e avaliada por juízes. A escala original tem 20 itens, organizados em 4 fatores, cada um com 5 itens: "medo de idosos", "preocupações psicológicas", "aparência física" e "medo de perdas". A dimensão "medo de idosos" foi removida por ser considerada incompatível com o perfil deste estudo. Além disso, um dos itens da dimensão "aparência física" foi dispensado por se julgar que é direcionado a respondentes mais velhos que os da faixa etária visada por esta pesquisa: "Quando me olho no espelho, me incomoda notar como minha aparência mudou com o passar da idade". Entre os 14 itens restantes, em análise de confiabilidade realizada após a inversão dos itens 2, 5, 7, 8, 9, 11, 12 e 14, obteve-se um alfa de Cronbach de .75.

A partir destes 14 itens, realizou-se uma análise de componentes principais com rotação Varimax, que resultou em KMO de .79. Configuraram-se 3 fatores com Eigenvalues superiores a 1, que explicam 48.9% da variância do instrumento. Apesar de os agrupamentos de itens não corresponderem aos do instrumento original, considera-se que formam núcleos semânticos compatíveis. Os fatores finais receberam os nomes de "Autoimagem" (5 itens), "Consequências" (6 itens) e "Ocupação" (2 itens). O item 14 ("Acho que me sentirei bem comigo mesmo quando envelhecer") foi excluído por apresentar carga fatorial semelhante nos fatores 1 (0.44) e 3 (0.47). Esses resultados estão demonstrados na Tabela 1.

Tabela 1: Análise de componentes principais da escala de ansiedade sobre envelhecer, em que foram encontrados 3 fatores (N=160).

Itens	Autoimagem	Consequências	Осираçãо
2. Eu nunca mentirei sobre minha idade	.60		
para parecer mais jovem			
7. Não me incomoda de forma alguma me	.71		
imaginar idoso			
8. Acho que estarei de bem com a vida	.54		
quando envelhecer			
9. Nunca temi o dia em que me olharia no	.82		
espelho e veria cabelos brancos			
11. Nunca temi ter a aparência envelhecida	.79		
1. Eu temo que, quando estiver velho,		.59	
meus amigos tenham todos partido			
3. Temo que vai ser muito dificil para mim		.71	
encontrar prazer na velhice			
4. Quanto mais velho eu fico, mais eu me		.39	
preocupo com minha saúde			
6. Fico apreensivo ao pensar em outras		.48	
pessoas tomando decisões por mim			
quando eu envelhecer			
10. Me preocupo com a possibilidade de		.48	
as pessoas me ignorarem quando eu			
estiver velho			
13. Tenho medo de a vida não ter mais		.71	
graça quando eu estiver velho.			
5. Terei muito com o que ocupar meu			.70
tempo quando estiver velho			

12. Acredito que ainda serei capaz de fazer			.64
a maioria das coisas por conta própria			
quando estiver velho			
Alpha de Cronbach	.79	.60	.50
Eigenvalue	3.7	1.9	1.2
Variância explicada (%)	26.6	13.9	8.5

Constata-se que, quando considerado como um fator único, este instrumento apresentou alfa de Cronbach satisfatório (.75), e superior aos encontrados para dois dos três fatores resultantes da análise de componentes principais. Desta forma, levando-se em consideração que não há interesses específicos pelos fatores dissociados, optou-se pela utilização da escala de ansiedade sobre envelhecer como um fator único nas análises.

A quarta e última parte do instrumento diz respeito às informações sociodemográficas, em que se questionaram dados sobre sexo, idade, curso, renda familiar, entre outros.

Procedimentos

O contato com a instituição coparticipante foi realizado através de um de seus coordenadores, que emitiu autorização por escrito para realização do trabalho. Os sujeitos foram abordados em sala de aula no mês de abril de 2018, e convidados a participar de uma pesquisa que envolvia avaliações sobre indivíduos e grupos em situações do cotidiano. Ao receber o instrumento, distribuído aleatoriamente em suas diferentes versões, os sujeitos tinham acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha as informações detalhadas sobre o estudo, seus objetivos, o pesquisador responsável e os princípios éticos envolvidos. Ao aceitarem participar da pesquisa, prosseguiam com seu preenchimento. Este projeto foi submetido à Plataforma Brasil, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia sob o Certificado 86748818.0.0000.5686.

4.2 Resultados e discussão

As variáveis manipuladas neste estudo foram os diferentes subtipos de idoso, assim como a exibição de fotos de um idoso ou idosa. Com efeito, buscou-se investigar as diferenças na manifestação de preconceito a partir desses fatores. Para fácil referência, os subtipos serão identificados através da classificação de Brewer, Dull e Lui (1981): o(a) idoso(a) do cenário 1, caracterizado(a) como sociável e incompetente, será identificado(a) como "maternal"; no cenário 2, a caracterização como não sociável e incompetente será identificada como "senhor idoso"; no cenário 3, a caracterização como não sociável e competente será identificada como "estadista"; no cenário 4, o(a) idoso(a) não caracterizado(a) será identificado(a) como "idoso geral".

Testaram-se, a princípio, as hipóteses H1 e H2: espera-se que o preconceito apresentado contra idosos em geral se aproxime daquele contra os subtipos menos competentes (maternal e senhor idoso); o subtipo competente (estadista) será alvo de menor preconceito.

Calcularam-se as médias de respostas aos itens de idadismo apresentados na parte 2 do questionário, o que possibilitou a verificação de diferentes escores para os 4 tipos de idoso. A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos para as dimensões *demissão*, *sucessão*, *preconceito benevolente*, *preconceito hostil* e *estereótipos negativos*.

Tabela 2: Médias e desvios padrão das respostas aos itens de idadismo para os grupos "maternal", "senhor idoso", "estadista" e "idoso geral".

	Dimensão									
	Demi	issão	Suces	ssão	Benev	volente	Hostil		Estere	ótipos
Grupo	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Maternal (N=38)	2.9	0.98	3.1	0.92	3.4	0.76	1.7	0.76	2.9	0.86
Senhor Idoso (N=43)	3.4	0.93	3.2	0.55	3.4	0.72	2.1	0.97	3.2	0.79
Estadista (N=39)	<u>2.3</u>	0.89	<u>2.4</u>	0.58	<u>2.6</u>	0.44	<u>1.5</u>	0.55	<u>2.5</u>	0.72
Idoso Geral (N=40)	2.8	0.98	3.2	0.76	3.7	0.63	2.0	0.86	3.1	0.79

Pode-se observar que as médias nos escores de idadismo para o tipo *estadista* são menores que as médias dos três outros tipos em todas as dimensões. Realizaram-se, em seguida, análises de variância (ANOVA) para avaliar a existência de diferenças significativas entre os escores em cada dimensão.

Para $demiss\~ao$, observaram-se diferenças significativas nos escores para cada tipo de idoso [F(3,156) = 9.51; p < 0.001]. Uma análise de contraste indicou que, de fato, o subtipo estadista foi alvo de menor preconceito que os três outros grupos (p< 0.001).

Para *sucessão*, também se observaram diferenças significativas nos escores para cada tipo de idoso [F(3, 156) = 12.47; p < 0.001]. Uma análise de contraste indicou que, nesta dimensão, o subtipo estadista também foi alvo de menor preconceito que os três outros grupos (p < 0.001).

Para *preconceito benevolente*, as diferenças também foram encontradas [F(3, 156) = 19.93; p < 0.001]. Uma análise de contraste indicou que, nesta dimensão, o subtipo estadista foi alvo de menor preconceito que os três outros grupos (p < 0.001).

Para *preconceito hostil*, também houve diferenças significativas [F(3, 156) = 5.76; p < 0.001]. Uma análise de contraste indicou que, assim como nas anteriores, nesta dimensão, o subtipo estadista foi alvo de menor preconceito que os três outros grupos (p < 0.001).

Para *estereótipos negativos*, também foram encontradas diferenças [F(3, 156) = 7.03; p < 0.001]. Uma análise de contraste indicou que, assim como nas anteriores, nesta dimensão, o subtipo estadista foi alvo de menor preconceito que os três outros grupos (p < 0.01).

Os resultados mostram que, via de regra, o tipo *estadista* foi alvo de menor idadismo que os outros tipos apresentados, que se igualam como alvos de idadismo em maiores níveis. Isso vai ao encontro da ideia de que alguns subtipos se aproximam mais do estereótipo geral do que outros, que constituiriam as reais exceções à regra (Schneider, 2004). Neste caso, os subtipos implicaram diferentes impactos nas atitudes sobre os idosos, de modo que o

estadista se posiciona como exceção, enquanto os tipos maternal e senhor idoso aproximamse do idoso geral.

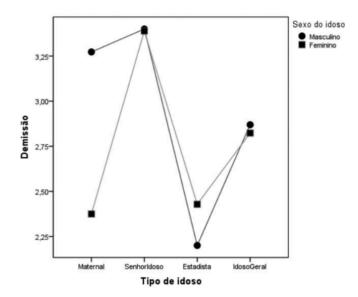
Para verificar possíveis interações entre o fator 1 (tipo de idoso) e o fator 2 (sexo do idoso), realizaram-se análises de variância fatoriais (ANOVAs fatoriais) comparando os escores das cinco dimensões de idadismo. Os resultados, exibidos na Tabela 3, mostram que o tipo de idoso teve impacto nas cinco condições; contudo, em 1 delas, verificou-se um efeito de interação com o fator sexo, e em 2 delas, uma tendência a interação.

Tabela 3: matriz de ANOVAs fatoriais para as dimensões "demissão", "sucessão", "preconceito benevolente", "preconceito hostil" e "estereótipos negativos", em que se encontraram interações entre os fatores "tipo de idoso" e "sexo do idoso".

		Fator	
Dimensão	Tipo do idoso	Sexo do idoso	Tipo x Sexo
Demissão	p < 0.001	n.s.	p = 0.054
	n2 = 0.15		n2 = 0.05
Sucessão	p < 0.001	n.s.	n.s.
	n2 = 0.19		
Prec. benevolente	p < 0.001	p < 0.05	p < 0.05
	n2 = 0.28	n2 = 0.04	n2 = 0.07
Preconceito hostil	p < 0.01	n.s.	n.s.
	n2 = 0.12		
Estereótipos	p < 0.01	n.s.	p = 0.065
•	n2 = 0.13		n2 = 0.05

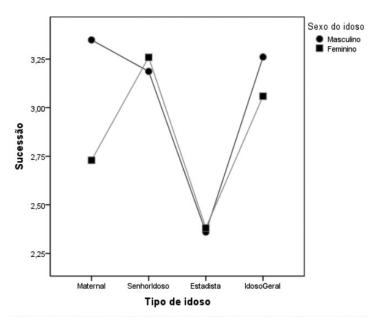
Para *demissão*, a interação entre os fatores "tipo de idoso" e "sexo do idoso" é tendencial (p = 0.054). Portanto, estão confirmadas as hipóteses H1 e H2, mas parece haver alguma influência do sexo do idoso na manifestação de idadismo, em que os homens sociáveis e incompetentes (tipo *maternal*) sofrem mais preconceito que as mulheres com mesmo perfil. Este resultado, demonstrado na Figura 1, vai de encontro à hipótese H3, que previa mulheres como alvo de mais idadismo.

Figura 1: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão "demissão".



Para *sucessão*, não foram verificados efeitos de interação. Assim sendo, como demonstra a Figura 2, as hipóteses H1 e H2 foram confirmadas, uma vez que o tipo estadista é alvo de menor preconceito que os outros três tipos.

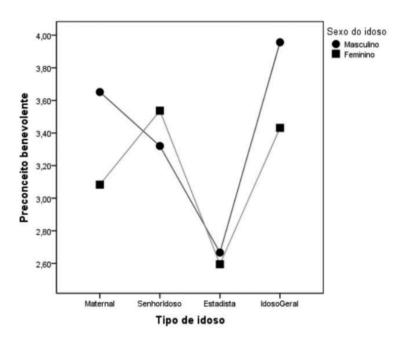
Figura 2: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão "sucessão".



Para preconceito benevolente, observou-se tanto efeito do sexo (p < 0.05) quanto uma interação entre tipo e sexo do idoso (p < 0.05). Nesta condição, idosos do sexo masculino

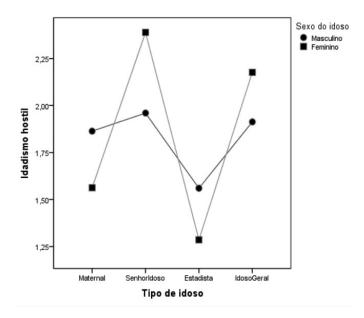
foram alvo de maior idadismo tanto no tipo geral quanto, sobretudo, no tipo sociável e incompetente (*maternal*), contrariando, mais uma vez, a hipótese H3. Estabelece-se, assim, um cenário em que homens idosos sofrem mais preconceito que mulheres idosas, ao menos considerando-se um tipo de perfil menos competente. Isso é observado até mesmo na única dimensão benevolente de idadismo contemplada por este estudo. Esse resultado está demonstrado pela Figura 3.

Figura 3: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão "preconceito benevolente".



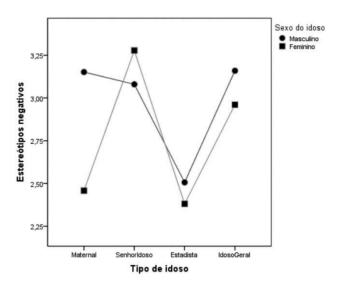
Para *preconceito hostil*, não se verificaram efeitos de interação. Assim sendo, como demonstra a Figura 4, o tipo estadista foi alvo de menor preconceito que os outros três tipos.

Figura 4: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão "preconceito hostil".



Por fim, na dimensão *estereótipos negativos*, a interação entre tipo e sexo do idoso foi tendencial (p=0.065). Desta maneira, confirmaram-se as hipóteses H1 e H2, mas observase algum nível de influência do sexo do idoso na manifestação de idadismo, em que, tal como observou-se em *demissão*, os homens sociáveis e incompetentes (tipo *maternal*) sofrem mais preconceito que as mulheres com mesmo perfil. Este resultado, demonstrado na Figura 5, vai novamente de encontro à hipótese H3, que apontou as mulheres como alvo de maior idadismo. Esta hipótese, portanto, foi refutada pelos dados.

Figura 5: ANOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, segundo a dimensão "estereótipos negativos".



Conclui-se, neste ponto, que as hipóteses H1 e H2 foram parcialmente confirmadas: de fato, o idoso geral aproxima-se de idosos menos competentes como alvo de maior idadismo, enquanto o idoso caracterizado como competente distancia-se como alvo de menor idadismo. Entretanto, em algumas condições isso se confirma apenas para idosos do sexo masculino. Por isso, considera-se refutada a hipótese H3, que previa mulheres como alvo de maior discriminação que homens. Esses resultados serão mais bem avaliados nas conclusões.

No seguimento das análises, foi testada a hipótese H4, segundo a qual a ansiedade sobre envelhecer apresentaria influência na manifestação das formas negativas de idadismo. Para isso, realizou-se uma análise de covariância (ANCOVA), de modo que se pudesse avaliar a influência dos tipos de idoso na manifestação de idadismo, controlando-se os efeitos da ansiedade sobre envelhecer. Encontraram-se resultados significativos apenas em *demissão* (p < 0.05), e tendenciais para *sucessão* (p = 0.065), como demonstra a Tabela 4.

Tabela 4: ANCOVA fatorial para tipo de idoso e sexo do idoso, nas dimensões demissão e sucessão, antes e depois de controlados para ansiedade sobre envelhecer.

			tor		
Tipo de	o idoso	Sexo d	o idoso	Tipo x	Sexo
Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
p < 0.001	p<0.05	n.s.	n.s.	p = 0.054	n.s.
n2 = 0.15	n2=0.07			n2 = 0.05	
p < 0.001	p < 0.001	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
n2 = 0.19	n2 = 0.16				
n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
	Antes p < 0.001 n2 = 0.15 p < 0.001 n2 = 0.19	Antes Depois p < 0.001 p<0.05 n2 = 0.15 n2=0.07 p < 0.001 p < 0.001 n2 = 0.19 n2 = 0.16	$\begin{tabular}{lllllllllllllllllllllllllllllllllll$	$ \begin{array}{c ccccccccccccccccccccccccccccccccccc$	

Os resultados apontam, portanto, que para *demissão* e, tendencialmente, para *suces-são*, a ansiedade por envelhecer exerceu influência sobre os escores de idadismo. Os dados vão ao encontro da hipótese H4, embora, diferentemente do que ela propõe, não se repitam nas outras duas dimensões negativas (*preconceito hostil* e *estereótipos negativos*). Trata-se de uma confirmação parcial para H4.

De maneira complementar e exploratória, decidiu-se testar a ansiedade sobre

envelhecer tal como uma variável dependente, avaliando sua manifestação em diferentes escores a partir da exposição dos participantes aos diferentes tipos de idoso. Calcularam-se, assim, as médias de respostas às dimensões de ansiedade anteriormente apresentadas - *autoimagem*, *consequências* e *ocupação* -, assim como à ansiedade como uma dimensão única. A Tabela 5 apresenta esses resultados a partir dos 4 tipos de idoso.

Tabela 5: Médias e desvios padrão das respostas às dimensões de ansiedade sobre envelhecer para os grupos "maternal", "senhor idoso", "estadista" e "idoso geral".

	Dimensão								
	Autoi	magem	Conse	quências	Оси	pação	Ansiedo	ide geral	
Grupo	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Maternal (N=38)	2.7	0.84	3.6	0.53	2.7	0.80	3.1	0.47	
Senhor Idoso (N=43)	3.1	0.67	3.9	0.40	3.2	0.66	3.5	0.35	
Estadista (N=39)	2.4	0.91	3.2	0.55	2.5	0.78	2.7	0.47	
Idoso Geral (N=40)	2.2	0.66	3.7	0.52	2.4	0.65	2.9	0.39	

Observa-se, inicialmente, que as médias nos escores de ansiedade são maiores quando se apresentaram aos participantes os tipos *maternal* e *senhor idoso*. Entretanto, diferentemente do que se verificou nos escores de preconceito, o *idoso geral* parece se distanciar do *maternal* e do *senhor idoso*, revelando as menores médias. Uma análise de variância (ANOVA) identificou que, assim como no teste anterior, a manipulação dos tipos de idoso retornou diferenças significativas de ansiedade em todas as condições: *autoimagem* [F(3, 156) = 11.04; p < 0.001], *consequências* [F(3, 156) = 16.04; p < 0.001], e *ocupação* [F(3, 156) = 9.14; p < 0.001].

Realizaram-se testes *post hoc* (Tukey) para que se avaliassem as diferenças de escore entre as dimensões de ansiedade. Em *autoimagem*, o grupo em contato com o idoso geral apresentou menores escores de ansiedade que os grupos em contato com os tipos *maternal* (p<0.05) e senhor idoso (p<0.001), e não apresentou diferenças em relação ao grupo do

estadista. O contato com o estadista, por sua vez, retornou menores escores de ansiedade que o contato com o senhor idoso (p<0.001), sem diferenças em relação às duas outras condições. Em resumo, o senhor idoso (M=3.1) retornou os maiores escores de ansiedade; maternal (M=2.7) e estadista (M=2.4) apresentaram-se em nível intermediário, pela ausência de significância entre suas médias, enquanto o idoso geral (M=2.2) resultou em menores escores de ansiedade.

Em *consequências*, o grupo em contato com o estadista apresentou menores escores de ansiedade que os três grupos restantes, maternal (p<0.001), senhor idoso (p<0.001) e idoso geral (p<0.001). Já o tipo maternal retornou menores escores de ansiedade que o senhor idoso (p<0.05). Trata-se de um resultado mais próximo ao que se observou nos itens sobre preconceito, em que o estadista (M=3.2) resulta em menor ansiedade, e os outros grupos aproximam-se em escores maiores, com única diferença significativa entre maternal (M=3.6) e senhor idoso (M=3.9).

Em *ocupação*, os três tipos apresentaram menores escores de ansiedade que o senhor idoso: maternal (p<0.05), estadista (p<0.001) e idoso geral (p<0.001). As demais diferenças entre as médias não foram significativas. Em que pese a ausência de significância, percebese que o grupo idoso geral (M=2.4) surge novamente com média menor que as do estadista (M=2.5), do maternal (M=2.7) e do senhor idoso (M=3.2) – esta, como destacado, uma diferença significativa.

Os resultados mostraram que, na generalidade, os participantes que tiveram contato com os tipos *maternal* e *senhor idoso* manifestaram mais ansiedade sobre envelhecer. Chamou atenção, entretanto, a aparição do idoso geral resultando nos menores escores de ansiedade entre todos os tipos. Apesar de não haver um modelo direto para explicar essa questão, cabe ressaltar que, na escala de ansiedade, os respondentes faziam uma avaliação de si e não dos idosos, diferentemente do que ocorreu nos itens sobre idadismo. Nesse contexto, a aparição do idoso geral como uma figura sem caracterização pode não ter fornecido os

subsídios necessários para que os respondentes se reconhecessem ou se identificassem com essa figura. Com efeito, estudos relevantes que relacionam idosos à ansiedade sobre envelhecer e ao idadismo costumam incluir uma etapa que promove a identificação dos participantes com o grupo e suas características, associando-se a ele (Martens, Goldenberg & Greenberg, 2005; Rittenour & Cohen, 2016).

Por fim, efetuou-se uma análise de correlação (Pearson) entre as dimensões de idadismo e ansiedade sobre envelhecer, que revelou dimensões positivamente correlacionadas, ainda que em leve intensidade. Os resultados são demonstrados pela Tabela 6.

Tabela 6: Matriz de correlações (Pearson) entre as dimensões de idadismo e ansiedade sobre envelhecer (n = 160).

	Dimensões de ansiedade sobre envelhecer					
Dimensões de idadismo	Autoimagem	Consequências	Осираçãо			
Demissão	.356**	.193**	.252**			
Sucessão		.218**				
Preconceito benevolente		.270**				
Preconceito hostil						
Estereótipos negativos		.229**	.170*			

^{*} p < .05; ** p < .01

Destaca-se, em primeiro lugar, a correlação positiva de *demissão* com todas as dimensões de ansiedade, mas também a correlação existente entre *consequências*, uma das dimensões de ansiedade, e *preconceito benevolente*. Em algum nível, isso indica que preocupações excessivas, tratamento altamente ajustado ou subestimação das capacidades de idosos apresentam ligações com um afligimento pessoal dos participantes sobre limitações que lhes podem afetar no futuro. De qualquer forma, a baixa força das correlações observadas parece indicar, mais uma vez, a necessidade de se criarem mecanismos de identificação dos

respondentes para com o grupo-alvo, de modo que atitudes negativas se reflitam de forma mais clara na ansiedade sobre envelhecer. Esta também pode ser uma explicação para a confirmação apenas parcial da hipótese H4.

4.3 Conclusões

Este estudo teve como principal objetivo avaliar a influência de diferentes subtipos de idosos nas atitudes sobre o grupo. A hipótese foi de que subtipos caracterizados como incompetentes se aproximam do modo como os idosos em geral são vistos e, por isso, são alvos de preconceito em nível similar, maior do que o observado contra subtipos competentes. A pesquisa realizada com estudantes universitários mostrou que, em linhas gerais, os tipos denominados "maternal" (sociável e incompetente) e "senhor idoso" (não sociável e incompetente) foram alvos de maior preconceito que o tipo "estadista" (não sociável e competente), e resultaram em escores similares ao tipo "idoso geral", não caracterizado.

Ainda no que tange aos subtipos, nota-se que não se utilizou, neste trabalho, uma opção classificada como sociável e competente. Trata-se de uma opção feita, primeiramente, para facilitar análises com moldes já estabelecidos pela literatura. Partindo do modelo do conteúdo dos estereótipos (Fiske, Cuddu, Glick & Xu, 2002), a combinação de competência e sociabilidade é normalmente atribuída ao endogrupo, por categorias majoritárias em status social. A referência de Brewer e colaboradores (1981), que se baseia no modelo do conteúdo e aponta para os três subtipos utilizados, certamente não cobre toda a diversidade de maneiras pelas quais o grupo-alvo é categorizado, mas permite boa operacionalização na análises de atitudes. Cabe salientar que, como abordado na revisão de literatura, outros autores já trataram da heterogeneidade dos idosos baseando-se não em dimensões como competência e sociabilidade, mas em características pessoais a eles atribuídas, e estudos sobre subtipos com esse tipo enfoque, com utilização de recursos como fotos ou vídeos, podem ser confirmatórios e complementares ao atual trabalho.

Independentemente das hipóteses propostas, os dados encontrados são um norte para que se realce um fenômeno mais abrangente: o de que a heterogeneidade dos idosos é importante para que se compreenda o modo como eles são vistos, avaliados e, provavelmente, como se comporta em relação a este grupo. Por vezes, não se trata unicamente de características pessoais, mas de posições ou papéis atribuídos. Por exemplo, subtipos maternais, aqueles comumente observados sob a figura da "vovó meiga", ou mesmo do "vovô meigo", podem esconder avaliações e crenças negativas que diminuam seus status ou influenciem as relações que se estabelecem com eles de forma desfavorável (para eles).

A heterogeneidade se refletiu também em outro fator: o sexo dos idosos apresentados, que implicou diferenças na avaliação feita pelos participantes. Entretanto, ao contrário do que se previa, idosos do sexo masculino foram alvo de maior idadismo que os do sexo feminino, especificamente entre aqueles caracterizados como sociáveis, mas incompetentes. Apesar de, em análise preliminar, imaginar-se que mulheres idosas seriam maiores alvos de preconceito por concentrarem duas categorizações minoritárias (sexo e idade), a ausência de competência talvez seja um fator preponderante para que pesem avaliações negativas sobre os homens. Esta interpretação seria análoga àquela que se faz em algumas abordagens sobre homossexuais, em que a intersecção de machismo e homofobia apontaria para uma maior reprovação de homens gays que de mulheres com a mesma orientação (Quinalha, 2018; Silva, 2011). Numa sociedade machista, pesariam sobre os homens exigências envolvendo desempenho e competência, que poderiam se converter em alta reprovação e preconceito nos casos em que não são satisfeitas. Nesse sentido, observa-se que os subtipos propostos por Brewer e colaboradores (1981) já são identificados por sexo: o maternal, sociável e incompetente, é feminino por definição, talvez por este ser um perfil comumente atribuído às mulheres na sociedade, tornando-se marcante e seguida por sanções a sua aplicação em homens. È um ponto de partida para futuras investigações que, desde já, realça a importância de se considerar o sexo como um desdobramento dos chamados subtipos.

A ansiedade sobre envelhecer, neste trabalho, mostrou alguns efeitos esperados, embora não necessariamente na intensidade que se previa. Trata-se de uma dimensão de primeira ordem nos estudos sobre idadismo que, nos resultados apresentados, foi observada através da influência nas avaliações sobre os idosos em duas das dimensões de idadismo. Também foi encontrada em correlações leves com quatro dessas dimensões, além de, quando analisada tal como uma variável dependente, surgir em maiores escores quando apresentados idosos menos competentes. Acredita-se que esse é um fator que pode despontar de forma ainda mais marcante, desde que introduzido e operacionalizado de forma adequada. Nesta pesquisa, como já demarcado, não houve um momento em que os participantes eram convidados a comparar suas características com as de idosos, nem que permitisse outras formas de aproximação com os mais velhos, no sentido de serem pessoas parecidas com os não idosos. É provável que etapas dessa ordem desencadeassem a identificação necessária para que o processo de ansiedade sobre envelhecer entrasse em ação. Além disso, poderiam ser testadas diferencas entre participantes mais novos e outros mais velhos, próximos dos 60 anos, para avaliar em que medida a diferença de idade implicaria mais ou menos ansiedade sobre envelhecer, posto que uma das categorias estaria mais perto de adentrar o grupo-alvo. Esta mudança de status é uma das grandes particularidades no estudo do idadismo e, numa avaliação de ansiedade, pode ser melhor investigada.

5. ESTUDO 2: CONTEXTOS E CARACTERIZAÇÃO DE IDOSOS

De acordo com o que apresentou o primeiro estudo, as atitudes sobre idosos sofrem influência dos subtipos usados como referenciais. Entretanto, conforme a abordagem do capítulo 3, nas relações do cotidiano, o protótipo usado para se classificar indivíduos pode variar segundo o contexto. Este estudo tem o objetivo geral de avaliar a influência de contextos de proximidade e não proximidade, assim como de competição e não competição, na caracterização de idosos, através das dimensões de competência e sociabilidade. Observase que a proximidade e o conflito são usualmente destacados, seja no cotidiano ou na literatura, como aspectos relevantes na moldagem das relações estabelecidas com o grupoalvo. Entretanto, como não há clara ligação entre eles, não serão tratados como fatores relacionados neste estudo, que funcionará tal como duas pesquisas dissociadas, em que a proximidade atua como fator em uma, enquanto a competição atua em outra. Como objetivos específicos, em ambos os casos, investigar-se-á a correlação entre competência, atributo que implica maior ou menor status social, e a manifestação de idadismo ambivalente e conflito intergeracional; assim como a influência dos contextos supracitados na expressão de idadismo ambivalente e conflito intergeracional. As hipóteses são: H1) partindo das concepções sobre preconceito benevolente, um cenário de proximidade fará com que idosos sejam classificados como mais sociáveis do que um cenário de afastamento, mas não haverá diferenças nos escores de competência; H2) sob os referenciais de conflito intergeracional, espera-se que um cenário de competição resultará em menor atribuição de competência do que um cenário de não competição, mas não haverá diferença em sociabilidade; H3) tendo em vista que subtipos sociáveis e competentes tendem a se associar apenas ao grupo do observador (endogrupo), propõe-se que, controlados os escores de sociabilidade, a competência atribuída aos idosos apresentará correlação negativa com o preconceito ambivalente, comumente ligado a figuras de fragilidade e incapacidade; H4) sob o mesmo referencial, propõe-se que, controlados os escores de sociabilidade, a competência apresentará correlação positiva com o conflito intergeracional, que surge da ameaça imposta por idosos à identidade ou aos recursos dos mais jovens; H5) partindo das concepções sobre preconceito benevolente, o realce de proximidade implicará mais idadismo ambivalente que o realce de afastamento; H6) partindo dos referenciais sobre conflito intergeracional, o realce de competição implicará maiores escores de conflito.

5.1 Método

Delineamento

Trata-se de um estudo experimental com apenas um fator, envolvendo 4 condições: proximidade vs afastamento e competição vs não competição. Essas condições, identificadas como importantes para a caracterização de idosos, serão analisadas em pares, tal como dois estudos independentes. As variáveis dependentes contituem-se de avaliações sobre competência e sociabilidade, sobre idadismo ambivalente e sobre conflito intergeracional. Os 4 diferentes contextos serão apresentados, cada um, a participantes distintos, de modo que se avaliem as diferenças em suas respostas às variáveis dependentes.

Participantes

Participaram do estudo 165 estudantes universitários, selecionados por conveniência em duas instituições de ensino superior, uma pública e uma privada, no estado de Sergipe. O número de sujeitos se baseou nas necessidades de análise do instrumento, observando o critério de 10 participantes por item de uma escala (Pasquali, 1999). Os critérios de inclusão foram a idade mínima de 18 anos e máxima de 59 anos, para que nenhum se enquadrasse no grupo dos idosos. Eles se dividem em 99 mulheres (60%) e 66 homens (40%), com idades

que variam entre 18 e 48 anos (M=22,5; DP=4,8). A respeito das formações, 53 (32,1%) cursam Fisioterapia, 35 (21,2%) Engenharia Civil, 34 (20,6%) Engenharia de Petróleo, 16 (9,7%) Estatística, 7 (4,2%) Ciências Atuariais, 6 (3,6%) Engenharia de Alimentos, 5 (3%) Engenharia Química, 5 (3%) Química Insdustrial e 4 (2,4%) Agronomia. Eles indicaram ter renda familiar média de 3,8 salários (DP=1.8) e conviver, em média, com menos de 2 idosos (M=1.7, DP=1.6). Em suas opiniões, um indivíduo precisa ter, em média, 68 anos para ser considerado idoso (DP=8). A variável curso foi controlada estatisticamente e não apresentou nenhuma influência significativa nos resultados.

Instrumento

Utilizou-se um roteiro estruturado com perguntas fechadas, dividido em cinco partes (Anexo 2). A primeira apresenta um cenário de aproximação, afastamento, competição ou não competição. O cenário de aproximação pede que os participantes pensem em idosos com quem têm proximidade e nos seus sentimentos em relação a eles; o de afastamento pede que se pense em idosos encontrados nas ruas, com quem não se tem contato, e nos sentimentos que se tem sobre eles. O cenário de competição apresenta uma suposta matéria jornalística a respeito da relação conflituosa entre idosos e jovens no mercado de trabalho, que pode implicar dificuldades para os últimos; o cenário de não competição é um estímulo neutro, e se trata de um texto sobre higiene bucal. Todos os cenários são seguidos por perguntas sobre seus conteúdos, para que se certifique de que os respondentes compreenderam o tema apresentado.

Na segunda parte do instrumento, realizam-se as avaliações de competência e sociabilidade dos idosos. Isso é feito através de perguntas sobre atributos do grupo-alvo, sendo 5 delas sobre competência, 5 sobre sociabilidade e 5 perguntas neutras, não relacionadas com os objetivos do estudo. Os respondentes precisam marcar, abaixo desses

questionamentos, a percentagem de idosos que julgam serem compatíveis com as características neles expostas, em escala Likert que vai de 0% (escore 0) a 100% (escore 10).

No estímulo neutro, estão perguntas como "Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos na população brasileira atual?"; e "Em sua opinião, qual a chance de avós e netos compartilharem um mesmo gosto musical?"; estas foram descartadas nas análises. Entre as perguntas sobre competência, estão: "Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos que são habilidosos e capazes de ocupar cargos de chefia em empresas?"; e "Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos que são fortes mentalmente para aguentar situações de crise?"; considerando esses 5 itens como uma só dimensão, uma teste de confiabilidade resultou em alta consistência interna, com alfa de Cronbach de .91. Por fim, entre as perguntas sobre sociabilidade, estão: "Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos sociáveis/agradáveis para o convívio diário?"; e "Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos que são amáveis e zelosos com a família?". O teste de confiabilidade desses itens como dimensão também resultou em alta consistência interna, com alfa de Cronbach de .90. Desse modo, os 10 itens sobre competência e sociabilidade foram considerados como duas dimensões nas análises posteriores.

As características utilizadas para construir as frases da parte 2 se basearam em estudos anteriores sobre o modelo do conteúdo dos estereótipos e crenças a respeito dos idosos (Brewer, Dull & Lui, 1981; Fiske, Cuddy, Glick & Xu, 2002; Hummert, Garstka, Shaner & Strahm, 1994; Torres, 2010; Vieira, 2013). O modo como elas são respondidas se respalda na avaliação de competência e sociabilidade de grupos sociais proposta por Fiske et al. (2002). Entretanto, na versão original, os autores apresentam características e solicitam aos participantes que indiquem o quanto a sociedade as associa aos idosos; como já se identificou que, a partir desse tipo de questionamento, pode haver grande dissociação entre as características atribuídas à visão da sociedade e às visões pessoais alegadas pelos respondentes (Vieira & Lima, 2015), optou-se por se perguntar a opinião do próprio

entrevistado. Além disso, nesta pesquisa, em vez de se questionar a intensidade em que todos os idosos são associados a determinadas características, optou-se por se indagar a porcentagem de idosos que os respondentes associam a elas. De um lado, isso permite que o participante indique qual é, em suas representações, o idoso preponderante para cada característica; de outro lado, por ser possível considerar que apenas alguns idosos (apenas uma porcentagem deles) se associam a tais características, pretendeu-se abrandar o efeito de respostas influenciadas por desejabilidade social.

A terceira parte corresponde a uma versão traduzida da escala de idadismo ambivalente (Cary, Chasteen & Remedios, 2017), um instrumento que apresenta duas dimensões do idadismo, uma benevolente e uma hostil. São 13 itens respondidos através de escalas Likert de 5 pontos, que retornaram alta consistência interna nesta amostra, com alfa de Cronbach de .90.

A partir desses 13 itens, realizou-se uma análise de componentes principais com rotação Varimax, que resultou em KMO de .87. Configuraram-se 3 fatores com Eigenvalues superiores a 1, que explicam 69% da variância do instrumento. Apesar de a escala original dividir-se em apenas 2 fatores, a saber, preconceito benevolente (9 itens) e preconceito hostil (4 itens), os 3 obtidos neste estudo configuram-se de maneira similar: os dois primeiros funcionam como subdivisões do preconceito benevolente, em que um deles trata de aspectos relacionados ao trabalho e o segundo envolve o ajustamento excessivo em cuidados com os idosos. Desta forma, os fatores finais receberam os nomes de "Subestimação no trabalho" (3 itens), "Ajustamento excessivo" (6 itens) e "Idadismo hostil" (4 itens). Esses resultados estão demonstrados na Tabela 7.

Tabela 7: Análise de componentes principais da escala de idadismo ambivalente, em que foram encontrados 3 fatores.

	Fatores				
Itens	Subestimação	Ajustamento	Idadismo		
	no trabalho	excessivo	hostil		
1. É válido dizer a idosos que eles estão	.74				
velhos demais para fazer certas coisas					
porque, do contrário, eles podem se					
frustrar quando tentarem e falharem.					
2. Mesmo querendo, idosos não deveriam	.85				
trabalhar porque já quitaram suas dívidas					
com a sociedade.	0.2				
3. Mesmo querendo, idosos não deveriam	.82				
trabalhar por conta de suas fragilidades e					
possibilidade de adoecerem.		60			
4. É válido falar devagar com idosos porque eles podem levar um tempo para		.60			
entender o que é dito.					
5. As pessoas deveriam preservar idosos		.55			
de notícias tristes porque eles se		.55			
emocionam facilmente.					
6. Os mais velhos precisam ser protegidos		.42			
da dura realidade de nossa sociedade.		. 12			
7. É útil repetir coisas para idosos porque,		.71			
muitas vezes, eles podem não entender de		1,72			
primeira.					
8. Mesmo que idosos não peçam ajuda,		.92			
sempre se deve oferecê-la a eles.					
9. Mesmo que não peçam ajuda, idosos		.90			
devem ser ajudados com suas compras.					
10. Muitos idosos interpretam simples			.60		
observações ou gestos como preconceito					
contra eles.					
11. Idosos se ofendem fácil demais.			.83		
12. Idosos veem de forma exagerada os			.84		
problemas que têm no trabalho.					
13. Idosos são um problema para o sistema			.65		
de saúde e para a economia do país.					
Alpha de Cronbach	.85	.87	.82		
Eigenvalue	1.6	6.1	1.2		
Variância explicada (%)	12.4	47	9.3		

A quarta parte do instrumento consiste numa versão traduzida da escala de sucessão, identidade e controle, que avalia conflito intergeracional (North & Fiske, 2013). Dos 20 itens iniciais, respondidos em escalas Likert de 5 pontos, decidiu-se excluir o número 20 por não haver correspondente ao seu conteúdo em contexto brasileiro ("AARP, American Association of Retired Persons, wastes charity money"). Os 19 itens restantes demonstraram alta consistência interna, com alfa de Cronbach de .95.

A partir desses 19 itens, realizou-se uma análise de componentes principais com rotação Varimax, que resultou em KMO de .94. Configuraram-se 2 fatores com Eigenvalues superiores a 1, que explicam 59.6% da variância do instrumento. Os fatores gerados assemelham-se a uma versão reduzida dos 3 originais: um deles funciona como uma junção dos fatores "sucessão" e "controle", envolvendo a disputa por recursos materiais, enquanto o terceiro corresponde ao fator "identidade", e trata da separação entre faixas etárias com base em hábitos reivindicados pelos mais jovens. Foram removidos os itens 13 ("Os médicos passam tempo demais tratando pessoas mais velhas, que estão doentes o tempo inteiro"), 16 ("Promoções de emprego não deveriam se basear na experiência dos mais velhos, e sim em sua produtividade") e 19 ("É injusto que idosos votem sobre questões que terão impacto bem maior sobre os mais jovens"), por apresentarem cargas fatoriais muito próximas em ambos os fatores, com diferença inferior a 0.1. Os dois fatores finais receberam os nomes de "Disputa por recursos" (8 itens) e "Segregação etária" (8 itens). Esses resultados estão demonstrados na Tabela 8.

Tabela 8: Análise de componentes principais da escala de sucessão, identidade e controle, em que foram encontrados 2 fatores (N=165).

	Fa	tores
Itens	Disputa	Segregação
	por recursos	etária
1. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não	.76	
reconhecem a hora de dar vez à nova geração.		
2. Os mais velhos geralmente são muito teimosos para	.80	
admitirem que não produzem mais como antes.		
3. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças,	.70	
nossa sociedade progrediria mais rápido.		
6. Em certa altura, o maior beneficio que os mais velhos	.58	
podem oferecer à sociedade é passarem adiante os		
recursos de que dispõem.		
7. A geração mais velha detém uma quantia injusta de	.60	
poder político em comparação com os mais jovens.		
10. Os mais velhos não deveriam ser mesquinhos com	.61	

seu dinheiro quando parentes mais jvens estão necessitados.		
12. Boa parte dos mais velhos não reconhece a hora de	.66	
abrir caminho para os mais novos.		
14. Os mais jovens normalmente são mais produtivos que	.58	
os mais velhos em seus empregos.		
4. Os mais velhos não se adequam a lugares tipicamente		.59
frequentados pelos mais jovens.		
5. Os mais velhos são um grande peso para os sistemas		.74
de saúde.		
8. Em geral, os mais velhos não combinam com baladas.		.73
9. Os mais velhos não deveriam tentar ser descolados.		.77
11. Os mais velhos muitas vezes são um fardo a ser		.69
carregado pelas famílias.		
15. Em geral, os mais velhos não deveriam sair para		.83
lugares voltados aos mais jovens.		
17. Os mais velhos não deveriam usar o Facebook do		.71
modo como fazem.		
18. Os mais velhos não têm a real necessidade de obter		.74
as melhores vagas em estacionamentos.		
Alpha de Cronbach	.89	.92
Eigenvalue	10.2	1.1
Variância explicada (%)	53.8	5.8

Ambas as escalas foram traduzidas para o português por um licenciado no curso de Letras Português-Inglês, solicitanto-se que a tradução fosse feita observando o contexto brasileiro e as expressões locais; em seguida, foram avaliadas por três juízes, Mestres em Psicologia, observando-se sua adequação aos objetivos do estudo.

A quinta e última parte do instrumento diz respeito às informações sociodemográficas, em que se questionaram dados sobre sexo, idade, curso, renda familiar, entre outros. Optouse por utilizá-la no final da sequência para que não influenciasse a resposta das demais seções.

Procedimentos

O contato com as instituições coparticipantes foi realizado através de um de seus coordenadores, no caso da instituição privada, e do pró-reitor de graduação, no caso da pública, que emitiram autorizações por escrito para realização da pesquisa. Os sujeitos foram

abordados em sala de aula entre os meses de abril e maio de 2018, e convidados a participar de um estudo que envolvia avaliações sobre indivíduos e grupos em situações do cotidiano. Ao receberem o instrumento, distribuído aleatoriamente em suas diferentes versões, os participantes tinham acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha as informações detalhadas sobre o estudo, seus objetivos, o pesquisador responsável e os princípios éticos envolvidos. Ao aceitarem participar da pesquisa, prosseguiam com seu preenchimento. Este estudo foi submetido para avaliação na Plataforma Brasil juntamente com o primeiro, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia sob o mesmo Certificado, 86748818.0.0000.5686.

5.2 Resultados e discussão

A variável manipulada neste estudo foram os contextos de relacionamento com idosos: proximidade vs afastamento e competição vs não competição. Buscou-se investigar o impacto destas duas manipulações nas características atribuídas pelos participantes aos idosos.

Inicialmente, testou-se a hipótese H1: um cenário de proximidade fará com que idosos sejam classificados como mais sociáveis do que um cenário de afastamento, mas não haverá diferenças nos escores de competência. Calcularam-se as médias de respostas às dimensões competência e sociabiliadade nos contextos de proximidade e afastamento, para que se verificassem as possíveis variações nos escores. A Tabela 9 exibe os resultados obtidos, com médias e desvios padrão em ambas as condições.

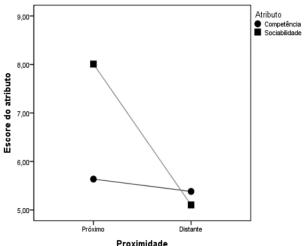
Tabela 9: Médias e desvios padrão das respostas às dimensões de competência e sociabilidade para os grupos "proximidade" e "afastamento".

	Grupo					
	Proximidade (n=44)		Afast	amento		
			(n=	=40)		
Dimensão	M	DP	M	DP		
Competência	5.7	1.85	5.1	2.00		
Sociabilidade	8.1	1.14	5.0	1.41		

Observa-se que o realce de proximidade com idosos fez com que os participantes lhes atribuíssem maiores escores de sociabilidade que quando o estímulo foi o afastamento em relação ao grupo, enquanto as médias de competência estão mais próximas em ambas as condições. Um teste T para amostras independentes revelou que, de fato, há diferenças significativas na atribuição de sociabilidade para as duas condições [t(82)=10.95; p<0.001]. Entretanto, não houve diferenças significativas na atribuição de competência [t(82)=1.43; n.s.].

Realizou-se uma ANOVA para medidas repetidas sobre os atributos competência e sociabilidade, considerando as dimensões de proximidade com idosos (vs afastamento) e sexo dos participantes, controlada para a idade dos mesmos. O sexo e a idade não retornaram influência significativa, ratificando a importância da manipulação de proximidade [F(1,79) = 23,95; p < 0.001; n2 = 0,233]. Os resultados são ilustrados pela Figura 6.

Figura 6: Gráfico indicando o impacto da manipulação de proximidade vs afastamento nas atribuições sobre competência e sociabilidade dos idosos, segundo ANOVA para medidas repetidas.



Os dados confirmam a hipótese H1, mostrando que a aproximação com idosos gera caracterizações mais positivas apenas numa dimensão que não implica, necessariamente, maior status social. Com efeito, o estudo sobre as manifestações benevolentes do idadismo realça que ele pode surgir mesmo sem uma atitude claramente negativa do exogrupo. Este, por vezes, constituído de familiares ou entes próximos, pode dispensar tratamentos superprotetores e cultivar noções de incapacidade sobre os idosos, muitas vezes caracterizados como sociáveis, mas incompetentes (Fiske et al., 2002).

Em seguida, testou-se a hipótese H2: espera-se que um cenário de competição resultará em menor atribuição de competência do que um cenário de não competição, mas não haverá diferença em sociabilidade. Calcularam-se as médias de respostas às dimensões competência e sociabilidade nos contextos de competição e não competição, para que se verificassem os escores nessas circunstâncias. A Tabela 10 exibe os resultados obtidos, com as respectivas médias e desvios padrão.

Tabela 10: Médias e desvios padrão das atribuições de competência e sociabilidade para os grupos "competição" e "não competição".

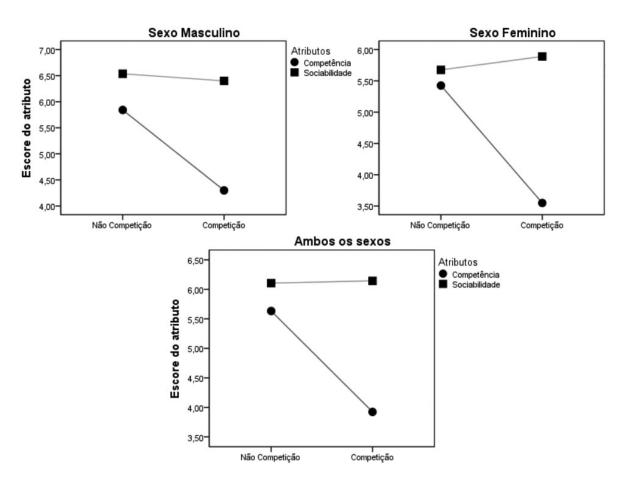
		upo			
		petição =37)	Não competiçã (n=44)		
Dimensão	M	DP	M	DP	
Competência	3.8	1.10	5.5	0.83	
Sociabilidade	6.0	1.45	5.9	1.70	

Observa-se que o realce de competição com idosos fez com que os participantes lhes atribuíssem menores escores de competência do que quando não foi realçada a competição. Além disso, embora haja maior escore na condição de competição, as médias para sociabilidade são próximas em ambos os cenários. Um teste T para amostras independentes revelou que, efetivamente, há diferenças significativas na atribuição de competência para as

duas circunstâncias [t(79)=7.94; p< 0.001]. Entretanto, não houve diferenças significativas na atribuição de sociabilidade [t(79)=0.40; n.s.].

Em seguida, realizou-se uma ANOVA para medidas repetidas sobre os atributos competência e sociabilidade, considerando as dimensões de competição com idosos (vs não competição) e sexo dos participantes, controlada para a idade dos mesmos. A idade não retornou influência significativa, que foi observada para o sexo dos participantes [F(1,76) = 4,40; p < 0.05; n2 = 0,055] e para a manipulação do contexto de competição vs não competição [F(1,76) = 7,50; p < 0.05; n2 = 0,090]. A Figura 7 demonstra esses resultados.

Figura 7: Gráficos indicando o impacto, em homens e mulheres, dos contextos de competição vs não competição nas atribuições sobre competência e sociabilidade dos idosos, segundo ANOVA para medidas repetidas.



Percebe-se que, em ambas as condições, os escores de sociabilidade permanecem estáveis. A atribuição de competência, entretanto, sofre impacto significativo, aparecendo em menores escores no contexto de competição. Esse resultado se mostrou ainda mais intenso entre as respondentes do sexo feminino. São dados que confirmam a hipótese H2, indicando que situações de competição não necessariamente influenciam a sociabilidade associada ao grupo-alvo, dado que esta não é uma dimensão que implica status social. A competência, distintivamente, aparece em menores escores quando realçada a competição, no que aparenta ser uma tentativa de posicionar os mais jovens em vantagem hierárquica num conflito intergeracional (North & Fiske, 2013). É válido salientar que o contexto de não competição", nesta análise, constituiu apenas um estímulo neutro, não um cenário de conciliação. Por conseguinte, os escores de competência dele resultantes se assemelham aos obtidos na análise de proximidade vs afastamento, em que as circunstâncias não implicaram diferenças significativas. A distinção observada aqui, portanto, se deu unicamente em função do decréscimo imposto pelo cenário de competição.

Em seguida, testou-se a hipótese H3: controlados os escores de sociabilidade, a competência atribuída aos idosos apresentará correlação negativa com o idadismo ambivalente. Para avaliar a conexão entre a competência atribuída aos idosos e a manifestação de idadismo ambivalente, realizou-se uma correlação parcial entre competência e as dimensões de preconceito ambivalente, subestimação no trabalho, ajustamento excessivo e idadismo hostil, controlados para sociabilidade. Os resultados estão demonstrados na Tabela 11.

Tabela 11: Matriz de correlações (Pearson) entre competência e as dimensões de idadismo ambivalente, controladas para sociabilidade (n = 165).

Característica atribuída	Dimensões de idadismo ambivalente		
	Subestimação no trabalho	Ajustamento excessivo	Idadismo hostil
Competência	536**	682**	430**

Percebe-se que a atribuição de competência está negativamente correlacionada com os escores de idadismo ambivalente, em níveis moderados ou altos. Ou seja, a concepção do idoso como mais competente parece reduzir o tratamento excessivamente zeloso a ele direcionado. É notável, também, a mesma valência obtida para a correlação entre competência e o fator "idadismo hostil", algo que vai ao encontro da proposta original da escala de idadismo ambivalente, que relaciona positivamente as dimensões benevolente e hostil (Cary, Chasteen & Remedios, 2017). Este é um indicador de que, em alguns contextos, tratamentos altamente zelosos se relacionam com atitudes negativas. Os dados confirmam a hipótese H3.

Prosseguiu-se com o teste da hipótese H4: controlados os escores de sociabilidade, a competência apresentará correlação positiva com o conflito intergeracional. Para avaliar a conexão entre a competência atribuída aos idosos e a manifestação de conflito intergeracional, realizou-se uma correlação parcial entre *competência* e as dimensões de conflito, *disputa por recursos* e *segregação etária*, controlados para *sociabilidade*. Os resultados estão demonstrados na Tabela 12.

Tabela 12: Matriz de correlações (Pearson) entre competência e as dimensões de conflito intergeracional, controladas para sociabilidade (n = 165).

Característica atribuída	Dimensões de conflito intergeracional		
	Disputa por	Segregação	
	recursos	etária	
Competência	.299**	.365**	

^{**} p < .001

Em consonância com a hipótese H4, existem correlações positivas, mesmo que fracas, entre a atribuição de competência e ambas as dimensões de conflito intergeracional. Nesse sentido, pode-se conceber que, quanto mais competentes são os idosos, maiores são os seus

possíveis status sociais, e mais eles se projetam como ameaças aos mais jovens, seja em disputas por recursos reais ou simbólicos. Cabe frisar que, quando não controlados os escores de sociabilidade, a correlação entre competência e as dimensões de preconceito se manteve significativa, com índices muito próximos, como exibido na Tabela 13.

Tabela 13: *Matriz de correlações (Pearson) entre competência e as dimensões de idadismo, quando não controlados os escores de sociabilidade (n* = 165).

	Dimensões de conflito intergeracional		Dimensões de idadismo ambivalente		
Característica atribuída Competência	Disputa por recursos .377**	Segregação etária .395**	Subestimação no trabalho 533**	Ajustamento excessivo726**	Idadismo hostil 493**

^{*}p<.001

Isso destaca o impacto da atribuição competência nas manifestações de idadismo, uma vez que elas se mantêm independentemente das pontuações em sociabilidade. Já no que tange à sociabilidade, observou-se um processo diferente: de forma exploratória, realizaram-se correlações entre esta característica e as dimensões de idadismo. Verificou-se que, em primeira análise, a sociabilidade estabelece correlações positivas com os fatores de conflito intergeracional e negativas com os fatores de idadismo ambivalente, todas em níveis baixos. Entretanto, quando controlado o atributo competência, a única correlação significativa se deu entre sociabilidade a subestimação no trabalho. Esses dados estão demonstrados na Tabela 14.

Tabela 14: Matriz de correlações entre sociabilidade e as dimensões de idadismo, antes e depois de controlados os escores de competência (n = 165).

Característica atribuída Sociabilidade	Dimensões de conflito intergeracional		Dimensões de idadismo ambivalente		
	Disputa por recursos .246**	Segregação etária .171*	Subestimação no trabalho 163*	Ajustamento excessivo347**	Idadismo hostil 268**
Sociabilidade (controlado para competência)	.055 (n.s.)	55 (n.s.)	.175*	.076 (n.s.)	002 (n.s.)

^{*}p<0.05; **p<0.01

Controlados os escores de competência, portanto, existe leve correlação entre sociabilidade e a subestimação do idoso no trabalho. No geral, constatou-se que as correlações entre sociabilidade e as dimensões de idadismo possuíam relevante intervenção dos escores de competência. Logo, quando controlada essa dimensão, suprimiram-se quase todos os resultados significativos.

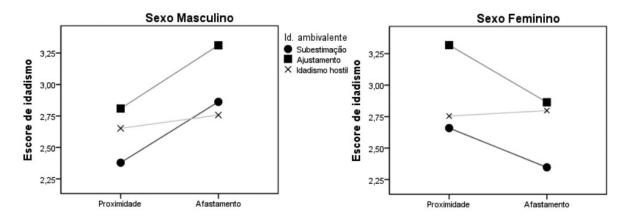
Além disso, também de forma exploratória, realizou-se uma análise de correlação entre a convivência com idosos relatada pelos respondentes e as manifestações de preconceito. Apesar de, em primeira análise, esperar-se algum tipo de conexão, não houve qualquer resultado significativo. Este resultado talvez possa ser explicado pela ineficácia da ligação entre um simples número de idosos com quem se convive e a externação de mais ou menos preconceito para com o grupo, uma vez que não foi possível verificar e realçar o tipo de convivência existente entre as partes, ou a relação sentimental estabelecida por elas. Nessa perspectiva, os cenários de proximidade e afastamento criados como variáveis dependentes no início deste estudo ofereceram impactos mais substanciais sobre outras variáveis, não só por serem apresentados como estímulos no início do instrumento, como também por promoverem uma reflexão sobre a aproximação dos entes envolvidos.

Em seguida, buscou-se avaliar o impacto dos contextos de proximidade vs afastamento e competição vs não competição nos escores de idadismo ambivalente e conflito intergeracional. Testou-se, inicialmente, a hipótese H5: o realce de proximidade implicará mais idadismo ambivalente que o realce de afastamento.

Realizou-se uma ANOVA para medidas repetidas com os fatores do idadismo ambivalente (subestimação no trabalho, ajustamento excessivo e idadismo hostil), considerando as dimensões de proximidade com idosos (vs afastamento) e sexo dos participantes, controlada para a idade dos mesmos. Não se observaram efeitos significativos para a manipulação de proximidade, assim como para idade e sexo do participante. Houve, entretanto, uma interação tendencial entre proximidade e sexo [F(1,79=3,58; p=0.062; n2]

= 0.043], que aponta para possíveis diferenças nos resultados de respondentes homens e mulheres. Observa-se que, nas dimensões *subestimação no trabalho* e *ajustamento excessivo*, cenários de proximidade fazem com que homens manifestem menos idadismo, enquanto as mulheres, ao contrário, manifestam mais idadismo. Cenários de afastamento exibem tendências inversas para ambos os sexos. Esta diferença tendencial, que merece futuras investigações, talvez possa ser atribuída à sociabilidade (*warmth*) comumente associada ao sexo feminino, que resultaria em maiores preocupações para com familiares ou idosos próximos, gerando, em consequência, idadismo benevolente. A hipótese H5 não se confirma, embora, tendencialmente, possa ser observada entre as mulheres. Os resultados são exibidos pela Figura 8.

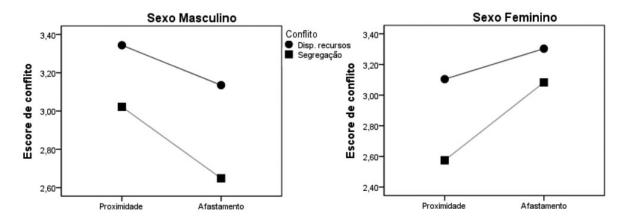
Figura 8: Gráficos indicando o impacto da proximidade e do afastamento nos escores de idadismo ambivalente manifestados por homens e mulheres, segundo ANOVA para medidas repetidas.



Em seguida, de maneira exploratória, realizou-se uma ANOVA para medidas repetidas com os fatores do conflito intergeracional (disputa por recursos e segregação etária), considerando as dimensões de proximidade com idosos (vs afastamento) e sexo dos participantes, controladas para a idade dos mesmos. Esta análise não retornou resultados significativos. Entretanto, as médias de resposta à escala de conflito revelam inclinações

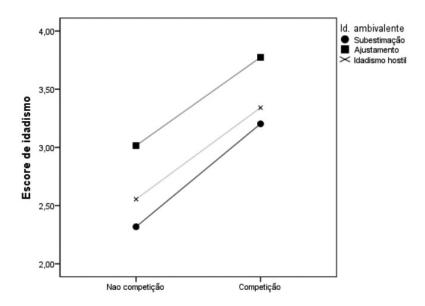
diferentes para homens e mulheres: como mostra a Figura 9, enquanto os primeiros exibiram maiores médias de conflito em contexto de proximidade, as mulheres o fizeram em contexto de afastamento.

Figura 9: Gráficos indicando o impacto da proximidade e do afastamento nas médias das respostas de homens e mulheres às dimensões de conflito intergeracional.



Efetuaram-se, então, as mesmas análises para os contextos de competição vs não competição. Procedeu-se, de maneira exploratória, com uma ANOVA para medidas repetidas com os fatores do idadismo ambivalente (subestimação no trabalho, ajustamento excessivo e idadismo hostil), considerando o cenário de competição com idosos (vs não competição) e o sexo dos participantes, controlados para a idade dos mesmos. Apenas a manipulação experimental revelou resultados significativos [F(1,76) = 31,84; p < 0.001; n2 = 0,295], em que, como mostra a Figura 10, o realce de competição resultou em mais idadismo ambivalente.

Figura 10: *Gráfico indicando o impacto dos contextos de competição vs não competição na manifestação de idadismo ambivalente, segundo ANOVA para medidas repetidas.*

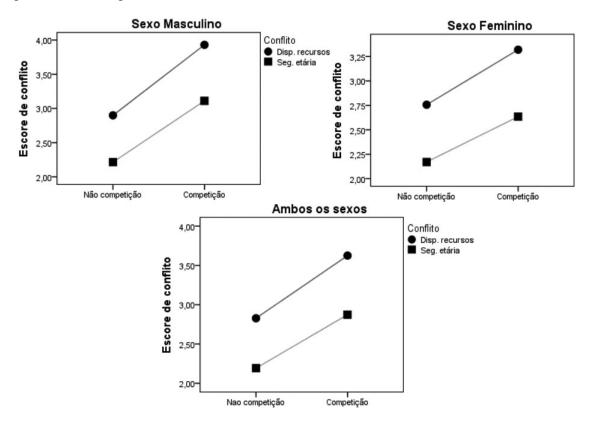


É valido ponderar, neste ponto, que o idadismo ambivalente pode, mesmo em suas dimensões benevolentes, ser posto em prática visando a desprestigiar o grupo-alvo como não dotado de competência e capacidades. Por isso, num contexto de competição intergeracional, a perspectiva que se reflete em frases como "É válido dizer a idosos que eles estão velhos demais para fazer certas coisas porque, do contrário, eles podem se frustrar quando tentarem e falharem" (subestimação) ou "Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles" (ajustamento excessivo) pode servir ao propósito de desqualificar um grupo com o qual se concorre. Este parece ser o caso do resultado exibido pela Figura 10, uniforme entre diferentes idades e sexos.

Por fim, realizou-se o teste da hipótese H6: o realce de competição implicará maiores escores de conflito intergeracional. Executou-se uma ANOVA para medidas repetidas com os fatores de conflito intergeracional (disputa por recursos e segregação etária), avaliando a influência do cenário de competição com idosos (vs não competição) e do sexo dos participantes, controlados para a idade dos mesmos. A idade não retornou influência significativa, que foi encontrada para o sexo dos participantes [F(1,76) = 4,34; p < 0.05; n2 = 0,054] e para os contextos de competição vs não competição [F(1,76) = 22,91; p < 0.001; n2 = 0,232]. De acordo com o que mostra a Figura 11, que confirma a hipótese H6, o conflito

intergeracional é maior quando realçada a competição, e os escores de homens são maiores que os das mulheres.

Figura 11: Gráficos indicando o impacto, em homens e mulheres, dos contextos de competição vs não competição nas medidas de conflito intergeracional, segundo ANOVA para medidas repetidas.



Como se pode identificar a partir dos gráficos, os escores de *disputa por recursos*, que trata de um conflitos por recursos materiais ("Os mais velhos geralmente são muito teimosos para admitirem que não produzem mais como antes"), são maiores que os de *segregação etária*, que diz respeito a recursos simbólicos ("Em geral, os mais velhos não deveriam sair para lugares voltados aos mais jovens"). Trata-se de um resultado esperado, sobretudo porque o conteúdo da manipulação experimental, a saber, um cenário de concorrência por empregos, trouxe conteúdo muito próximo ao que apresenta a dimensão "disputa por recursos". De qualquer forma, esses dados são um indício de que o realce de

competição em contextos como a busca por empregos (material) pode repercutir em outras áreas, como a segregação etária (simbólica), criando antagonismos indiretos entre as gerações. Além disso, há de se destacar a divergência encontrada para respondentes de diferentes sexos, um potencial ponto de partida para outras investigações.

5.3 Conclusões

O principal objetivo deste estudo foi investigar a influência de contextos de proximidade, afastamento, competição e não competição na caracterização de idosos. A hipótese foi de que um cenário de proximidade influenciaria a classificação daqueles, de modo que seriam retratados como mais sociáveis do que ocorreria num cenário de afastamento. Além disso, não haveria implicações na atribuição de competência. Em segundo lugar, esperava-se que um cenário de competição resultaria em menor atribuição de competência do que um cenário de não competição, desta vez, sem diferenças observáveis na atribuição de sociabilidade. Os resultados da pesquisa realizada com estudantes universitários confirmaram essas expectativas. Em outros termos, a proximidade implicou apenas a maior atribuição de características positivas que não elevam o status social do grupo, e a competição fez com que, sobretudo, esse status fosse diminuído, sem diferenciação nas características de sociabilidade, que não interferem nele.

Tomando como base os subtipos utilizados no primeiro estudo, é como se a proximidade evocasse o subtipo maternal, mais amável e zeloso com a família, embora não necessariamente mais competente por isso. São dados que corroboram com a ideia de que as concepções sobre decadência do grupo-alvo, aliadas aos bons sentimentos direcionados a entes queridos desta faixa etária, podem fazer com que a proximidade, na prática, realce apenas os cuidados excessivos e a subestimação dos membros do grupo, compreendido como amável, mas incapaz. De maneira compatível, talvez complementar, o realce da competição por recursos traz à tona uma figura sobretudo incompetente, ao desencadear uma espécie de

corrida para que sejam acentuadas as incapacidades desse grupo, sem interesses significativos no enfoque afetivo da sociabilidade – uma vez que ela, em geral, não teria influência no status social do grupo.

As análises seguintes ratificaram a atribuição de competência como um aspecto de destaque, desta vez na manifestação do idadismo. Constatou-se que os escores de competência estabeleceram correlação negativa com os fatores de idadismo ambivalente e correlação positiva com os fatores de conflito intergeracional, com ou sem controle da variável sociabilidade. Esta, em níveis mais baixos, correlacionou-se de forma positiva com o idadismo ambivalente e de forma negativa com o conflito intergeracional, mas quase todos os resultados deixaram de ser significativos quando controlados para competência. Ou seja, em linhas gerais, apenas a junção de competência e sociabilidade geraria algum efeito positivo, embora esta proposição, que estava fora das hipóteses apresentadas, precise de investigação mais aprofundada.

No primeiro estudo, constatou-se que o sexo do idoso apresentado tinha influência nas avaliações dos subtipos. Neste estudo, o sexo dos participantes foi responsável por diferenças nas atribuições de competência e sociabilidade aos idosos, assim como na manifestação de idadismo através das escalas. Apesar de não ser um aspecto previsto pelas hipóteses, de não ter sido observado no primeiro estudo e de não haver explicações pontuais para essa ocorrência, diferenças atribuídas ao sexo do respondente não são surpreendentes. Em nossa sociedade, homens e mulheres certamente têm visões diferenciadas sobre idosos e sobre o envelhecimento, por enfrentarem questões dissemelhantes em relação a este tema. Ainda nos dias de hoje, padrões sociais sobre beleza ou cuidados com entes próximos podem imprimir maiores efeitos sobre as mulheres, enquanto homens podem ser afetados por exigências sobre habilidades formais e performance no trabalho. Decerto, é um tema dinâmico, e que vem sofrendo alterações nas últimas décadas, mas trabalhos que abordem essas dimensões devem retornar resultados significativos — por exemplo, um estudo que

relacione diferentes visões sobre o envelhecimento à atribuição de características aos subtipos de idosos.

Ademais, há de se destacar as notórias diferenciações que a manipulação dos contextos provocou na atribuição de competência e sociabilidade, em especial os baixos escores de competência para competição e os altos escores de sociabilidade para proximidade. É um indicativo de que os subtipos de idosos, nas relações do cotidiano, podem configurarse de maneira mutável, com grande sensibilidade às circunstâncias em que se estabelecem relações com membros do grupo-alvo. Este entendimento, além da corroborada influência de subtipos sobre a manifestação do idadismo, realça os múltiplos referenciais sob os quais este tema pode ser estudado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de estereótipos, preconceito e discriminação comumente revela sutilezas que subjazem as impressões iniciais que se tem sobre estes fenômenos. Aspectos como contextos sociais ou períodos históricos operam mudanças no modo de se perceberem os grupos e nas formas de manifestação de atitudes e comportamentos negativos diante deles. O idadismo parece apresentar uma camada adicional, a saber, a transição do exogrupo para o endogrupo naturalmente experienciada por qualquer indivíduo, que tem implicações em causas e manifestações observadas. Entretanto, considerando os objetivos, hipóteses e resultados apresentados, este trabalho realça cenários em que o fenômeno se mostra ainda mais complexo. Diferentes tipos de idosos implicam diferenças na manifestação do idadismo, e variações nos contextos de relação podem moldar percepções distintas sobre o grupo. Talvez, a sutileza e a mutabilidade deste fenômeno sejam fatores determinantes para que ele ainda não seja detectado como relevante no senso comum.

A esse respeito, parece válido propor que o estabelecimento do idadismo como tema relevante não deve visar, em primeira instância, a resultados como punições e sanções quaisquer aos praticantes. Sobretudo no Brasil, em que tantas outras questões sociais já ocupam a agenda pública, este não deve ser um objetivo alcançável em curto prazo, ou mesmo desejável. Além disso, a sutil linha que divide práticas arraigadas, vistas como boa educação, de condutas discriminatórias, torna ainda mais difícil a designação de sanções aos que se mostram idadistas. De qualquer forma, acima desta superfície, este é um tema cujo conhecimento pode impactar relações que se estabelecem com idosos no cotidiano, sejam interações pessoais imediatas ou, eventualmente, políticas públicas. O conhecimento sobre o idadismo, portanto, é uma ponte para a promoção de saúde de idosos, na medida em que se possa repensar o modo como eles são concebidos e, consequentemente, como se lida com membros deste grupo.

Diferentes tipos de idoso sofrem de forma sistemática, conscientemente ou não, com os efeitos de algo que sequer é detectado como existente, dada a incipiência de estudos e de informações conhecidas sobre o assunto. É certo que o surgimento do Estatudo do Idoso foi um grande marco na proteção dos direitos dos mais velhos em nosso país. Contudo, em grande parte dos casos, o idadismo não diz respeito à falta direitos formais, mas à manutenção subjetiva de um status desfavorável para um grupo cada vez mais relevante na sociedade. Trata-se dos "velhos chatos" que são ignorados, dos "vovôs fofos" que são infantilizados ou das "vovós carinhosas" cujo afeto positivo não implica, necessariamente, atribuição de alto status para tomada de decisões em seus cotidianos. Neste contexto, até mesmo os chamados "sábios" podem ser guardiões de um conhecimento que se limita a algumas esferas, talvez menos importantes no que tange às questões do mundo atual.

A proposição de que idosos são mais bem representados em nível básico também aparenta ter grande relevância. Baseando-se nela, pensar em subcategorias significativas, como as acima mencionadas, geraria mais precisa aproximação com os reais estereótipos sobre o grupo, além de proporcionar um arranjo para a ambivalência na atribuição de características aos mais velhos. Ora, concebê-los como sábios, amáveis, ranzinzas e decadentes pode ser um simples sintoma de se estarem imaginando diferentes indivíduos, e não apenas um que reúne traços tão antagônicos.

Os resultados obtidos foram ao encontro da asserção de que subtipos, não necessariamente, configuram exceções à regra. De fato, eles podem ser exceções que mantêm intacto o estereótipo geral; mas, funcionando como protótipos em nível básico, também suportam aquele estereótipo em igual ou maior intensidade. Nesse sentido, a dimensão da competência demonstrou ter grande destaque. Por um lado, um subtipo competente, mesmo que não sociável, demonstrou ser uma real exceção às concepções gerais sobre os idosos – a saber, concepções negativas: o chamado "estadista" foi alvo de menor preconceito no estudo 1 e a atribuição de competência gerada pelos contextos do estudo 2 resultou em menor

preconceito ambivalente, embora maior conflito. Já o subtipo "maternal" mostrou que a sociabilidade não é suficiente para suprimir manifestações preconceituosas, aproximando-se do "senhor idoso" como alvo de maior idadismo, de maneira similar ao que se chamou "idoso geral", não caracterizado. Como característica isolada, a sociabilidade não gerou efeitos significativos de idadismo ambivalente ou conflito, dependendo da competência para que se observassem resultados relevantes.

Para as relações do cotidiano, uma das mensagens a serem extraídas desses dados é a de que a sociabilidade, como boa característica, não basta. Não é algo que se observe apenas em relação aos idosos: no sexismo benevolente, atribuições de traços positivos em torno da sociabilidade também não contribuem para um aumento no status das mulheres, e podem até reduzi-lo, na medida em que suportam perspectivas sobre os lugares a serem ocupados por aquelas na sociedade - frequentemente espaços familiares e distantes das esferas de poder. A grande diferença, neste caso, é que as discussões sobre sexismo se apresentam em nível mais avançado, e imputações de características como "ótimas donas de casa" ou "sensíveis" já são questionadas em algum nível. Quando se trata de idosos, qualificá-los como "amáveis" ou "crianças grandes" não gera qualquer tipo de sanção ou reflexão: contrariamente, isso pode até mesmo soar como o melhor que se pode fazer em oposição a cenários de abandono ou violência contra esse grupo.

Essa perspectiva tem grande relevância quando se pondera que, no senso comum, a superação de preconceitos costuma ser atribuída ao contato ou ao respeito. A relação que se observou entre atribuições de sociabilidade e o idadismo benevolente, por exemplo, realça a necessidade de se complementar aquele raciocínio, uma vez que, por vezes, é do contato, ou mesmo do que se considera respeito, que surgem formas relevantes de manifestação do idadismo. Essa questão foi recentemente abordada em peça publicitária exibida em canais de TV aberta no Brasil, em que um ator idoso pedia respeito a sua idade, alegando que tudo começa por este ato. Trata-se de uma iniciativa expressiva e importante num cenário em que

o idadismo não é tema presente, embora esteja focada apenas nas manifestações mais hostis do fenômeno.

Considerando o caráter dos estudos apresentados neste trabalho, pode-se ponderar que a alta valorização da competência se deu, em algum nível, por conta do caráter dos cenários apresentados como estímulos. Em outras palavras, a utilização de contextos de trabalho, em que aptidões e conhecimentos formais são enaltecidos, pode ter contribuído para o destaque do que se chamou de competência, em detrimento da sociabilidade. Por esse ângulo, a apresentação de outras circunstâncias poderia fazer com que a sociabilidade se destacasse de maneira mais proeminente na alteração do status do grupo. Além da variação desses contextos, a manipulação do próprio perfil profissional dos idosos também poderia implicar diferentes percepções dos participantes: um professor idoso, por exemplo, poderia ter maior status quando comparado com um jogador, ou com um médico idoso. São aspectos que merecem novas investigações.

De volta à questão do contato com o grupo-alvo, é válido considerar que existe uma realidade de segregação em que idosos não ocupam os mesmos espaços que os mais jovens, no que se refere a interações e convivência cotidianas. Em média, os 325 participantes dos dois estudos declararam conviver com dois ou menos idosos. Entre eles, é oportuno mencionar um dado não divulgado nos resultados: 27,7%, ou 90 participantes, afirmaram não conviver com nenhum idoso. Este aparenta ser apenas um retrato da realidade, em que não existem muitos espaços ou contextos de convivência não familiar entre idosos e não idosos. Decerto, as reflexões sobre o contato não necessariamente implicar visões positivas sobre os mais velhos têm esse quadro de segregação etária como uma de suas bases. Sobre ele, não parece haver grandes projetos de mudança em nossa sociedade, dada a natural e duradoura divisão etária observada em atividades sociais variadas, que parece se intensificar quando se consideram os idosos.

A influência da chamada ansiedade sobre envelhecer também pôde ser observada no estudo 1, mesmo que em nível moderado. Apesar de os dados corroborarem parcialmente com as hipóteses propostas, este aspecto também é um ponto de partida para outras investigações, sobretudo as que incluam, como variável, contextos de identificação com os idosos apresentados. Além disso, esse parece ser um conceito a ser explorado em diferentes faixas etárias, o que não se realizou no presente trabalho. Dessa forma, seria possível analisar diferenças de ansiedade à medida que os sujeitos envelhecem, e como isso impacta a manifestação de idadismo.

Uma das grandes questões no planejamento das pesquisas realizadas tem relação com o modo de se introduzirem subtipos de idoso para avaliação no primeiro estudo. Optou-se pela apresentação de um contexto de trabalho por se julgar que ele facilitaria avaliações sobre competência e sociabilidade, incluindo-se uma descrição textual breve de idosos com base nessas dimensões. A avaliação desses atributos em texto também possibilitou as investigações desejadas no segundo estudo que, como o primeiro, caracterizou-se por um desenho simples. Estas decisões, entretanto, não esgotam as possibilidades na investigação almejada. Introduzir exemplares relevantes para representar subtipos, seja em fotos ou reproduzindo papéis em vídeo, é uma possibilidade de análise que deve retornar resultados complementares ou até mais abrangentes, embora se trate de uma técnica de execução complexa, que exige planejamento cuidadoso.

A criação de contextos de aproximação, afastamento, competição e não competição também pode ser objeto de maior experimentação, especialmente no que tange aos cenários de aproximação e afastamento. Suas versões originais incluiriam textos muito similares (Ex: "pense em uma pessoa mais velha com quem você convive e tem proximidade" e "pense em uma pessoa mais velha com quem você não convive nem tem proximidade"). Também incluiriam perguntas padronizadas sobre em quem o participante havia pensado após a leitura do enunciado e quais os sentimentos dirigidos a essa figura. Entretanto, em pré-testes,

observou-se que essa estratégia acabava por personalizar os idosos "não próximos", de modo que a maior parte das indicações eram sobre familiares menos próximos, também associados a sentimentos positivos, um efeito não desejado. A opção por diversificar os enunciados, pela referência a idosos no plural e pela evocação cenários como filas de banco ou trânsito, no contexto de afastamento, se deu para que houvesse maior diferenciação entre essas duas condições: uma delas deveria evocar idosos familiares; outra, aqueles encontrados na sociedade, mais distantes, sobre os quais não haveria informações que pudessem particularizá-los. Esta escolha parece ter gerado as repercussões desejadas, que se observaram nas diferenças significativas de caracterização do grupo. Os contextos de competição e não competição, por sua vez, não impuseram as mesmas dificuldades em seus planejamentos, uma vez que não são opostos – a circunstância de não competição constituiu apenas um estímulo neutro, não relacionado ao estudo.

Uma grande omissão deste trabalho concerne à inexistência de um estudo com participantes idosos. Isso não só daria voz ao grupo minoritário estudado, algo ainda incomum em pesquisas com este perfil, como também possibilitaria maior abrangência na compreensão dos subtipos, pela vertente dos estereótipos autoatribuídos. Avaliações pessoais sobre traços de competência e sociabilidade indicariam o tipo de idoso mais frequentemente representado numa amostra, assim como permitiriam o cruzamento desses dados com análises sobre as situações do cotidiano em que indivíduos desse grupo relatam sofrerem discriminação. Esta é, sem dúvidas, uma indicação para futuros estudos sobre o tema, que complementaria de forma significativa a presente abordagem.

A variável sexo surgiu, na análise dos dados, como um ponto relevante a ser considerado no julgamento de subtipos. Por um lado, o sexo dos idosos implicou diferenças na avaliação dos perfis apresentados; por outro, respondentes dos sexos masculino e feminino também diferiram em atribuições de competência e sociabilidade aos idosos. Isso sugere, primeiramente, que a proposição de subtipos deve incluir homens e mulheres como parte da

variação nos estereótipos sobre um grupo. Desse modo, supõe-se que, em alguns cenários, um mesmo subtipo pode ou não sofrer preconceito ou se aproximar do estereótipo global a depender do sexo em que ele se apresenta e é avaliado. Em segundo lugar, também é possível pensar que o sexo do respondente opera diferenças no modo como os idosos são avaliados, supondo-se que homens e mulheres lidam com o envelhecimento de formas distintas. Apesar de este não ser um interesse central do presente trabalho, certamente deve ser considerado em outras análises sobre idadismo.

Entre os requisitos formais para o desenvolvimento das pesquisas propostas, a apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido revelou-se uma barreira durante as coletas, especialmente pela requisição de assinaturas, pela extensão do documento e pela necessidade de exposição dos objetivos de forma pormenorizada. Por conta desses fatores, observou-se grande número de desistências e, consequentemente, a necessidade de se produzirem questionários em número muito maior que o previsto. As diretrizes para construção desse Termo constituem um ponto a ser continuamente discutido em ciências humanas, sobretudo no tocante ao modo como se apresentam objetivos e à quantidade de informações transmitidas, levando-se em conta que o informe dos contatos do pesquisador constitui uma maneira de se conseguir, posteriormente, todo o conhecimento devido sobre a pesquisa. Além disso, talvez ainda não haja, dentro de nossas universidades, toda a informação e o incentivo necessários para que estudantes contribuam com a realização de pesquisas acadêmicas. É algo que, por si, aparenta ser tópico para abordagens dos pesquisadores.

Esta tese foi o seguimento de uma dissertação de Mestrado em que se realçou a carência de estudos sobre idadismo no Brasil. Neste momento, o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema se mantém em estágio incipiente, ao menos em comparação com aquelas que investigam outras formas de preconceito e discriminação. Abordagens sobre subtipos de idosos, por sua vez, são encontradas em quantidade ainda menor, até mesmo

quando se consideram trabalhos estrangeiros. Com efeito, pesquisas em bases de dados ou em páginas da Web com os termos "idosos+subtipos" ou "elderly+subtypes" costumam retornar resultados sobre subtipos de problemas de saúde física ou mental em idosos, mas não de idosos em si. Espera-se que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, com o progresso de estudos nesta área, dada a importância demonstrada sobre se compreender a grande heterogeneidade existente entre todos os que chamamos de idosos.

REFERÊNCIAS

- Achenbaun, W. A. (2015, 19 de outubro). A history of ageism since 1969. *American Society on Aging*. Acessado em 29 de julho de 2017 por http://www.asaging.org/blog/history-ageism-1969.
- Allan, L. J., Johnson, J. A., & Emerson, S. D. (2014). The role of individual difference variables in ageism. *Personality and Individual Differences*, 59, 32–37. doi: http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2013.10.027.
- Allport, G. W. (1954). The nature of prejudice. Cambridge: Perseus Books.
- Almeida, A. A., Mafra, S. C. T., Silva, E. P. & Kanso, S. (2015). A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, 14(1), 115-131. doi: 10.15448/1677-9509.2015.1.19830.
- Andersen, S. M., Klatzky, R. L., & Murray, J. (1990). Traits and social stereotypes: Efficiency differences in social information processing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(2), 192-201. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.59.2.192.
- Amorim, C. (2013, 29 de setembro) Os 60 são os novos 40: geração de homens mostra que sabe levar bem a vida sem clichês da idade. *O Globo*. Acessado em 15 de junho de 2018 por http://oglobo.globo.com.
- Barnard, A. (2001). On the relationship between technique and dehumanization. In R. C. Locsin (Ed.), *Advancing technology caring, and nursing* (pp. 96–105). Westport, CT: Auburn House.
- Ben-Harush, A., Shiovitz-Ezra, S., Doron, I., Alon, S., Leibovitz, A. Golander, H. Haron, Y. Ayalon, L. (2016). Ageism among physicians, nurses, and social workers: findings from a qualitative study. *Eur J Ageing*, 14(1), 39-48. doi: 10.1007/s10433-016-0389-9.

- Bergman, Y. S. & Bodner, E. (2015). Ageist attitudes block young adults' ability for compassion toward incapacitated older adults. *Int Psychogeriatric*, 27(9), 1541-50. doi: 10.1017/S1041610215000198.
- Bloom, P. (1996). Intention, history, and artifact concepts. *Cognition*, 60(1), 1-29. doi: https://doi.org/10.1016/0010-0277(95)00699-0.
- Bodner, E. (2009). On the origins of ageism among older and younger adults. *International Psychogeriatrics*, 21(6), 1003-1014. doi: 10.1017/S104161020999055X.
- Bodner, E. & Cohen-Fridel, S. (2014). The Paths Leading From Attachment to Ageism: A Structural Equation Model Approach. *Death Studies*, 38(7), 423-429. doi: 10.1080/07481187.2013.766654.
- Bodner, E., Bergman, Y. S. & Cohen-Fridel, S. (2012) Different dimensions of ageist attitudes among men and women: a multigenerational perspective. *Int Psychogeriatr.*, 24(6), 895-901. doi: 10.1017/S1041610211002936.
- Bodner, E., Shrira, A., Bergman, Y. S., Cohen-Fridel, S. & Grossman, E. S. (2015). The interaction between aging and death anxieties predicts ageism. *Personality and Individual Differences*, 86, 15-19. doi: http://dx.doi.org/10.1016/j.pais.2015.05.022.
- Boswell, S. S. (2012). Predicting Trainee Ageism Using Knowledge, Anxiety, Compassion, and Contact with Older Adults. *Educational Gerontology*, 38(11), 733-741. doi: 10.1080/03601277.2012.695997.
- Bowling, A. (2007). Aspirations for older age in the 21st century: What is successful aging? *International Journal of Aging and Human Development*, 64(3), 263–297. doi: 10.2190/L0K1-87W4-9R01-7127.
- Brewer, M. B., Dull, V. & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: Stereotypes as prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 1191-1205.

- Brewer, M. B. (1988). A dual process model of impression formation. In T. K. Srull & R. S. Wyer, Jr. (Eds.), *Advances in social cognition* (Vol. 1, pp. 1-36). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bugental, D. B. & Hehman, J. A. (2007). Ageism: A Review of Research and Policy Implications. *Social Issues and Policy Review*, 1(1), 173-216. doi: 10.1111/j.1751-2409.2007.00007.x.
- Butler, R. N. (1980). Ageism: A foreward. *Journal of Social Issues*, 36(2), 8-11. doi: 10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x.
- Butler, R. N. (2009). Combating ageism: guest editorial, *International Psychogeriatrics* 21(4), 211. doi: http://dx.doi.org/10.1017/S104161020800731X.
- Calasanti, T. (2016). Combating Ageism: How Successful Is Successful Aging? *Gerontologist*, 56(6), 1093-1101. doi: 10.1093/geront/gnv076.
- Calogero, R., Tantleff-Dunn, S., & Thompson, K. (2011). Operationalizing self-objectification: Assessment and related methodological issues. In R. Calogero, S. Tantleff-Dunn, & J. K. Thompson (Eds.), *Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions* (pp. 23–49). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Campbell, D. T. (1958). Common fate, similarity and other indices of the status of aggregate persons as social entities. *Behavioral Science*, 3, 14–25. doi: http://dx.doi.org/10.1002/bs.3830030103.
- Cary, L. A., Chasteen, A. L., & Remedios, J. (2017). The ambivalent ageism scale: developing and validating a scale to measure benevolent and hostile ageism. *Gerontologist*, 57(2), 27-36. doi: 10.1093/geront/gnw118.
- Chambon, M. (2005). Entre âgéisme et sagéisme: les orientations relatives à l'ntégration sociale des personnes âgées. Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale, 67(68), 125-136.

- Chasteen, A. L., Bhattacharyya, S., Horhota, M., Tam, R., & Hasher, L. (2005). How feelings of stereotype threat influence older adults' memory performance. *Experimental Aging Research*, 31(3), 235-260. doi: 10.1080/03610730590948177.
- Cherry, K. E., Brigman, S., Lyon, B. A., Blanchard, B., Walker, E. J. & Smitherman, E. A. (2016). Self-Reported Ageism Across the Lifespan: Role of Aging Knowledge. *Int J Aging Hum Dev*, 83(4), 366-80. doi: 10.1177/0091415016657562.
- Cherry, K. E. & Palmore, E. (2008). Relating to older people evaluation (ROPE): A measure of self-reported ageism. *Educational Gerontology*, 34 (10), 849-861. doi: 10.1080/03601270802042099.
- Chonody, J. M. (2016) Positive and negative ageism: the role of benevolent and hostile ageism. *Journal of Women and Social Work*, 31(2), 207-218. doi: 10.1177/0886109915595839.
- Cottrell, C. A., Neuberg, S. L. & Li, N. P. (2007). What do people desire in others? A sociofunctional perspective on the importance of different valued characteristics. J *Pers Soc Psychol.*, 92(2), 208-31. doi: 10.1037/0022-3514.92.2.208.
- Cottrell, C. A. & Neuberg, S. L. (2005). Different Emotional Reactions to Different Groups: A Sociofunctional Threat-Based Approach to "Prejudice". *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(5), 770 –789. doi: 10.1037/0022-3514.88.5.770.
- Couto, M., Koller, S. H., Novo, R. & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro ageismo. *Psic. Teor. e Pesq*, 25 (4), 509-518. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006.
- Crawford, M. T., Sherman, S. J., & Hamilton, D. L. (2002). Perceived entitativity, stereotype formation, and the interchangeability of group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1076 1094. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.83.5.1076.

- Cruz, R. C. & Ferreira, M. A. (2011). Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. *Texto Contexto Enferm*, 20(1), 144-51. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-070720110001000.
- Cuddy, A. C. & Fiske, S. (2002). Doddering but dear: Process, contente and function in stereotyping o folder person. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism. Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 3-26), Cambridge: MIT Press.
- Cuddy, A. C., Norton, M. I. & Fiske, S. T. (2005). This old stereotype: the pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, 61(2), 267-285. doi:10.1111/j.1540-4560.2005.00405.x.
- Cuddy A. J. C., Fiske S. T., & Glick, P. (2008). Competence and warmth as universal trait dimensions of interpersonal and intergroup perception: The Stereotype Content Model and the BIAS Map. In: M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*. (v. 40, pp. 61-149). New York: Academic.
- Cuddy, A. J. C., Fiske, S. T., Kwan, V. S. Y., Glick, P., Demoulin, S., Leyens, J. P, ... Ziegler, R. (2009). Stereotype Content Model across cultures: Towards universal similarities and some differences. *British Journal of Social Psychology*, 48, 1–33. doi:10.13 48/014466608X314935.
- Dahlgren, K. (1986). The cognitive structure of social categories. *Cognitive Science*, 9(3), 379–398. doi: http://dx.doi.org/10.1207/s15516709cog0903_4.
- Day, J. (2009, 14 de outubro). Former UPEI faculty members fight mandatory retirement.

 The Guardian. Acessado por http://www.theguardian.pe.ca.
- Davis, T., Teaster, P. B., Thornton, A., Watkins, J. F., Alexander, L. Zanjani, F. (2016).
 Primary Care Providers' HIV Prevention Practices Among Older Adults. *J Appl Gerontol*, 35(12), 1325-1342. doi: 10.1177/0733464815574093.

- Devine, P. G., & Baker, M. (1991). Measurement of racial stereotype subtyping. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(1), 44 50. doi: https://doi.org/10.1177/0146167291171007.
- Dovidio, J., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. (2010). Prejudice, stereotyping and discrimination: Theoretical and empirical overview. In J. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick, & V. Esses (Eds.), *The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. (pp. 3-29). London: SAGE Publications Ltd. doi: 10.4135/9781446200919.n1.
- Dutton, S. E., Singer, J. A., & Devlin, A. S. (1998). Racial identity of children in integrated, predominantly white, and black schools. *Journal of Social Psychology*, 138(1), 41-53. doi: http://dx.doi.org/10.1080/00224549809600352.
- Eagly, A. H., & Steffen, V. J. (1984). Gender stereotypes stem from the distribution of women and men into social roles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 735-754. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.735.
- Eibach, R. P., Mock, S. E., & Courtney, E. A. (2010). Having a "senior moment": Induced aging phenomenology, subjective age, and susceptibility to ageist stereotypes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46, 643–649. doi:10.1016/j.jesp.2010.03.002.
- Elmer, V. (2009, 29 de março). Age discrimination claims by workers reach record high.

 AARP Bulletin Today. Acessado por http://www.aarp.org.
- Estrada, C., Yzerbyt, V., & Seron, E. (2004). Efecto del essencialismo psicológico sobre las teorias ingenuas de las diferencias grupales. *Psicothema*, 16(2), 181-186.
- Faller, J. W., Teston, E. F. & Marcon, S. S. (2015). A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto Contexto Enferm. Florianópolis*, 24(1), 128-37. doi: 10.1590/0104-07072015002170013.

- Fernandes, M. G. M. & Garcia, L. G. (2010). O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 771-783. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000400005.
- Ferreira-Alves, J., & Novo, R. F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(1), 65-77. doi: http://hdl.handle.net/1822/4466
- Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Costa, S. M. G., Silva, A. O. & Moreira, M. A. S. P. (2012).
 Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. *Texto & Contexto Enfermagem*, 21(3), 513-518. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000300004.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 878-902. doi 10.1037//0022-3514.82.6.878.
- Fiske, S. T. & Taylor, S. E. (1991). Social cognition (2. ed.). New York: McGraw-Hill.
- Fiske, S. T. (1999) Stereotyping, prejudice and discrimination. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Eds.). *Handbook of social psychology* (pp. 357-411). New York: McGraw-Hill.
- Fiske, S. T. (2013). Varieties of (De) Humanization: Divided by Competition and Status. In:
 S. J. Gervais (Ed.), *Objetification and (De)Humanization. 60th Nebraska Symposium on Motivation*. (pp. 53-72). New York: Springer Science+Business Media.
- Fraboni, M., Salstone, R. & Hughes, S. (1990). The Fraboni Scale of Ageism (FSA): An attempt at a more precise measure of ageism. *Canadian Journal on Aging*, 9(1), 56-66. doi: http://dx.doi.org/10.1017/S0714980800016093.
- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (2000). Reducing intergroup bias: The common ingroup identity model. Philadelphia, PA: Psychology Press.

- Gardner, R. C., MacIntyre, P. D., & Lalonde, R. N. (1995). The effects of multiple social categories on stereotyping. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 27(4), 466-483. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0008-400X.27.4.466.
- Garstka, T. A., Schmitt, M. T., Branscombe, N. R., & Hummert, M. L. (2004). How young and older adults differ in their responses to perceived age discrimination. *Psychology and Aging*, 19, 326–335. doi: 10.1037/0882-7974.19.2.326.
- Gatling, M., Mills, J. & Lindsay, D. (2017). Sex after 60? You've got to be joking! Senior sexuality in comedy film. *J Aging Stud.*, 40, 23-28. doi: 10.1016/j.jaging.2016.12.004.
- Gervais, S. J., Bernard, P., Klein, O., & Allen, J. (2013). Toward a unified theory of objetification and desumanization. In: S. J. Gervais (Ed.), *Objetification and (De)Humanization. 60th Nebraska Symposium on Motivation.* (pp. 1-23). New York: Springer Science+Business Media.
- Gelman, S. A., & Wellman, H. M. (1991). Insides and essences: Early understanding of the non-obvious. *Cognition*, 38(3), 213–244. doi: https://doi.org/10.1016/0010-0277(91)90007-Q.
- Giambagi, F., Tafner, P. & Carvalho, M. M. (2010). Assistencialismo o cidadão não contribui. E daí? In F. Giambiagi & P. Tafner. *Demografia A Ameaça Invisível: o dilema previdenciário que o Brasil se recusa a encarar*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Glick, P. et al. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*. 79(5), 763–75. doi: 10.1037//0022-3514.79.5.763.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491–512. doi:10.1037/0022-3514.70.3.491.

- Greenberg, J., Schimel, J. & Martens, A. (2002). Ageism: Denying the Face of the Future. In T. D. Nelson (Ed.). *Ageism: Stereotyping and Prejudice Against Older Persons* (pp. 27-48/0. Boston: MIT Press.
- Greenberg, J., Solomon, S. & Pyszczynski, T. (1997). Terror management theory of self-esteem and cultural worldviews: empirical assessments and conceptual refinements. In
 M. P. Zanna (Ed.). Advances in Experimental Social Psychology (v. 29, pp. 61-139).
 San Diego: Academic Press.
- Grefe, D. (2011). Combating ageism with narrative and intergroup contact: Possibilities of intergenerational connections. *Pastoral Psychology*, 60, 99–105. doi:10.1007/s11089-010-0280-0.
- Hagestad, G. O. & Settersten, R. A. Jr. (2017). Aging: It's Interpersonal! Reflections From Two Life Course Migrants. *Gerontologist*, 57(1), 136-144. doi: 10.1093/geront/gnw117.
- Hamilton, D. L., Sherman, S. J., & Lickel, B. (1998). Perceiving social groups: The importance of the entitativity contimuum. In C. Sedikides, J. Schopler, & C. A. Insko (Eds.), *Intergroup cognition and intergroup behavior* (pp. 47 74). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Hamilton, D. L., Sherman, S. J., & Maddox, K. B. (1999). Dualities and continua: Implications for understanding perceptions of persons and groups. In S. Chaiken & Y. Trope (Eds.), *Dual process theories in social psychology* (pp. 606-626). New York: Guilford Press.
- Haslam, N. (2006). Dehumanization: An integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 10, 252–264. doi:10.1207/s15327957pspr1003_4.

- Haslam, N. & Whelan, J. (2008). Human Natures: Psychological Essentialism in Thinking about Differences between People. *Social and Personality Psychology Compass*. 2(3), 1297-1312. doi: 10.1111/j.1751-9004.2008.00112.x.
- Haslam, N., Rothschild, L., & Ernst, D. (2000). Essentialist beliefs about social categories.

 *British Journal of Social Psychology, 39(1), 113–127. doi: https://doi.org/10.1348/014466600164363.
- Hess, T. (2006). Attitudes toward aging and their effects on behavior. In: J. E. Birren & K. Schaie (Org.). *Handbook of the Psychology of Aging*. (pp. 379-406). San Diego: Academic Press.
- Hintzman, D. L. (1986). "Schema abstraction" in a multiple-trace memory model.

 *Psychological Review, 93(4), 411 428. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.93.4.411.
- Hirschfeld, L. A. (1993). Discovering social difference: The role of appearance in the development of racial awareness. *Cognitive Psychology*, 25(3), 317 350. doi: https://doi.org/10.1006/cogp.1993.1008.
- Howard, C. (2008). Giving the people what they want? Age, class, and distribution in the United States. In I. Shapiro, P. A. Swenson, & D. Donno (Eds.), *Divide and deal: The politics of distribution in democracies* (pp. 221–242). New York, NY: New York University Press.
- Hummert, M. L. (2010). Age Stereotypes and Aging. In K. W. Schaie & S. L. Willis (Eds.). Handbook of the Psychology of Aging (7. ed., pp. 249-262). London: Academic Press.
- Hummert, M. L., Garstka, T. A., Shaner, J. L., & Strahm, S. (1994). Stereotypes of the elderly held by young, middle-aged, and elderly adults. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 49, 240-249. doi: 10.1093/geronj/49.5.P240.

- Hurd Clarke, L., & Korotchenko, A. (2016). 'I know it exists...but I haven' t experienced it personally': Older Canadian men's perceptions of ageism as a distant social problem. *Ageing and Society*, 36(8), 1757-1773.
- Hurley, K., Breheny, M., & Tuffin, K. (2015). Intergenerational inequity arguments and the implications for state-funded financial support of older people. *Ageing and Society*, 37(3), 561-580. doi:10.1017/s0144686x1500135x.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2017*. Rio de Janeiro-RJ. Disponível em http://www.ibge.gov.br.
- Instituto Datafolha (2017). *Pesquisa Datafolha*. São Paulo-SP. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938235-para-mais-de-90-existe-preconceito-contra-os-idosos-no-brasil.shtml.
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 2, pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- Jones, J. M. (1997). Prejudice and Racism (2. ed.). New York: McGraw Hill.
- Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whitley Jr., B. E., & Johnson, B. T. (2005). Attitudes toward Younger and Older Adults: An Updated Meta-Analytic Review. *Journal of Social Issues*, 61(2), 241-266. doi: 10.1111/j.1540-4560.2005.00404.x.
- Kite, M. E., & Wagner, L. S. (2004). Attitudes toward older adults. In: Nelson, T. D. (Org.). Ageism: stereotyping and prejudice against older persons, 129-162. Massachusetts, EUA: MIT.
- Komatsu, L. K. (1992). Recent views of conceptual structure. *Psychological Bulletin*, 112 (3), 500-526. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.112.3.500.
- Kornadt, A. E. & Rothermund, K. (2011). Contexts of aging: Assessing evaluative age stereotypes in different life domains. *The Journals of Gerontology, Series B*,

- Psychological Sciences and Social Sciences, 66, 547-556. http://dx.doi.org/10.1093/geronb/gbr036.
- Kotter-Grühn, D. & Hess, T. M. (2012). The impact of age stereotypes on self-perceptions of aging across the adult lifespan. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 67, 563-571. doi: 10.1093/geronb/gbr153.
- Krings, F., Sczesny, S. & Kluge, A. (2011). Stereotypical Inferences as Mediators of Age Discrimination: The Role of Competence and Warmth. *British Journal of Management*, 22(2), 187-201. doi: 10.1111/j.1467-8551.2010.00721.x.
- Kunda, Z., & Oleson, K. C. (1995). Maintaining stereotypes in the face of discrimination:

 Constructing grounds for subtyping deviants. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 565-579.
- Langlois et. al. (2000) Maxims or myths of beauty? A meta-analytic and theoretical review. *Psychol Bull.*, 126(3), 390-423. doi: 10.1037/0033-2909.126.3.390.
- Laporta, T. (2017, 16 de junho). Gasto brasileiro com Previdência é o mais alto entre países de população jovem. *G1 Economia*. Acessado em 2 de agosto de 2018 por https://g1.globo.com/economia/noticia/gasto-brasileiro-com-previdencia-e-o-mais-alto-entre-paises-de-população-jovem.ghtml
- Lasher, K.P. & Faulkender, P.J. (1993). Measurement of aging anxiety: development of the anxiety about aging scale. *International Journal on Aging and Human Development*, 37(4), 247-259. doi: 10.2190/1U69-9AU2-V6LH-9Y1L.
- Leinbach, M. D., & Fagot, B. I. (1993). Categorical habituation to male and female faces: Gender schematic processing in infancy. *Infant Behavior and Development*, 16(3), 317-332. doi: http://dx.doi.org/10.1016/0163-6383(93)80038-A.
- Levy, B., & Banaji, M. R. (2002). Implicit ageism. In T. Nelson (Ed.), Ageism: *Stereotyping* and prejudice against older persons (pp. 49-75). Cambridge: MIT Press.

- Levy, B. R. (2009). Stereotype embodiment. A psychosocial approach to aging. *Current Directions in Psychological Sciente*, 18, 332-336. doi: http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01662.x.
- Levy, B. R., Chung, P. H., Bedford, T. & Navrazhina, K. (2014). Facebook as a Site for Negative Age Stereotypes. *The Gerontologist*, 54(2), 172-176, doi: https://doi.org/10.1093/geront/gns194.
- Levy, B. & Langer, E. (1994). Aging free from negative stereotypes: successful memory in China and among the American deaf. *J Pers Soc Psychol.*, 66(6), 989-997.
- Levy, B. R., Slade, M. D. & Gill, T. M. (2006). Hearing decline predicted by elders' stereotypes. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci.*, 61(2), 82-87.
- Levy, B. R, Slade, M. D., May, J. & Caracciolo, E. A. (2006) Physical recovery after acute myocardial infarction: Positive age self-stereotypes as a resource. International *Journal of Aging and Human Development*, 62(4), 285–301. doi: 10.2190/ejk1-1q0d-lhge-7a35.
- Levy, B. R., Zonderman, A. B., Slade, M. D. & Ferrucci, L. (2009). Age stereotypes held earlier in life predict cardiovascular events in later life. *Psychological Science*, 20(3), 296–298. doi:10.1111/j.1467-9280.2009.02298.x.
- Leyens, J., Cortes, B. P., Demoulin, S., Dovidio, J. F., Fiske, S. T., Gaunt, R., et al. (2003). Emotional prejudice, essentialism, and nationalism. *European Journal of Social Psychology*, 33, 704–717. doi:10.1002/ejsp.170.
- Lickel, B., Hamilton, D. L., Wieczorkowska, G., Lewis, A., Sherman, S. J., & Uhles, A. N. (2000). Varieties of groups and the perception of group entitativity. Journal of *Personality and Social Psychology*, 78(2), 223–246. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.78.2.223.

- Lickel, B., Schmader, T., & Hamilton, D. L. (2003). A case of collective responsibility: Who else was to blame for the Columbine High School shootings? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(2), 194-204. doi: https://doi.org/10.1177/0146167202239045.
- Lima, M. E. O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300002.
- Lippmann, W. (1922). Public Opinion. New York: Harcourt Brace.
- Löckenhoff, E. C. et. al (2009). Perceptions of Aging across 26 Cultures and their Culture-Level Associates. *Psychology and Aging*, 24(4), 941–954. doi: 10.1037/a0016901.
- Lord, C. G., Desforges, D. M., Fein, S., Pugh, M. A., & Lepper, M. R. (1994). Typicality effects in attitudes toward social policies: A concept-mapping approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(4), 658 673. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.66.4.658.
- Lord, C. G., Lepper, M. R., & Mackie, D. (1984). Attitude prototypes as determinants of attitude-behavior consistency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(6), 1254-1266. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.46.6.1254.
- Luders, S.L. A & Storani, M.S.B. (2002). Demência: Impacto para a Família e a Sociedade.

 In: M. P. Netto (Org.). *Gerontologia: a Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*. (pp. 146-159). São Paulo: Atheneu.
- Luna, V. (2010). Juventude, velhice e preconceito na perspectiva das representações sociais. In: V. Luna & Z. Nascimento (Orgs.). *Desafios da psicologia contemporânea* (pp. 49-62). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Macedo, L. E. T. et. al. (2007). Estresse no trabalho e interrupção de atividades habituais, por problemas de saúde, no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(10), 2327-2336. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007001000008.

- Macrae, C. N., Mitchell, J. P., & Pendry, L. (2002). What's in a forename?: Cue familiarity and stereotypical thinking. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 186-193. doi: 10.1006/jesp.2001.1496.
- Marchiondo, L. A., Gonzales, E., & Ran, S. (2016). Development and validation of the Workplace Age Discrimination Scale. *Journal of Business and Psychology*, 31(4), 493-513. doi: http://dx.doi.org/10.1007/s10869-015-9425-6.
- Mariuzzo, P. (2012). Crescimento de cirurgias plásticas demonstra fusão dos conceitos de saúde e beleza. *Ciência e Cultura*, 64(3), 13-15. doi: http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252012000300006.
- Marques, S., Lima, M., Abrams, D. & Swift, H. (2014). Will to live in older people's medical decisions: Immediate and delayed effects of aging stereotypes. *Journal of Applied Social Psychology*, 44, n/a-n/a. doi: 10.1111/jasp.12231.
- Martens, A., Goldenberg, J. & Greenberg, J. (2005). A terror management perspective on ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 223-239. doi: 10.1111/j.1540-4560.2005.00403.x.
- McCabe, A., Spina, M. R., Arndt, J. (2016). When existence is not futile: The influence of mortality salience on the longer is better effect. *British Journal of Social Psychology*, 55(3), 600-611. doi: https://doi.org/10.1111/bjso.12143.
- Medin, D., & Ortony, A. (1989). Psychological essentialism. In S. Vosniadou & A. Ortony (Eds.), *Similarity and analogical reasoning* (pp. 179 195). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Medin, D. L., Goldstone, R. L., & Gentner, D. (1993). Respects for similarity. *Psychological Review*, 100(2), 254-278. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.100.2.254
- Medin, D. L., Lynch, E. B., & Solomon, K. O. (2000). Are there kinds of concepts? *Annual Review of Psychology*, 51, 121-147. doi: 10.1146/annurev.psych.51.1.121

- Meisner, B. A. (2012) A meta-analysis of positive and negative age stereotype priming effects on behavior among older adults. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci*, 67(1), 13-7. doi: 10.1093/geronb/gbr062.
- Meshcheryakovaa, N. N., Ilinab, G. N. & Kabanova, N. N. (2017). Basic Trends of Studying Aging in Global Sociology. *The European Proceedings of Social & Behavioural Siences*. doi: http://dx.doi.org/10.15405/epsbs.2017.01.63.
- Minkler, M. (2006). Generational equity and the new victim blaming. In H. R. Moody (Ed.), *Aging: Concepts and controversies* (pp. 181–190). Newbury Park, CA: Pine Forge Press.
- Montepare, J. M. & Zebrowitz, L. A. (2004). A social-developmental view of ageism. In T. D. Nelson (Ed.). *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 129-161). Cambridge: MIT Press.
- Moser, C., Spagnoli, J. & Santos-Eggimann, B. (2011). Self-perception of aging and vulnerability to adverse outcomes at the age of 65-70 years. *J Gerontol B Psychol Sci Soc Sci.*, 61(2), 675-680. doi: 10.1093/geronb/gbr052
- Murphy, G. L., & Medin, D. L. (1985). The role of theories in conceptual coherence.

 Psychological Review, 92(3), 289 316. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.92.3.289
- Nelson, T. D. (2015). Ageism. In: *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (2. ed., pp. 337-349). California: Psychology Press.
- Neri, A. (2009). *Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. (2. Ed.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Nery, P. F. (2014). O Programa Assistencial mais Caro do Brasil: sobre o Benefício de Prestação Continuada e uma comparação com o Bolsa Família. Brasília: *Núcleo de*

- *Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado*, Novembro/2014 (Boletim do Legislativo nº 16, de 2014). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos.
- Neto, F. (2004). Idadismo. In M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceito e discriminação: Perspectivas teóricas e empíricas* (pp. 279-300). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Ng, R., Allore, H. G., Trentalange, M., Monin, J. K., & Levy, B. R. (2015). Increasing negativity of age stereotypes across 200 Years: Evidence from a database of 400 million words. *PLOSONE*, 10(2). doi: 10.1371/journal.pone.0117086
- Nizamova, A. (2016). Active ageing and outward appearance: How do theoretical conceptions affect self-perception in old age? *The Journal of Social Policy Studies*, 14(4), 569-582.
- North, M.S., & Fiske, S.T. (2012). An inconvenienced youth? Ageism and its potential intergenerational roots. *Psychological Bulletin*, 138(5), 982-997. doi: 10.1037/a0027843.
- North, M. S. & Fiske, S. T. (2013a) Subtyping Ageism: Policy Issues in Succession and Consumption. *Social Issues and Policy Review*, 7(1), 36-57. doi: 10.1111/j.1751-2409.2012.01042.x.
- North, M.S., & Fiske, S.T. (2013b). A prescriptive, intergenerational-tension ageism scale: Succession, Identity, and Consumption (SIC). *Psychological Assessment*, 25(3), 706-713. doi: 10.1037/a0032367.
- Nussbaum, M. C. (1999). Sex and social justice. In M. C. Nussbaum (Ed.), *Objectification* (pp. 213–239). New York: Oxford University Press.
- Oakes, P. J. & Turner, J. C. (1990). Is Limited Information Processing Capacity the Cause of Social Stereotyping? *European Review of Social Psychology*, 1(1), 111-135. doi: https://doi.org/10.1080/14792779108401859.

- Ojala, H., Pietila, I. & Nikander, P. (2016). Immune to ageism? Men's perceptions of agebased discrimination in everyday contexts. *Journal of Aging Studies*, 39, 44-53. doi: 10.1016/j.jaging.2016.09.003.
- O'Laughlin, M. J., & Malle, B. F. (2002). How people explain actions performed by groups and individuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(1), 33–48. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.82.1.33.
- Organização Mundial de Saúde OMS (2002). Envelhecimento Saudável Uma Política de Saúde". Uma contribuição para a Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento. Madri, Espanha.
- Palmore, E. B. (1999). Ageism: Negative and positive. New York: Springer.
- Palmore, E. B. (2001). The Ageism Survey: First findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575. doi: 10.1093/geront/41.5.572.
- Palmore, E. B. (2003). "Ageism Comes of Age". *The Gerontologist*, 43(3), 418-420. doi: 10.1093/geront/43.3.418.
- Palmore, E. B., Branch, L. & Harris, D. (2005). *Encyclopedia of Ageism*. Binghamton, New York: Haworth Press.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento físico e cognitivo na vida adulta tardia. In. D. E. Papalia & R. D. Feldman. *Desenvolvimento Humano* (12. ed., pp. 570-601, C. Bueno e M. C. Silva trad.). São Paulo: Artmed.
- Park, B., Ryan, C. S., & Judd, C. M. (1992). Role of meaningful subgroups in explaining differences in perceived variability for in-groups and out-groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(4), 553 567. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.63.4.553.
- Pasquali, L. (1999). Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/ IBAPP.

- Peixoto, C. (2007). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: M. Moraes; L. Barros (Orgs.). *Velhice ou terceira idade?* (4. ed., pp. 69-84). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Pereira, M. E. (2002). Psicologia social dos estereótipos. São Paulo, SP: EPU.
- Pereira, M. E. (2008). Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências e Cognição*, 13(3), 280-287.
- Pereira, M. E. (2013). Cognição Social. In Leoncio C., Ana Raquel R. T., Marcus Eugênio O. L. & Marcos Emanoel P. (Orgs.). *Psicologia Social: temas e teorias* (2. Ed., pp. 191-260). Brasília: TechnoPolitik.
- Pollak, K. I., & Niemann, Y. F. (1998). Black and white tokens in academia: A difference of chronic versus acute distinctiveness. *Journal of Applied Social Psychology*, 28(11), 954-972. doi: http://dx.doi.org/10.1111/j.1559-1816.1998.tb01662.x.
- Pope Edwards, C. (1984). The age group labels and categories of preschool children. *Child Development*, 55(2), 440-452. doi: 10.2307/1129955.
- Quinalha, R. (2018, 17 de maio). A homofobia como produto do machismo. *CULT*. Acessado em 1 de outubro de 2018 por https://revistacult.uol.com.br/home/17-de-maio-a-homofobia-como-produto-do-machismo
- Quindlen, A. (2009, 18 de maio). Stepping aside. *Newsweek*. Acessado por http://www.newsweek.com.
- Ramsey, S. L., Lord, C. G., Wallace, D. S., & Pugh, M. A. (1994). The role of subtypes in attitudes towards superordinate social categories. *British Journal of Social Psychology*, 33(4), 387-403. doi: http://dx.doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01036.x.
- Richards, Z., & Hewstone, M. (2001). Subtyping and subgrouping: Processes for the prevention and promotion of stereotype change. *Personality and Social Psychology Review*, 5(1), 52-73. doi: https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0501 4.

- Riedle, J. E. (1991). Exploring the subcategories of stereotypes: Not all mothers are the same. Sex Roles, 24(11-12), 711-723. doi: http://dx.doi.org/10.1007/BF00288208.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization* (pp. 27-48). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Roth, E. M., & Shoben, E. J. (1983). The effect of context on the structure of categories.

 Cognitive Psychology, 15, 346 378. doi: https://doi.org/10.1016/0010-0285(83)90012-9.
- Rosch, E. M., Mervis, C. B., Gray, W. D., Johnson, D. M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, 8(3), 382 439. doi: https://doi.org/10.1016/0010-0285(76)90013-X.
- Rozendal, K. (1995). What are you?: Social categorization and the nature of dominant identities. Artigo não publicado, Rice University.
- Rudman, L. A., & Glick, P. (2001). Prescriptive gender stereotypes and backlash toward agentic women. *Journal of Social Issues*, 57(4), 743-762. doi: 10.1111/0022-4537.00239.
- Rupp, D., Vodanovich, S. & Crede, M. (2005). The multidimensional nature of ageism: construct validity and group differences. *Journal of Social Psychology*, 145(3), 335-362. doi: 10.3200/SOCP.145.3.335-362.
- Ruppel, S. E., Jenkins, W. J., Griffin, J. L. & Kizer, J. B. (2010). Are They Depressed or Just Old? A Study of Perceptions about the Elderly Suffering from Depression. *North American Journal of Psychology*, 12(1), 31-42.
- Salgado, C. D. S. (2002) Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre*, 4, 7-19.

- Santos, V. B., Tura, L. F. R. & Arruda, A. M. S. (2013). As representações sociais de "pessoa velha" construídas por idosos. *Saúde e Sociedade*, 22(1), 138-147. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902013000100013.
- Sargent-Cox, K. & Anstey, K. J. (2015). The relationship between age-stereotypes and health locus of control across adult age-groups. *Psychol Health*, 30(6), 652-670. doi: 10.1080/08870446.2014.974603.
- Schneider, D. J. (2004). Categories and Categorization. In D. J. Schneider, *The Psychology of Stereotyping* (pp. 64-119). New York & London: The Guilford Press.
- Schimel, J., Pyszczynski, T., Greenberg, J., O'Mahan, H. & Arndt, J. (2000). Running from the shadow: Psychological distancing from others to deny characteristics people fear in themselves. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 446-462. doi: 10.1037//0022-3514.78.3.446.
- Schmidt, D. F, & Boland, S. M. (1986). Structure of perceptions of older adults: Evidence for multiple stereotypes. *Psychology and Aging*, 1(3), 255-260. 10.1037/0882-7974.1.3.255.
- Schneider, D. J. (1991). Social cognition. *Annual Review of Psychology*, 42, 527-561. doi: https://doi.org/10.1146/annurev.ps.42.020191.002523
- Schneider, D. J. (2004). Categories and Categorization. In D. Schneider (Ed.), *The Psychology of Stereotyping* (pp. 64-119). New York, NY: The Guilford Press.
- Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estud. psicol. (Campinas)*, 25(4), 585-593. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013.
- Schoemann, A. M., & Branscombe, N. R. (2011). Looking young for your age: Perceptions of anti-aging actions. *European Journal of Social Psychology*, 41, 86–95. doi:10.1002/ejsp.738.

- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized Self-Efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, *Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs* (pp. 35-37). Windsor, UK: NFER-NELSON.
- Sherif, M.; Harvey, O.; White, B.; Hood, W. & Sherif, C. (1961). *Intergroup conflict and cooperation: The Robbers Cave experiment*. Norman: University of Oklahoma Book Exchange.
- Sia, T. L., Lord, C. G., Blessum, K. A., Ratcliff, C. D., & Lepper, M. R. (1997). Is a rose always a rose?: The role of social category exemplar change inattitude stability and attitude-behavior consistency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(3), 501-514. Doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.72.3.501.
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). Social dominance: An intergroup theory of hierarchy and oppression. New York: Cambridge University Press.
- Silva, L. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009.
- Silva, P. L. (2011, 28 de fevereiro). Homofobia: o homem é mais intolerante do que a mulher.

 Revista Veja. Acessado em 18 de setembro de 2018 por https://veja.abril.com.br/saude/homofobia-o-homem-e-mais-intolerante-do-que-a-mulher.
- Simpson, P., Home, M., Brown, L. J., Wilson, C. B., Dickinson, T. & Torkington, K. (2017). Old(er) care home residents and sexual/intimate citizenship. *Ageing Soc.*, 37(2), 243-265. doi: 10.1017/S0144686X15001105.
- Smith, E. R. (1990). Content and process specificity in the effects of prior experiences. In T.K. Srull & R. S. Wyer, Jr. (Eds.), *Advances in social cognition* (Vol. 3, pp. 1-59).Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Smith, E. R., & Zárate, M. A. (1992). Exemplar-based model of social judgment.

 Psychological Review, 99, 3-21. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.99.1.3
- Smith, E. R. (2014). Procedural Knowledge and Processing Strategies in Social Cognition.
 In: R. S. Wyer & T. K. Srul. *Handbook of Social Cognition, Second Edition*: Volume 1:
 Basic Processes (pp. 99-152). New York and London: Psychology Press.
- Solomon, S., Greenberg, J. & Pyszczynski, T. (2004). The cultural animal: twenty years of terror management theory and research. In J. Greenberg, S. Koole & T. Pyszczynski, T. (Eds.). *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp. 13-34). New York: The Guilfort Press.
- Souza, I. & Souza, M. A. (2004). Validação da escala de auto-eficácia geral percebida. *Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica*, 26 (1-2), 12-17.
- Stangor, C., Lynch, L., Duan, C., & Glass, B. (1992). Categorization of individuals on the basis of multiple social features. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(2), 207-218. doi: http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.62.2.207.
- Stewart, T. L., Chipperfield, J. G., Perry, R. P. & Weiner, B. (2012). Attributing illness to 'old age:' consequences of a self-directed stereotype for health and mortality. *Psychol Health*, 27(8), 881-897. doi: 10.1080/08870446.2011.630735.
- Stroessner, S. J. (1996). Social categorization by race or sex: Effects of perceived non-normalcy on response times. *Social Cognition*, 14(3), 247 276. doi: http://dx.doi.org/10.1521/soco.1996.14.3.247.
- Sullivan K. E. (2008). Ageism and the contact hypothesis: The effects of work-related and non-work-related contact on age-related stereotypes. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Texas.
- Szafran, R. F. (2002). Age-adjusted labor force participation rates, 1960–2045. *Monthly Labor Review*, 125, 25–38.

- Tajfel, H. (1981). *Grupos humanos e categorias sociais*. Tradução de Lígia Amâncio. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Forgas, J. P. (1981). Social categorization: Cognitions, values, and groups. In J.
 P. Forgas (Ed.), Social cognition: Perspectives on everyday understanding (pp. 113-140). New York: Academic Press
- Taylor, S. E. (1981). A categorization approach to stereotyping. In D. L. Hamilton(Ed.), Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior (pp. 88-114).Hillsdale: Elbaum.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In Techio, E. M. & Lima, M. E. O. (Eds.). *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 21-75). Brasília: TechnoPolitik.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In. W. G. Austin & S. W. Worschel (Eds.). *Psychology of intergroup relations* (2. ed., pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Thompson, A. E., O' Sullivan, L. F., Byers E. S. & Shaughnessy, K. (2014). Young Adults' Implicit and Explicit Attitudes towards the Sexuality of Older Adults. *Can J Aging*, 33(3), 259-70. doi: 10.1017/S0714980814000208.
- Torres, T. L. (2010). Pensamento social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Torres, T. L., Camargo, B. V., Boulsfield, A. B. & Silva, A. O. (2015). Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12), 3621-3630. https://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015

- Torres, T. L., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. (2016). Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etárioss. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 209-218. doi: https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012114209218
- Trafimow, D., & Radhakrishnan, P. (1995). The cognitive organization of sex and occupation stereotypes. *British Journal of Social Psychology*, 34(2), 189 197. doi: http://dx.doi.org/10.1111/j.2044-8309.1995.tb01057.x.
- Turner, J. C. (1991). Social influence. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Valente, M. (2008, 29 de dezembro). AIDS-Latin America: neglect, 'ageism' put older people at risk. *Inter Press Service English News Wire Article*. Acessado por http://www.ipsnews.net.
- Vaes, J., Paladino, M. P., & Puvia, E. (2011). Are sexualized females complete human beings?

 Why males and females dehumanize sexually objectified women. *European Journal of Social Psychology*, 41, 774–785. doi:10.1002/ejsp.824.
- Vargas, G. (2015, 28 de fevereiro). Os 60 são os novos 40. *Zero Hora*. Acessado em 20 de janeiro de 2016 por http://zh.clicrbs.com.br.
- Vieira, R. S. S. (2013). *Estereótipos e preconceito contra os idosos*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
- Vieira, R. S. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958. doi: http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-11.
- Walker, J. (2010, 30 de outubro). Elder Stereotypes in Media & Popular Culture. *Aging Watch*. Acessado em 4 de maio de 2018 por http://www.agingwatch.com/?p=439.
- Watson, W. K., Stelle, C. & Bell, N. (2017). Older Women in New Romantic Relationships:

 Understanding the Meaning and Importance of Sex in Later Life. The International

- Journal of Aging and Human Development, 85(1), 33-43. doi: https://doi.org/10.1177/0091415016680067.
- Wattenmaker, W. D. (1991). Learning modes, feature correlations, and memory-based categories. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 17(5), 908-923.
- Weber-Kollmann, R. (1985). Subtyping: The development and consequences of differentiated categories for stereotyped groups. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Northwestern, Evanston, IL.
- Wittenbrink, B., Hilton, J. L., & Gist, P. L. (1998). In search of similarity: Stereotypes as naive theories in social categorization. *Social Cognition*, 16(1), 31 55. doi: http://dx.doi.org/10.1521/soco.1998.16.1.31
- Wolf, R. (2011, 13 de maio). Medicare, Social Security running out of money faster. *USA Today*. Acessado em 25 de agosto de 2016 por http://www.usatoday.com.
- Zemore, S., & Cuddy, A. (2000). *Elderly stereotype contents at the automatic level*. Dados brutos não publicados.

ANEXO 1: INSTRUMENTO UTILIZADO NO ESTUDO 1

Uma competição poliesportiva reuniu vários estudantes em uma cidade do sudeste. Eles vinham de diferentes municípios e, além de premiações em dinheiro, pleiteavam vagas num campeonato mais abrangente, de nível nacional. Participou das provas, como convidada, Catarina (foto ao lado), intercambista recém-chegada do México que, contrariando regras da competição, tinha documentações pendentes desde sua inscrição no evento. Ela venceu duas provas de atletismo, mas foi impedida de receber prêmios além das medalhas pela impossibilidade de se comprovarem alguns de seus dados. Esta decisão foi tema de amplas discussões na comunidade local.



	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. O esporte estudantil merecia maior atenção em investimentos					
governamentais.					
2. No exemplo dado, o mérito esportivo deveria ter sido colocado acima de questões burocráticas.					
3. Restrições de prêmios como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
4. Seria mais adequado que a competição contasse apenas com estudantes brasileiros.					
5. A força de vontade pode ser mais importante que a preparação física.					
6. Em competições estudantis, a confraternização é mais importante que os resultados.					
7. Na situação apresentada, o maior erro foi o convite ter sido feito sem que a participante estivesse 100% regularizada.					
8. Estrangeiros tendem a dar maior importância ao esporte de base que nós, brasileiros.					
9. A premiação simbólica com medalhas e reconhecimento é mais importante que outras compensações.					
10. O futebol desvia nossa atenção de modalidades que poderiam ser igualmente desenvolvidas.					
11. Nossa burocracia é, na maior parte, um empecilho desnecessário.					
12. O Brasil apresenta resultados muito abaixo do seu potencial em competições internacionais de atletismo.					
13. O intercâmbio de atletas amadores, além da parte esportiva, é					
importante para suas formações como pessoas.					
14. Crianças devem ser incentivadas à prática esportiva.					
15. A frustração pela derrota serve como lição para outras situações das vidas de jovens atletas.					

O. O futebol desvia nossa atenção de modalidades que poderiam or igualmente desenvolvidas.				
. Nossa burocracia é, na maior parte, um empecilho esnecessário.				
2. O Brasil apresenta resultados muito abaixo do seu potencial em empetições internacionais de atletismo.				
3. O intercâmbio de atletas amadores, além da parte esportiva, é aportante para suas formações como pessoas.				
4. Crianças devem ser incentivadas à prática esportiva.				l
5. A frustração pela derrota serve como lição para outras situações as vidas de jovens atletas.				
A partir da foto apresentada acima, que nacionalidade você atribu	iria a Ca	tarina?		

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi João (foto ao lado), conhecido entre os colegas por ser uma pessoa simpática e gentil. Embora cumprisse suas obrigações, é sabido que tinha dificuldades para executar eficientemente alguns procedimentos e compreender certas tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.



	1	1	1		
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais					
importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a					
hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecê-					
la a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas					
histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa					
sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia					
e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já					
quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que					
não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus					
rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a					
economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas					
de sua faixa etária					

A	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	João?
R:														

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi João (foto ao lado), conhecido entre os colegas por ser uma pessoa fria e mal humorada. Embora cumprisse suas obrigações, é sabido que tinha dificuldades para executar eficientemente alguns procedimentos e compreender certas tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.



		•	•		,
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	João?
R:														

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi João (foto ao lado), conhecido entre os colegas por ser uma pessoa fria e mal humorada. Além de cumprir suas obrigações, é sabido que tinha competência para executar eficientemente os procedimentos que lhe cabiam e inteligência para compreender as tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.



			•		,
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	João?
R:														

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi João (foto ao lado). Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.



	1				
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	João?
R:														

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi Joana (foto ao lado), conhecida entre os colegas por ser uma pessoa simpática e gentil. Embora cumprisse suas obrigações, é sabido que tinha dificuldades para executar eficientemente alguns procedimentos e compreender certas tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.



Por favor, leia as frases abaixo e, para cada uma delas, marque um X na opção à direita que corresponde ao seu nível de concordância com elas.

	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a .	Joana?
R	:													

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor

futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi Joana (foto ao lado), conhecida entre os colegas por ser uma pessoa fria e mal humorada. Embora cumprisse suas obrigações, é sabido que tinha dificuldades para executar eficientemente alguns procedimentos e compreender certas tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.

Por favor, leia as frases abaixo e, para cada uma delas, marque um X na opção à direita que corresponde ao seu nível de concordância com elas.

				A WALLEY ON	Y CHILLING
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

\mathbf{A}	partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	Joana?
R:														

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi Joana (foto ao lado), conhecida entre os colegas por ser uma pessoa fria e mal humorada. Além de cumprir suas obrigações, é sabido que tinha competência

para executar eficientemente os procedimentos que lhe cabiam e inteligência para compreender as tarefas. Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.

Por favor, leia as frases abaixo e, para cada uma delas, marque um X na opção à direita que corresponde ao seu nível de concordância com elas.

					A CANHELLY
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecê- la a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A partır	das informações	apresentadas n	o início	da página,	que idade	você atrı	buiria a	Joana?
R:								

Em tempos de crise, a empresa de administração ABC (nome fictício) se viu obrigada a demitir, compulsoriamente, uma parte do seu quadro regular de funcionários, que foi devidamente ressarcida. Em

comunicado, a direção alegou ter adotado critérios internos para criar a lista de dispensa, visando ao melhor futuro para a companhia. Um dos funcionários demitidos foi Joana (foto ao lado). Por ser feito de forma abrupta, o informe de dispensa foi uma má surpresa, dada a portas fechadas, em pleno fim de expediente.

Por favor, leia as frases abaixo e, para cada uma delas, marque um X na opção à direita que corresponde ao seu nível de concordância com elas.

					1
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Carreiras profissionais têm, atualmente, muito mais importância na vida das pessoas do que deveriam.					
2. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a hora de dar vez à nova geração.					
3. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecêla a eles.					
4. Idosos podem ser entediantes por contarem as mesmas histórias várias vezes.					
5. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa sociedade progrediria mais rápido.					
6. É importante que empresas tenham bons setores de Psicologia e RH para lidar com situações como essa.					
7. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
8. Os mais velhos geralmente são teimosos para admitirem que não funcionam mais como antes.					
9. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade.					
10. Demissões como essa são aceitáveis, levando em conta o contexto.					
11. Grande parte dos idosos está presa ao passado.					
12. A satisfação com o trabalho não depende apenas dos seus rendimentos financeiros.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país.					
14. A estabilidade de empregos concursados permite que se trabalhe com maior bem-estar.					
15. Muitos idosos ficam mais felizes quando estão com pessoas de sua faixa etária					

A partir	das	informações	apresentadas	no	início	da	página,	que	idade	você	atribuiria	a	Joana?
R:													

	o 1te	0	и	Q.	lo 1te
	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. Eu temo que, quando estiver velho, meus amigos tenham todos partido					
2. Eu nunca mentirei sobre minha idade para parecer mais jovem					
3. Temo que vai ser muito difícil para mim encontrar prazer na velhice					
4. Quanto mais velho eu fico, mais eu me preocupo com minha saúde					
5. Terei muito com o que ocupar meu tempo quando estiver velho					
6. Fico apreensivo ao pensar em outras pessoas tomando decisões por mim quando eu envelhecer					
7. Não me incomoda de forma alguma me imaginar idoso					
8. Acho que estarei de bem com a vida quando envelhecer					
9. Nunca temi o dia em que me olharia no espelho e veria cabelos brancos					
10. Me preocupo com a possibilidade de as pessoas me ignorarem quando eu estiver velho					
11. Nunca temi ter a aparência envelhecida					
12. Acredito que ainda serei capaz de fazer a maioria das coisas por conta própria quando estiver velho					
13. Tenho medo de a vida não ter mais graça quando eu estiver velho					
14. Acho que me sentirei bem comigo mesmo quando envelhecer					
15. Quando me olho no espelho, me incomoda notar como minha aparência mudou com o passar da idade					

Por favor, responda abaixo com seus dados demográficos.

1. Seu sexo: () Masculino () Feminino

2. Sua	idade	:	a	nos											
3. Pro	fissão	(deix	e em l	ranco	, caso	seja s	ó estu	dante)	:						
4. Cur	so uni	versit	ário: _												
5. A re	nda ap	oroxii	nada (de sua	ı famíl	ia é de	e quan	tos sal	ários?	Marc	jue um	X em	um do	s quad	lros:
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ma	is de 1	0		
6. Em R:		anos	•			•		•					o? los qua	dros:	
7. Con	ii quai	itos it	10303	vocc (201111	C CIII I	ocu aic	i a dia	. Iviaic	que ui	11 24 61	ii uiii u	ios quai	a105.	
	Nenl	num	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Mais	de 10	

Muito obrigado pela colaboração!

ANEXO 2: INSTRUMENTO UTILIZADO NO ESTUDO 2

PARTE 1: EXERCÍCIO DE RECORDAÇÃO

Antes de responder ao estudo, pedimos que pense em pessoas mais velhas (que têm 60 anos ou mais) com quem você convive e tem proximidade. Pense na relação que você tem com essas pessoas, no que elas representam pra você, nas características pessoais delas e em momentos que vocês já passaram juntos. Pedimos que <u>aguarde um minuto pensando nessas pessoas</u> próximas e em como você as vê.

Por favor, responda:
1. Qual foi o pedido feito pelo texto acima?
R:
Responda com um X ao lado da opção que represente sua opinião: 2. No Brasil, qual é o nível de convívio que as pessoas têm com os mais velhos?
() Muito pouco() Pouco() Razoável() Bastante
Obrigado! Siga para a próxima parte.

PARTE 1: EXERCÍCIO DE RECORDAÇÃO

Antes de responder ao estudo, pedimos que pense em pessoas mais velhas (que têm 60 anos ou mais) com quem você não convive nem tem proximidade. Pense nos mais velhos que você encontra em filas de banco, pelo trânsito, nas ruas etc. Imagine situações em que você as notou e pensou sobre elas, e nas características que você atribuiu a elas. Pedimos que <u>aguarde um minuto pensando nessas pessoas</u> que não conhece e em como você as vê.

Por favor, responda:
1. Qual foi o pedido feito pelo texto acima?
R:
Responda com um X ao lado da opção que represente sua opinião:
2. No Brasil, qual é o nível de convívio que as pessoas têm com os mais velhos?
 () Muito pouco () Pouco () Razoável () Bastante
Obrigado! Siga para a próxima parte.

PARTE 1: PESQUISA DE OPINIÃO - Antes de responder ao estudo, leia com atenção a matéria abaixo e, em seguida, responda às questões que se seguem com sua opinião pessoal.

"Segundo o mais recente Relatório Mundial sobre a Juventude, lançado no dia 6 de Fevereiro de 2012 pelas Nações Unidas, os jovens em todo o mundo estão preocupados com a falta de oportunidades de emprego e torcem por maiores investimentos nesta área. Como consequência da crise econômica, a taxa global de desemprego entre trabalhadores mais jovens teve, em 2009, o maior aumento da história, atingindo a marca recorde de 75.8 milhões. Além disso, outros motivos de preocupação são a precariedade dos empregos ofertados e a questão da barreira etária, uma vez que muitos empregadores optam pela experiência de trabalhadores mais velhos.

Além disso, um recente estudo da *ASTD Workforce Development*, feito em parceria com a *Vital Smarts*, revela que, dentro do ambiente de trabalho, há outros desafios. Por exemplo, as dificuldades de aproximação e o conflito de ideias entre os mais jovens, que por vezes ocupam posições inferiores, e os mais velhos, comumente em cargos mais avançados. É um quadro que pode causar prejuízo não só ao desempenho de companhias como também ao desenvolvimento das carreiras dos iniciantes, que podem enfrentar uma 'cultura adversa' em certos empregos".

Por favor responda:

Obrigado! Siga para a próxima parte.

Torración responde.
1. Do que trata o texto acima?
R:
Responda com um X ao lado da opção que represente sua opinião:
 2. Quanto você acha que o mercado de trabalho apresenta dificuldades para os mais jovens () Não há dificuldades () Há poucas dificuldades () Há consideráveis dificuldades () Há muitas dificuldades
 3. Quanto você acha que essas dificuldades se apresentam ou se apresentarão também para você: () Nada () Pouco () Consideravelmente () Muito

PARTE 1: PESQUISA DE OPINIÃO - Antes de responder ao estudo, leia com atenção a matéria abaixo e, em seguida, responda às questões que se seguem com sua opinião pessoal.

"Dentes de leite exigem o mesmo cuidado que dentes permanentes. Esta é uma informação que, certamente, poderia surpreender muitos pais. Especialistas afirmam que é equivocada a ideia de que os dentes de leite não precisam ser tão bem preservados, pois a saúde da dentição definitiva depende de como foi cuidada a primeira dentição. É muito comum, portanto, que dentes de leite estragados impliquem problemas à saúde bucal posterior.

Ressalta-se que a atenção à higiene bucal de uma criança deve começar já nos primórdios, quando sequer existem dentes visíveis. Inicialmente, a higienização das gengivas dos bebês pode ser feita com gaze, que será substituída por escovas de dente macias quando surgem os primeiros dentes. Para os anos posteriores, os profissionais alertam: além de uma educação sobre como escovar os dentes e de se seguir uma frequência de escovação, é importante a consulta periódica a um dentista de confiança para check-up e orientações. São hábitos valorosos que, por não serem ensinados ou praticados pelos próprios pais, podem ser ignorados pelos filhos em fases posteriores de suas vidas, prejudicando a boa saúde".

Por favor, responda:
1. Do que trata o texto acima?
R:
Responda com um X ao lado da opção que represente sua opinião:
 2. Quanto você acha que, em nosso país, a higiene bucal é ensinada corretamente de pais para filhos: () Não é ensinada () É pouco ensinada () É ensinada razoavelmente () É bastante ensinada
 3. Quanto você acha que aprendeu sobre higiene bucal em sua família: () Nada () Pouco () Consideravelmente () Muito

Obrigado! Siga para a próxima parte.

Parte 2: As respostas à presente pesquisa se iniciam a seguir. Nas questões abaixo, marque um X na percentagem que correspondente a sua opinião pessoal:

1. Em s	ua opiniâ	ĭo, qual a	porcenta	gem de io	losos na p	oopulação	brasileir	a atual?		
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
2. Em s	sua opinia	ão, qual a	porcenta	gem de i		e tem a m	ı	1		de meia idade
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
		ı		l		I	ı		nvívio diá	
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
4. Em sua opinião, qual a porcentagem média de idosos nas turmas para obtenção da carteira nacional de habilitação?										
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
5. Em s em emp	-	io, qual a _]	porcentag	gem de id	osos que s	são habili 60%	dosos e c	apazes de	e ocupar ca	argos de chefía
				ř			,		a família	
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
		ĭo, qual é								1000/
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
8. Em s crise?	sua opinia	ão, qual a	porcenta	gem de i	dosos que	e são forte	es mental	mente pa	ra aguenta	ar situações de
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
9. Em s	ua opiniâ	ĭo, qual a	porcenta	gem de io	losos que	são atend	ciosos co	m seus co	onhecidos'	?
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
	sua opin	ião, qual	a chance	de avós e		mpartilha		mesmo go	osto music	
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
11. Em jovens?	-	ião, qual a	a porcent	agem de	idosos qu	e podem	ser produ	tivos tal	como erar	n quando mais
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
12. Em			porcenta	gem de io		são gene	rosos para	a com ent	es próxim	os em situação
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
	sua opin	ião, no B	rasil, qual	l é a porc	entagem (de idosos	que têm	filhos co	m mais de	60 anos?
00/	1.00/	200/	2007	400/	Z00/	(00/	700/	0.007	000/	1.000/

0%

10%

20%

30%

40%

50%

60%

70%

80%

90%

100%

14. E sua opinião, qual a porcentagem de idosos que podem ser articulados para lidar com as questões do mundo atual?

0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%	
15 E		·~ 1	,	1	. 1	~ ,.	٠, 1	. 1	n		
15. Em	15. Em sua opinião, qual a porcentagem de idosos que são otimistas sobre a vida?										
0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%	

Parte 3: Por favor, leia as frases abaixo e, para cada uma delas, marque um X na opção à direita que corresponde ao seu nível de concordância com elas.

	Discordo totalmente	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalmente
1. É válido dizer a idosos que eles estão velhos demais					
para fazer certas coisas porque, do contrário, eles					
podem se frustrar quando tentarem e falharem.					
2. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar					
porque já quitaram suas dívidas com a sociedade.					
3. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar por					
conta de suas fragilidades e possibilidade de					
adoecerem.					
4. É válido falar devagar com idosos porque eles					
podem levar um tempo para entender o que é dito.					
5. As pessoas deveriam preservar idosos de notícias					
tristes porque eles se emocionam facilmente.					
6. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura					
realidade de nossa sociedade.					
7. É útil repetir coisas para idosos porque, muitas					
vezes, eles podem não entender de primeira.					
8. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve					
oferecê-la a eles.					
9. Mesmo que não peçam ajuda, idosos devem ser					
ajudados com suas compras.					
10. Muitos idosos interpretam simples observações ou					
gestos como preconceito contra eles.					
11. Idosos se ofendem fácil demais.					
12. Idosos veem de forma exagerada os problemas que					
têm no trabalho.					
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e					
para a economia do país.					

	Discordo totalment	Discordo	Estou em dúvida	Concordo	Concordo totalment
1. Os trabalhadores mais velhos, em geral, não reconhecem a					
hora de dar vez à nova geração.					
2. Os mais velhos geralmente são muito teimosos para					
admitirem que não produzem mais como antes.					
3. Se os mais velhos não fossem tão avessos a mudanças, nossa					
sociedade progrediria mais rápido.					
4. Os mais velhos não se adequam a lugares tipicamente					
frequentados pelos mais jovens.					
5. Os mais velhos são um grande peso para os sistemas de					
saúde.					
6. Em certa altura, o maior benefício que os mais velhos podem					
oferecer à sociedade é passarem adiante os recursos de que					
dispõem.					
7. A geração mais velha detém uma quantia injusta de poder					
político em comparação com os mais jovens.					
8. Em geral, os mais velhos não combinam com baladas					
9. Os mais velhos não deveriam tentar ser descolados.					
10. Os mais velhos não deveriam ser mesquinhos com seu					
dinheiro quando parentes mais jovens estão necessitados.					
11. Os mais velhos muitas vezes são um fardo a ser carregado pelas famílias.					
12. Boa parte dos mais velhos não reconhece a hora de abrir					
caminho para os mais novos.					
13. Os médicos passam tempo demais tratando pessoas mais					
velhas que estão doentes o tempo inteiro.					
14. Os mais jovens normalmente são mais produtivos que os					
mais velhos em seus empregos.					
15. Em geral, os mais velhos não deveriam sair para lugares					
voltados aos mais jovens.					
16. Promoções de emprego não deveriam se basear na					
experiência dos mais velhos, e sim em sua produtividade.					
17. Os mais velhos não deveriam usar o Facebook do modo					
como fazem.					
18. Os mais velhos não têm real necessidade de obter as					
melhores vagas em estacionamentos.					
19. É injusto que idosos votem sobre questões que terão					
impacto bem maior sobre os mais jovens.	1				

Parte 5: Por favor, responda abaixo com seus dados demográficos.

 Seu sexo: (() N	Aasculino	(`) F	eminino

2. Sua	idade	:	a	nos												
3. Pro	fissão	(deix	e em l	oranco	, caso	seja s	ó estu	dante)	:					_		
4. Cur	so uni	versit	ário: _													
5. A re	enda a	proxii	nada (de sua	famíli	ia é de	quant	tos sal	ários?	Marqı	ıe um	X em	um (los qu	ıadros	3:
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ma	is de 1	0			
6. Em R:		-	, quar	itos ar	nos alg	uém p	orecisa	ter pa	ıra ser	consid	lerado	idoso	?			
7. Cor	n quai	ntos id	losos	você c	conviv	e em s	eu dia	a dia'	? Marc	que um	X en	n um d	os q	ıadro	s:	
	Nen	hum	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ma	is de	10	

Muito obrigado pela colaboração!